



PREFEITURA DE
SÃO PAULO

CURRÍCULO DA CIDADE



EDUCOMUNICAÇÃO

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS



PREFEITURA DE SÃO PAULO

PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO

Ricardo Nunes
Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO

Fernando Padula
Secretário Municipal de Educação

Samuel Ralize de Godoy
Secretário Adjunto de Educação

Ronaldo Tenório
Chefe de Gabinete

Sueli Mondini
*Chefe da Assessoria de Articulação das Direto-
rias Regionais de Educação – DREs*





PREFEITURA DE SÃO PAULO

COORDENADORIA DOS CENTROS EDUCACIONAIS UNIFICADOS E EDUCAÇÃO INTEGRAL – COCEU

Rosana Rodrigues da Silva
Coordenadora

Renata Rodrigues Inácio Eleutério
Thais Trufeli Vaze
Assessoria Gabinete

DIVISÃO DE GESTÃO DEMOCRÁTICA E PROGRAMAS INTERSECRETARIAIS – DIGP

Rogério Gonçalves da Silva
Diretor

EQUIPE TÉCNICA – DIGP

Carlos Alberto Mendes de Lima, Alexandre Rodrigues da Silva, Cléia Teixeira Silva, Daniela Agostinho, Gláucia Cristine Silva Burckler, Heloisa Aiko Uehara, Larissa Farina Barragan, Maurício Lui, Rômulo Araújo Fernandes, Taize Grotto de Oliveira, Simone Aparecida Luz Cabral.

Educomunicação

Carlos Alberto Mendes de Lima e Alexandre Rodrigues da Silva

COORDENAÇÃO E ELABORAÇÃO DE TEXTO

Bruno de Oliveira Ferreira, Carlos Alberto Mendes de Lima - atuaram como consultores da UNESCO neste processo (Educomunicação), Clayton Ferreira dos Santos Scarcella (Educomunicação), Maurício Virgolino da Silva e Paola Diniz Prandini

FORMADORES DE Educomunicação DAS DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO - DICEUs

Butantã: Natália Monteiro Batista

Campo Limpo: Bruno Moraes Santos e Mariana Oliveira da Silva

Capela do Socorro: Paula Aparecida

Freguesia/Brasilândia: Vanessa Alves Di Giaimo Ferreira e André Luiz Malagoli

Guaianases: Renato Souza de Oliveira Carvalho

Ipiranga: Andréa Taveira Mattos e Karina da Paz Pimenta

Itaquera: Daniela Fernandes Abbas e Osvaldo Braga marcondes

Jaçanã/Tremembé: Giane Gomes Pinheiro e Rosi Meire da Silva Rodrigues

Penha: Cláudia Valéria de Vitto

Pirituba/Jaraguá: Lucelia Martins de Souza

Santo Amaro: Renata Aparecida do Nascimento

São Mateus: Carina Martins Vieira Seles

São Miguel: Ricardo Claro de Almeida

COLABORADORES

Alda Ribeiro Martins, Ana Paula de Souza, Anderson Zotesso Rodrigues, Carlos Antônio Teixeira, Carmen Lúcia Melges Elias Gattás, Cláudia de Almeida Mogadouro, Daniel Amadei Gonçalves Barbiellini, Diogo Noventa Fonseca, Douglas de Oliveira Calixto, Eliana Angélica Peres D'alessandro, Elisiane Alves Oliveira, Eveline Stella de Araújo, Janaina Soares Gallo, Juliana Monteiro, Isabel Pereira dos Santos, Karla Isabel de Souza, Luci Ferraz Mello, Marcos Vinicius Yoshisaki, Mariza de Almeida Pinto, Marta Regina Russo Friedericks, Mauricio da Silva, Melina Lima de Resende, Michele Marques Pereira, Rita de Cássia da Silva Leão, Rogério Pelizzari de Andrade, Silene de Araujo Gomes Lourenco, Suéller Oliveira da Costa

LEITORES CRÍTICOS (ESPECIALISTAS EM EDUCOMUNICAÇÃO)

Alexandre Sayad, Cristiane Parente, Daniele Próspero, Ismar de Oliveira Soares, Marcelo Santos, Marciel Consani, Michele Marques e Rafael Gué Martini

LEITORES CRÍTICOS (TÉCNICOS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO)

Bruno da Silva Canabarro, Cristiane Paiva da Silva, Regiane Paulino, Juliana Gonçalves Mutafti, Márcia Helena Matsushita, Natália Arantes Martins de Souza, Regina Célia Fortuna Broti Gavassa, Rogério Gonçalves da Silva, Tatiane de Paula, Thaís Blasio Martins

REVISÃO

Daniela Agostinho e Alexandre Rodrigues da Silva

UNESCO NO BRASIL

Marlova Jovchelovitch Noleto
Diretora e Representante da UNESCO no Brasil

Maria Rebeca Otero Gomes
Coordenadora – Setor de Educação da UNESCO no Brasil

Maria Rehder
Oficial de Projetos – Setor de Educação da UNESCO no Brasil

REVISÃO TÉCNICA PELA UNESCO NO BRASIL

Maria Rehder
Oficial de Projetos – Setor de Educação da UNESCO no Brasil

Edneia Oliveira
Consultora da UNESCO no Brasil

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Elen Moraes

© SME-SP 2026



dade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido. A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em conformidade à Lei 9.610/1998, reconhece a especial proteção aos direitos autorais, mediante autorização prévia e expressa do detentor da obra. No caso de eventuais desconformidades, reitera o compromisso de diligentemente corrigir inadequações.

Consulte material disponibilizado em educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br

Esta publicação tem a cooperação da UNESCO e da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo no âmbito da parceria PRODOC 914BRZ1147, cujo objetivo é fortalecer a governança da Educação no Município de São Paulo por meio de ações de inovações à qualidade educativa e à gestão democrática. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste relatório não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites. As ideias e opiniões expressas nesta publicação são dos autores e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria dos Centros Educacionais Unificados e Educação Integral.

Curriculo da cidade : educomunicação : orientações pedagógicas. – São Paulo : SME / COCEU, 2026.
176 p. : il.

Bibliografia

1. Educomunicação. 2. Tecnologias para aprendizagem. 3. Educação – Currículos. I. Título.

CDD 371.33

Código da Memória Documental: SME116/2026
Elaborado por Roberta Cristina Torres da Silva – CRB-8/9245





Sumário

Carta do Secretário Municipal de Educação	12
Mensagem da UNESCO	13
Apresentação	15
Capítulo 1 - Conhecendo a Educomunicação	22
1.1. Educomunicação: metodologia ou abordagem?	29
1.2. Breve histórico da Educomunicação em São Paulo	33
1.2.1. Linha do tempo	35
1.3. Alfabetização midiática e informacional e educação midiática	40
1.4. Objetivos da Educomunicação	44
1.5. Competências da Educomunicação	46
1.6. Pressupostos da Educomunicação	50
Capítulo 2 – Educomunicação e diálogos com o Currículo da Cidade	60
2.1. Educomunicação: uma aliada para a educação integral	60
2.2. Inclusão e acessibilidade educacional	64
2.3. Educação antirracista, decolonial e decolonizadora	68
2.4. Educomunicação socioambiental	71
2.5. Equidade de gênero	75
2.6. Educação em saúde	77
2.7. Tecnologias para aprendizagem	79
2.8. Educação para os direitos humanos e a cultura de paz	80
2.9. Educomunicação e educação alimentar e nutricional: diálogos a partir do Currículo da Cidade	85

Capítulo 3 - Linguagens da Educomunicação em São Paulo	94
3.1. Leitura crítica da mídia: as camadas das mensagens midiáticas	96
3.2. Comunicar por meio da arte e da criação de narrativas	97
3.3. Jornal escolar: uma janela aberta para o mundo	100
3.4. Câmera na mão e intencionalidade pedagógica	101
3.5. Fotografia na educação: a expressão subjetiva por meio da imagem	103
3.6. Educação de qualidade nas ondas do rádio (e no streaming)	104
3.7. Cinema na escola	106
3.8. Transmídia com as agências de notícias estudantis	
Imprensa Jovem	109

Capítulo 4 – Educomunicação além de projetos de Educomunicação	118
4.1. Narrativas históricas através de <i>podcasts</i>	118
4.2. Linguagens artísticas em comunicação: experimentos em videoarte	121
4.3. Vozes e tiras da periferia: construção de fanzines e HQs em arte	123
4.4. Mãos que registram: práticas fotográficas para a alfabetização	125
4.5. Produção textual significativa nas aulas de Língua Portuguesa	127
4.6. Editoria do clima: itinerário do ensino médio	129
4.7. Inglês como chave de comunicação: Educomunicação para líderes globais	131
4.8. PODPAP, o <i>podcast</i> da turma: Educomunicação no apoio pedagógico	133
4.9. O <i>podcast</i> e o uso das TICs no contexto antirracista	135
4.10. Da leitura à ação: consciência ambiental na educação infantil	137
4.11. <i>Podcast</i> “Deixa que eu te conto”: escuta sensível na educação infantil	139
4.12. Audiodescrição para a acessibilidade com inteligência artificial generativa	140
4.13. Emergências climáticas nos 4 cantos da cidade: Educomunicação Socioambiental em Rede	142

Capítulo 5 – Como fazer Educomunicação na minha escola?	148
5.1. Mapeando oportunidades para a Educomunicação	148
5.2. Alguns instrumentos de mapeamento	150
5.2.1. Mapa de empatia	150
5.2.2. Mapa de contexto	151
5.2.3. Análise SWOT (ou FOFA, na versão em português)	152
5.3. Sua vez de realizar um mapeamento diagnóstico!	152
5.3.1. Na prática: Planejando o projeto de Educomunicação	153
5.4. Avaliação do processo educ comunicativo	159
 Palavras finais	 165
 Referências	 167







CARTA DO SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Educadoras(es) da Rede Municipal de Ensino de São Paulo,

Em uma sociedade cada vez mais conectada e midiática, a apropriação crítica e criativa das linguagens e tecnologias da informação e comunicação é um elemento fundamental para a formação de cidadãs e cidadãos autônomos, participativos e conscientes de seu papel no mundo. Este documento materializa a concepção de uma Educação Integral, que reconhece os bebês, crianças, jovens e adultos em suas múltiplas dimensões e potencialidades. A Educomunicação, em sua essência, dialoga diretamente com a Matriz de Saberes do Currículo da Cidade ao promover o pensamento científico, crítico e criativo, a empatia, a colaboração e a responsabilidade. Por meio de práticas educomunicativas, abrimos caminhos para que nossos estudantes se tornem os produtores de suas próprias narrativas, expressando suas identidades, culturas e visões de mundo.

Em uma Cidade Educadora como São Paulo, os territórios e suas ricas diversidades são potentes espaços de aprendizagem. A Educomunicação convida nossas Unidades Educacionais a transcenderem seus muros, estabelecendo um diálogo vivo com a comunidade e utilizando as linguagens de comunicação para investigar, registrar e intervir positivamente em suas realidades locais. Essa linha fortalece a Educação Inclusiva, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas, especialmente aquelas historicamente silenciadas, construindo ecossistemas comunicativos plurais.

Acreditamos que, ao fomentar a autoria e a expressão de nossos estudantes, desde a primeira infância até a educação de jovens e adultos, estamos investindo na transformação social. Qualificar a capacidade de se comunicar e de analisar criticamente as mensagens que nos cercam é mais um passo decisivo que damos para quebrar ciclos de pobreza e desigualdade, instrumentalizando nossos estudantes para a leitura do mundo e a construção de novos futuros possíveis.

Que estas orientações inspirem projetos inovadores e potentes em todas as nossas escolas, fortalecendo uma educação pública de qualidade, socialmente referenciada e comprometida com o desenvolvimento pleno de cada um de nossos estudantes.

Um excelente trabalho a todas e todos!

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação de São Paulo



MENSAGEM DA UNESCO

A UNESCO no Brasil celebra os 25 anos da trajetória da Educomunicação na Rede Municipal de Ensino de São Paulo com o lançamento da publicação “Orientações pedagógicas em Educomunicação”, produzida em cooperação técnica com a Secretaria Municipal de Educação (SME-SP). No contexto da implementação do Currículo da Cidade, que se alinha aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a obra oferece referenciais teóricos, metodológicos e práticos para apoiar os docentes da educação básica na promoção de uma educação integral, inclusiva e democrática, articulada aos direitos humanos e à participação estudantil.

A Educomunicação dialoga de forma direta com a agenda da UNESCO para a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), que constitui uma competência estratégica para a promoção da liberdade de expressão, do acesso à informação e da participação democrática, bem como para a construção de sociedades mais inclusivas e resilientes. Em um cenário marcado pela abundância de informações, pela desinformação e pelas rápidas transformações que ocorrem nos ambientes de mídia, informação e tecnologia, é essencial que os estudantes desenvolvam habilidades para acessar, avaliar criticamente, produzir e compartilhar conteúdos de forma ética, responsável e criativa. A experiência paulistana demonstra o potencial da AMI quando se associa a processos participativos que ampliam vozes, valorizam a diversidade e promovem a construção coletiva do conhecimento.

Desde 2008, a UNESCO no Brasil apoia as iniciativas de Educomunicação da SME-SP. O reconhecimento internacional do Programa Imprensa Jovem, que, em 2020, recebeu o prêmio Global Alliance for Partnerships on Media and Information Literacy (GAPMIL) da UNESCO, reafirma a relevância de uma experiência desenvolvida no ensino público brasileiro a partir do protagonismo estudantil. Esse reconhecimento demonstra que iniciativas fundamentadas em direitos, participação e inovação pedagógica podem produzir impactos globais e inspirar práticas em diferentes países.

Na era da inteligência artificial (IA), a Educomunicação torna-se ainda mais importante. Se as novas tecnologias ampliam oportunidades de aprendizagem e criação, elas também exigem discernimento ético, pensamento crítico e responsabilidade social.

Marlova Jovchelovitch Noleto

Diretora e Representante da UNESCO no Brasil





Apresentação

Temos a alegria de apresentar as *Orientações Pedagógicas em Educomunicação*, documento construído de forma colaborativa e participativa com estudantes, ex-estudantes, docentes, formadores e formadoras de Educomunicação, representantes da Coordenadoria dos Centros Educacionais Unificados e Educação Integral – COCEU (em especial da Divisão de Gestão Democrática e Programas Intersecretariais – DIGP) e Coordenadoria Pedagógica – COPED (em especial a Divisão de Currículo - DC), além de especialistas da área. Esse trabalho é fruto de um diálogo ampliado sobre as experiências e desejos que embasam o desenvolvimento de projetos e de práticas em Educomunicação na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME/SP).

Estes encontros foram realizados em diversos momentos, sendo um primeiro, a partir de uma pesquisa realizada, no mês de fevereiro de 2024, com estudantes, ex-estudantes e docentes que possuem envolvimento com projetos educacionais, para identificar o que entendem como vantagens de participar de projetos dessa natureza, seus objetivos, competências e habilidades desenvolvidas nesse processo.

No segundo momento foram realizados, de abril a julho de 2024, grupos focais com docentes, estudantes, ex-estudantes, pessoas que frequentam e participaram da equipe de formação em Educomunicação, representantes da COCEU e COPED, responsáveis pela Educação em Direitos Humanos, Gestão Democrática e Grêmios Estudantis, Gênero e Diversidade, representantes do Núcleo Intersecretarial Saúde na Escola, Educação Étnico-Racial, Educação Ambiental, Sala de Leitura, Academia Estudantil de Letras e Tecnologias para Aprendizagem. Os grupos focais ajudaram a estabelecer os conteúdos e o formato do documento, a partir de uma interpretação dos dados da pesquisa inicial e a contribuição com os desejos de cada participante para um documento que irá orientar as propostas educacionais na SME/SP.

No terceiro momento foi realizado um grupo focal com especialistas em Educomunicação de diversas áreas e experiências, e feito um convite à leitura crítica da versão prévia, por parte de todas as pessoas participantes, para que ao final desse processo apresentássemos a versão consolidada desta *Orientação Pedagógica*.



Este documento contribui para a consolidação da Educomunicação como política pública na Rede Municipal de Ensino de São Paulo (RME/SP), desde a implementação do projeto Educom.Rádio, em 2001¹, até a concretização da Agência de Notícias Imprensa Jovem como política pública, em 2025².

Dialoga com o Currículo da Cidade São Paulo, em especial com as Matriz de Saberes e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Vale destacar que as iniciativas em Educomunicação da Rede Municipal de Ensino de São Paulo são reconhecidas nacional e internacionalmente, em especial o Programa Imprensa Jovem que em 2020 conquistou o prêmio Aliança Global para Mídia e Informação da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

A gestão da comunicação em espaços educativos, a leitura crítica dos meios, dos produtos da comunicação, a expressão comunicativa por meio da Arte, a produção de conteúdos comunicativos para a educação, a educação midiática - que perpassam as propostas educacionais - são indissociáveis da promoção de acesso e acessibilidade, do combate ao racismo, às violências de gênero, ao etarismo, ao capacitismo, aos preconceitos e discriminações por conta da condição social, econômica e/ou de identidade e orientação sexual. A Educomunicação na SME/SP surge no enfrentamento à violência propondo o diálogo e a horizontalidade nas relações entre comunicação, educação e ação. E, assim segue, a partir de uma abordagem que, por ser contextual, se mantém atualizada, pois não depende de uma tecnologia e nem mesmo pode ser substituída por inteligências artificiais.

A escritora Conceição Evaristo³ diz que nós escrevemos a partir do chão que pisamos. Por isso, este documento é feito por e com pessoas da Educomunicação,

¹ Lei Municipal nº. 13.941, de 20 de dezembro de 2004, que instituiu o Programa EDUCOM-Educomunicação Pelas Ondas do Rádio.

² Lei municipal no. 18.268, de 03 de junho de 2025, que consolida o Programa Imprensa Jovem no município de São Paulo e o reconhece como uma política pública para promover a Educomunicação nas escolas, fortalecendo o direito à comunicação, liberdade de expressão e alfabetização midiática.

³ Conceição Evaristo sistematizou o conceito de *escrevivência*, conceito que surge da junção das palavras “escrever” e “vivência” como forma de narrar a própria vida e as experiências da comunidade negra, especialmente das mulheres negras, de maneira que a escrita se torna um ato de resistência e afirmação. A *escrevivência* não é apenas uma forma de contar histórias, mas também de preservar memórias e dar voz a quem muitas vezes é silenciado. Para conhecer mais a respeito, indicamos os capítulos *A Escrevivência e seus subtextos* e *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*, que compõem o livro **Escrevivência: a escrita de nós**, organizado por Constancia Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes (Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020). O livro completo está disponível gratuitamente em <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A- Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em 18 set. 2024.



vinculadas diretamente ou indiretamente com suas práticas na SME/SP. Este é o chão que pisamos, o chão da escola, do encontro, da escuta, do diálogo e do olhar crítico, sempre querendo contar mais uma história e possibilitar que estudantes também narrem as suas, pois, como diz o escritor e ativista indígena Ailton Krenak, cada vez que contamos mais uma história, adiamos um pouco o fim do mundo⁴.

E, deste encontro coletivo, e deste chão que pisamos, o documento de *Orientações Pedagógicas em Educomunicação* foi pensado e elaborado em partes:

→ **Conhecendo a Educomunicação:** O documento inicia com um breve histórico da Educomunicação na SME/SP, desde as primeiras experiências em 2001, passando por seus conceitos vinculados a documentos que orientam o currículo da Educação Municipal de São Paulo.

→ **Educomunicação e diálogos com o Currículo da Cidade:** Nesta parte, apresentamos como o uso dos meios de comunicação na educação se entrelaça, de forma transdisciplinar, à educação paulistana e à Matriz de Saberes, contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes.

→ **Linguagens da Educomunicação em São Paulo:** Apresentamos, nesta seção a fotografia, o audiovisual, a literacia midiática, o rádio e o jornal como caminhos possíveis para a educação de qualidade.

→ **Educomunicação além dos projetos de Educomunicação:** Nesta parte apresentamos como usar a comunicação em processos de ensino-aprendizagem nas aulas regulares, na educação infantil e até em outros projetos da RME/SP como os Grêmios.

→ **Como fazer Educomunicação na minha escola?** Apresentamos nesta seção um caminho para que docentes e estudantes planejem uma proposta educacional, seja no horário regular ou em atividades extracurriculares.

Trilhando este documento, você também vai encontrar: **Educom na Prática,**

⁴ “Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim do mundo”. Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 27.



com exemplos de projetos educacionais que podem inspirar suas ideias e ações; Dicas; convites à **Reflexão**; e informações complementares em **Você Sabia?**, ampliando os caminhos de compreensão sobre Educação.

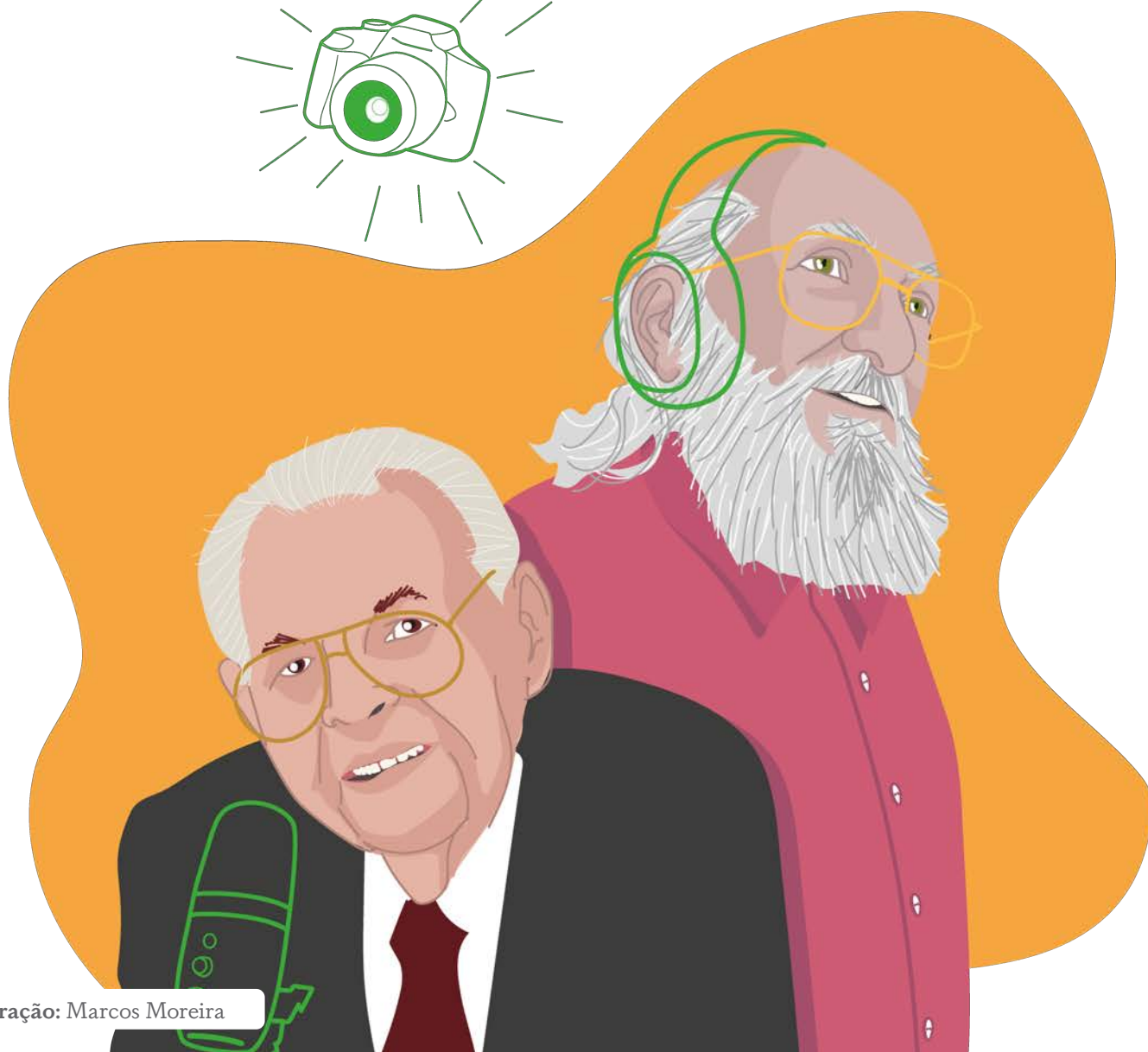
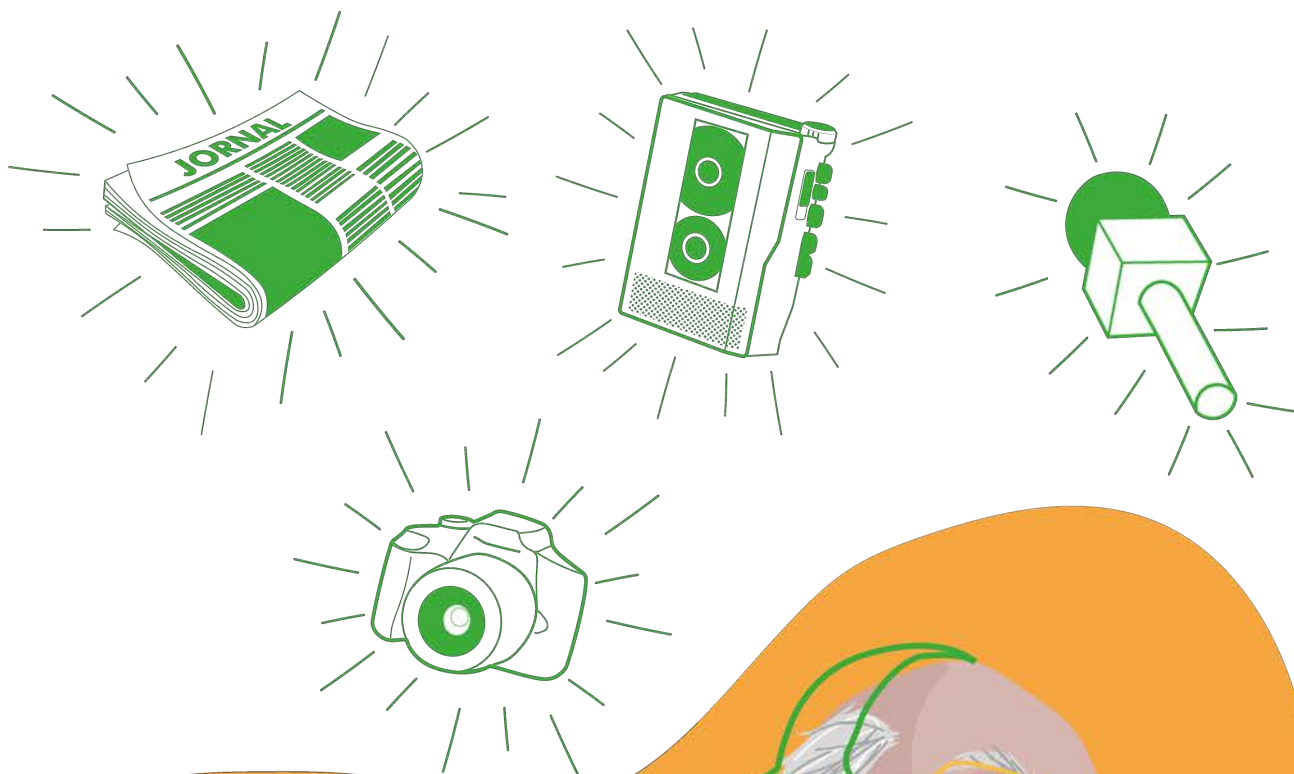
Por fim, são propostas para adiar o fim do mundo, porque educar é humanizar nossos saberes e construir, no afeto e no diálogo, uma sociedade mais justa e equitativa por meio da Educação pública e de qualidade.



(...) a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim do mundo.

Ailton Krenak

CAPÍTULO 1



CONHECENDO A EDUCOMUNICAÇÃO



Capítulo 1 - Conhecendo a Educomunicação

Os recursos digitais de comunicação, como redes sociais, blogs, websites e aplicativos, nos proporcionam uma sensação de inovação e de conectividade com o espírito contemporâneo de compartilhamento, de produção colaborativa, de publicação e de armazenamento de informações. O processo criativo destes processos de inovação deve estar diretamente vinculado às perspectivas da sociedade que queremos colaborar para construir.

É importante ressaltar que o uso de recursos de comunicação por educadoras e educadores não é uma novidade. Na verdade, essas experiências já são realizadas desde os anos 1920, ao menos, quando o educador Célestin Freinet⁵ buscava estabelecer uma relação mais próxima entre o conteúdo ensinado na escola e a realidade estudantil.

Freinet desenvolveu estratégias, como passeios pela cidade, para envolver estudantes no processo de aprendizagem, aproveitando-se do ambiente externo para estimular suas curiosidades e interesses. Para consolidar essas experiências, o educador francês incentivou estudantes a escreverem sobre suas vivências, iniciando assim a produção de um jornal escolar. Esse jornal permitia que os estudantes compartilhassem suas ideias e percepções com a comunidade escolar e local, valorizando suas contribuições e dando um propósito prático à pesquisa e ao aprendizado.

A abordagem de Freinet apresenta uma visão de educação mais dinâmica e participativa, que valoriza a experiência prática e a interação entre estudantes, educadores e conteúdos a serem estudados. Da mesma forma, no contexto latino-americano, também existem práxis históricas que contribuem para o que é a Educomunicação dos dias de hoje.

Mário Kaplún⁶, comunicador e educador popular argentino, desenvolveu, junto a movimentos populares do continente, um método de intercâmbio para mobilização social entre comunidades latino-americanas, chamado “Cassete-Fórum”, que consistia em um processo dialógico de troca de experiências e de

⁵ FREINET, Célestin. **Para uma Escola do Povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁶ KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Ediciones de la Torre, 2010.



soluções para desafios comuns, utilizando gravações em fitas cassete (muito comuns à época).

Célestin Freinet e Mário Kaplún idealizaram suas práticas com base em experiências locais, buscando caminhos para articular e mobilizar pessoas, estudantes e comunidades, realizando práticas que têm, ao mesmo tempo, processos educativos e comunicativos. Por isso, dizemos que eles são precursores da Educomunicação.

Juntamente com eles, também o educador Paulo Freire⁷ ocupa a posição de precursor da Educomunicação. Freire buscou em suas contribuições entender e praticar uma educação contextualizada, que entendia as experiências e os saberes pessoais de cada estudante como essenciais para o aprendizado da leitura e da escrita. Freire valorizava a relação dialógica entre docentes e estudantes⁸, e pensava a docência como espaço de pesquisa e de aprendizado constantes, do mesmo modo que estudantes, em sua visão, também poderiam ensinar e aprender conjuntamente com todas as pessoas envolvidas nos processos educativos. A perspectiva freiriana nos inspira a uma educação da boniteza, do compromisso com o processo educativo de cada pessoa, com a amorosidade⁹ e com a comunicação, porque não há educação sem comunicação¹⁰.

7 FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

8 FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

9 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

10 As ideias apresentadas neste parágrafo encontram fundamentação em diversas obras centrais de Paulo Freire. A crítica à “educação bancária” e a defesa de uma prática dialógica, contextualizada e baseada na leitura do mundo são os pilares de Pedagogia do Oprimido (Freire, 2019). A concepção da docência como pesquisa e os saberes necessários à prática educativa — incluindo a “boniteza” e a “amorosidade” — são aprofundados em Pedagogia da Autonomia (Freire, 2020). A relação indissociável e crítica entre ato educativo e ato comunicativo é o tema principal de Extensão ou Comunicação? (Freire, 1983).





Reflexão

"A Educomunicação, na base que forma o seu conceito, traz as reflexões de Paulo Freire marcadas em suas práticas e teorias. Atuar na luta pelo direito à Comunicação, na leitura crítica dos meios de Comunicação, no protagonismo das pessoas em processos comunicativos, na reflexão e na ação sobre o contexto social, na produção de espaços de diálogo com participação ativa e decisória da comunidade, no estreitamento de relações, na conscientização, na busca por uma sociedade mais justa e com mais bonitez, são ações que fazem parte da práxis educ comunicativa". (Silva, 2018, p. 117)¹¹.

A Educomunicação é uma abordagem que relaciona as áreas da Educação e da Comunicação a partir das iniciativas de comunicação participativa e de educação popular e democrática. Através de práticas realizadas em escolas, coletivos, associações e movimentos da sociedade civil, busca aprimorar as relações de comunicação entre as pessoas da comunidade e garantir a pluralidade de ideias, histórias, referências e reivindicações, fazendo uso das linguagens comunicativas e recursos midiáticos e tecnológicos para promover o desenvolvimento social. Um exemplo disso é a educação popular, na qual o educador Paulo Freire aplica o conceito de educação libertadora, incentivando a interação de estudantes no exercício do ler para compreender o mundo e do escrever para transformar o mundo.

Ao observar experiências como estas, o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), coordenado pelo educador Ismar de Oliveira Soares¹², realizou uma pesquisa com 176 especialistas de 12 países da América Latina e da Espanha, entre 1997 e 1999, e observou que a relação Educação e Comunicação, promovida em terras latino-americanas, está mais vinculada a processos de comunicação (relações de comunicação entre pessoas, pessoas e suas comunidades, pessoas e sua cidade e governos) do que especificamente ao universo midiático. O intuito era construir uma sociedade democrática e com garantia de direitos e acesso.

¹¹ SILVA, Mauricio Virgulino da. Educom é amor e luta, mas que amor e que luta? Revista Unifreire, v.6, n. 6, dez, 2018, p.105-117. O autor destaca a influência do pensamento de Paulo Freire na constituição da Educomunicação, especialmente nas práticas relacionadas ao direito à comunicação, à leitura crítica dos meios, ao protagonismo, ao diálogo, à participação social e à transformação da realidade.

¹² O livro Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio (São Paulo: Paulinas, 2011), uma das principais publicações de Ismar de Oliveira Soares, teve a distribuição de 11 mil exemplares realizada, em 2023, pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo a 565 escolas da Rede Municipal e trata-se de uma importante referência bibliográfica da área da Educomunicação.



Assim, na visão latino-americana da relação entre a Educação e a Comunicação, nomeada como Educomunicação, o uso dos meios de comunicação e de recursos tecnológicos da época, como o rádio, os meios impressos e o vídeo, deveriam garantir às pessoas das periferias maior acesso aos centros de poder e, portanto, colocar a mídia e os recursos tecnológicos a serviço das comunidades, produzindo, assim, uma comunicação alternativa, desenvolvendo uma relação forte com a ideia de educação popular dialógica.

Desta forma, entendemos que a Educomunicação tem como objetivo pensar e trabalhar o processo comunicativo como caminho educativo para garantia de direitos e em prol da consciência crítico-social, promovendo experiências que aprofundem as relações interpessoais e que permitam a construção de redes para desenvolver Ecossistemas Educomunicativos (Soares, 2023)¹³.



Fica a dica!

A definição de Educomunicação pela Academia Brasileira de Letras¹⁴

Definição: *Educomunicação s.f.*

1. *Conjunto de conhecimentos e ações que visam desenvolver ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos em espaços culturais, midiáticos e educativos formais (escolares), não formais (desenvolvidos por ONGs) e informais (meios de comunicação voltados para a educação), mediados pelas linguagens e recursos da comunicação, das artes e tecnologias da informação, garantindo-se as condições para a aprendizagem e o exercício prático da liberdade de expressão.*

2. *Formação e atividade profissional da pessoa que atua como educadora, relacionadas ao estudo e aplicação desses conhecimentos.*

¹³ Ismar de Oliveira Soares apresenta a definição de ecossistemas comunicativos e ecossistemas educacionais em alguns livros, artigos e vídeos. Trazemos aqui uma que faz parte do vídeo produzido para o curso Educação dos Sentidos para fazer sentido: Arte nas escolas como estratégia de comunicação, promovido pela parceria entre Ministério da Cultura e Ministério da Educação, ofertado via AVAMEC e faz parte do Módulo 7: Arte, Educação e Educomunicação para quê?. Disponível em https://youtu.be/ncxD2M7GGmk?si=l1_l8-I_8r9KTpHJ. Acesso em 28 ago. 2024.

¹⁴ A Academia Brasileira de Letras (ABL) incluiu o termo 'Educomunicação' na nova edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), lançada em 2021. Sendo também um dos termos em destaque no Projeto Novas Palavras. A definição apresentada pela Academia Brasileira de Letras, acompanhada de exemplos de uso e respectivas referências, está disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/educacao>. Acesso em 28 ago. 2024.



Quando nos referimos ao conceito de *ecossistema*, geralmente lembramos dos sistemas de vida, que vem da *ecologia* - ciência que estuda as relações entre seres vivos e os ambientes em que estão inseridos. Quando olhamos para um deserto, encontramos um ecossistema árido, em geral com muito calor durante o dia e muito frio à noite, com raras chuvas e pouca umidade. Quando estamos em florestas protegidas, encontramos um ecossistema rico, em que o meio ambiente apresenta alimento, nutrientes, água e inúmeras formas de vida que coexistem com qualidade.



Estudante tem voz

“Entrei no projeto sem saber nada sobre jornalismo. Um tempo depois, fui descobrindo a Educomunicação, aprendi a editar vídeos e fotos, a tirar fotos profissionais e a criar pautas e perguntas para entrevistas. Aprendi também a socializar melhor, perder a timidez e melhorar minha comunicação com as pessoas. Nunca irei me esquecer de tudo o que aprendi como educador e pretendo, no futuro, começar uma carreira no mundo audiovisual.”

Pedro Henrique Santos Dias, 14 anos, integrante da equipe do projeto “BNE Imprensa Jovem”

Neste sentido, podemos observar que os ecossistemas comunicativos - que dizem respeito às relações de comunicação nos espaços que habitamos - assumem diferentes configurações. Alguns desses ecossistemas são verticais: neles, o poder de produzir e fazer circular informações se concentra nas mãos de poucas famílias ou grupos, estabelecendo uma dinâmica antidemocrática em que a autoridade de alguém ou de um grupo se impõe sobre as demais pessoas. Em contrapartida, outros ecossistemas comunicativos são horizontais: nesses espaços, há vida e vitalidade, com possibilidades efetivas para que as pessoas se expressem, respeitando umas às outras. Neles, circulam informações de forma mais livre, fortalece-se a riqueza cultural, valorizam-se as emoções e sentimentos, contribuindo, assim, para o pertencimento, o protagonismo, o bem-estar coletivo e o desejo compartilhado de melhorar a comunidade de forma participativa e colaborativa.





Ecossistema Educomunicação

Para falar dos Ecossistemas Educomunicativos, precisamos pensar nos espaços que habitamos: o espaço familiar, o espaço escolar, os espaços do bairro, da cidade, e observar que existem diferentes maneiras de nos comunicarmos dentro destes espaços, com linguagens próprias e específicas em cada um deles. Podemos considerar cada espaço como um sistema, que recebe influências da cultura, dos costumes e dos meios de comunicação.

Uma escola, por sua vez, é um ecossistema comunicativo composto por estudantes, docentes, pessoas responsáveis pela gestão, limpeza, segurança e transporte, familiares de estudantes e comunidade, que precisam dialogar para que a escola funcione, regida pelas normas e leis da Educação.

Assim, quando falamos de um ecossistema comunicativo horizontal, dizemos que ele é um Ecossistema Educomunicativo, no qual as pessoas, em uma escola, comunidade ou território, independentemente da idade, condição física, gênero, raça, etnia, saberes, conhecimentos e de sua condição social, têm possibilidade de se expressar e de construir conjuntamente aquilo que é de interesse coletivo, respeitando os direitos e buscando equidade.

A Educomunicação pode ser definida¹⁵ como um conjunto de ações voltadas para criar e fortalecer ecossistemas comunicativos abertos e criativos, sob a perspectiva da gestão compartilhada e democrática. Assim, a Educomunicação se fundamenta na garantia de uma dinâmica que promova novas relações de comunicação entre indivíduos, em diversos processos educativos e comunicacionais, visando à formação humana e cidadã.

A conquista da autonomia crítica para uma leitura de mundo e para a apropriação de linguagens é fundamental para a formação dos indivíduos, promovendo o desenvolvimento e a melhoria das relações dialógicas. Para tanto, fazer uma leitura crítica dos meios de comunicação e realizar propostas de produção midiática também colaboram para essa construção de participação social.

¹⁵ A Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom) apresenta uma definição do conceito de Educomunicação em <https://abpeducom.org.br/educom/conceito/>. Acesso em 25 abr. 2025



Neste sentido, reconhecemos sete áreas de intervenção social da Educomunicação ¹⁶:

1. Educação para a comunicação (foco na leitura crítica das mensagens dos meios de comunicação);

2. Mediação tecnológica na Educação (integração das TIC em processos educacionais para criar ambientes de aprendizagem mais dinâmicos e participativos);

3. Gestão da comunicação nos espaços educativos (assegurando a construção de ecossistemas educomunicativos em escolas e comunidades educativas);

4. Reflexão epistemológica sobre o agir educomunicativo (estudos e compreensão contínuos da área);

5. Expressão comunicativa por meio da arte (construção de ecossistemas educomunicativos por meio de processos da Arte e da Cultura);

6. Pedagogia da comunicação (processos educativos proporcionados por recursos e práticas de comunicação).

7. Produção midiática (planejamento e elaboração de produtos midiáticos para processos educativos).

Outras vertentes que interrelacionam Comunicação e Educação também são chamadas de Educação Midiática e de Mídia Educação. Já no âmbito internacional, também existem: *Media Education*, *Media Literacy* e Alfabetização Midiática e Informacional (AMI)¹⁷. Todas essas áreas dialogam

¹⁶ Lígia Beatriz de Almeida apresenta no livro *Projetos de intervenção em Educomunicação*, uma sistematização das áreas de intervenção da Educomunicação com exemplos de público-alvo, situação, objetivos, metodologia e avaliação. Ver mais em ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. *Projetos de intervenção em Educomunicação*. Campina Grande: EDUFCEG, 2024. Disponível em: <https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/229>.

¹⁷ Trata-se do conceito da UNESCO para o desenvolvimento de competências críticas para as mídias e para a informação. Pode-se encontrar mais a respeito em: WILSON, C; GRIZZLE, A; TUAZON, R; AKYEMPONG, K; CHEUNG, C. *Alfabetização Midiática e Informacional: currículo para a formação de professores*. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013, 194 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418?posInSet=1&queryId=31fe27a7-fao2-4cae-afe7-5e708e19c472>. Acesso em 28.06.2025.



com a Educomunicação a partir da perspectiva da mídia¹⁸. A UNESCO, por exemplo, tem desenvolvido, ao longo das últimas décadas, currículos e estratégias de formação de professores, além de materiais de referência que abordam questões relacionadas aos fenômenos comunicacionais da cultura digital, como desinformação e *fake news*.



Fica a dica!

A UNESCO, em seu manual para educação e treinamento em jornalismo, conceitua em três categorias de informação falsa e/ou enganosa o que temos convencionado chamar de desinformação e fake news: 1. Desinformação (Disinformation) refere-se a informações que são falsas e que a pessoa que as divulga sabe que são falsas; 2. Informação incorreta (Misinformation) consiste em informações que são falsas, mas quem a compartilha acredita que são verdadeiras; E a má-informação (Mal-information), que engloba informações que são baseadas na realidade, mas são usadas para causar danos.

Saiba mais em IRETON, C; POSETTI, J (ed.). Jornalismo, fake news e desinformação. Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. Paris: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.UNESCO.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em 29 jul. 2025.

1.1. Educomunicação: Metodologia ou Abordagem?

A Educomunicação busca, dentre seus objetivos, apoiar a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, a partir do desenvolvimento de relações comunicacionais mais justas e saudáveis. Essa perspectiva visa oportunizar e promover os direitos humanos, com destaque ao direito à comunicação, previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos¹⁹. Desse modo, defende-se, por meio da práxis educacional, que os direitos são universais, indivisíveis e interdependentes e, desta forma, devem garantir o direito à comunicação.

Podemos ainda afirmar que, com melhores ecossistemas comunicativos, é possível promover processos participativos e democráticos na produção de

¹⁸ Mídia refere-se aos suportes de difusão da informação que constituem um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens. Isso inclui não só a mídia tradicional como rádio, TV e jornais, mas também as mídias digitais, como a internet, redes sociais e plataformas de vídeo. Ismar de Oliveira Soares discorre sobre esta relação no texto Educomunicação: As múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina.(In. LIMA, J.C.G.R.; MELO, J. M. (Orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**: 2012/2013. Brasília: Ipea, 2013, p. 170- 202).

¹⁹ O texto integral da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) está disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos> . Acesso em 28 ago. 2024.



práticas sociais e políticas. Por isso, a Educomunicação pode ser considerada um paradigma (um modelo, padrão ou exemplo que serve como referência para entender ou fazer algo), pois apresenta uma práxis de constante movimento interno, seguindo a concepção freiriana de interrelação entre teoria e prática, que se retroalimentam para se transformarem.

Na Educomunicação, o objetivo é criar espaços e relações que sejam dialógicos e democráticos, promovendo ações colaborativas e coletivas. Isso envolve valorizar aspectos comunitários e contextuais, além de diferentes saberes e formas de ser e existir no mundo. O foco é garantir que todas as pessoas envolvidas tenham voz e participação, fortalecendo a diversidade em todos os seus aspectos, como gênero, raça, etnia, religião, orientação sexual, condição física e mental, idade, cultura, condição social e econômica, e linguística.

Os diferentes aspectos da comunicação, a partir de sua origem, *tornar comum*²⁰, estão conectados aos da Educação, considerando que todo processo educativo, formal ou não formal, se dá pela comunicação, sendo que seus produtos e estratégias também colaboram para a construção de referenciais sociais das subjetividades, das identidades e do imaginário.

Por isso, a Educomunicação não apresenta uma metodologia, mas uma abordagem que orienta a elaboração de metodologias, pois, como afirma a arte-educadora Ana Mae Barbosa²¹, a metodologia é criada pelo educador e pela educadora.

Como abordagem, os princípios da Educomunicação compreendem as bases dos caminhos metodológicos a serem construídos. Nas propostas educacionais devem estar consideradas os princípios da Educomunicação como dialogicidade; ecossistemas educacionais, direito à comunicação, informação e expressão; fazer coletivo e colaborativo; alteridade; leitura crítica da sociedade e dos aspectos comunicacionais; aprendizado em comunidade/coletividade; e democracia.

²⁰ Do latim *communicare*.

²¹ Ana Mae Barbosa apresenta um breve histórico e reflexão sobre a Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais e defende que a metodologia é criada por docentes a partir de suas experiências e contextos. Uma abordagem, neste sentido, apresenta um caminho orientador de metodologias. Saiba mais em: BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: Anos 1980 e novos tempos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.



Como exemplos pioneiros de projetos educomunicativos que já trazem esses princípios, citamos o *Educom.Rádio*, realizado a partir de 2001 em parceria com a Universidade de São Paulo, que inspira a política pública educacional paulistana e o projeto de integração da Educomunicação ao *Programa Mais Educação*²², do Ministério da Educação (MEC), no macrocampo “Comunicação e uso de mídias”²³ (Próspero, 2013), que envolveu cerca de 4,5 milhões de crianças e jovens brasileiros(as) em atividades entre 2008 e 2016. Outros exemplos serão apresentados ao longo deste documento, a partir da #EDUCOMNAPRÁTICA, que apresenta exemplos de boas práticas em Educomunicação desenvolvidas por docentes e estudantes da RME/SP.



Pesquisa

Segundo estudantes e ex-estudantes da RME/SP, estas são as oportunidades de aprendizado que identificaram, quando integram um projeto de Educomunicação:

1. *Coletividade: Trabalho em equipe;*
2. *Maior responsabilidade;*
3. *Habilidades Comunicativas;*
4. *Desenvoltura na realização de entrevistas;*
5. *Domínio tecnológico.*

A iniciativa contou igualmente com oficinas de intercâmbio com outras unidades educacionais que também possuíam projetos de Educomunicação. A equipe de estudantes da Rádio JMS também foi responsável pela idealização e produção do programa literário em vídeo chamado *Com Livro Com Afeto*, além de ter participado de documentários: um deles produzido pelo Canal Futura com o tema “escolas inovadoras” e outro sobre inclusão, em parceria com a SME/SP e a Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência - SMPED.

²² É uma iniciativa do governo federal que visa ampliar a jornada escolar em escolas públicas, oferecendo atividades complementares no contraturno para estudantes do ensino fundamental. O programa busca promover a educação integral, oferecendo atividades em diversas áreas como esporte, cultura, artes, entre outras, além de reforço escolar e orientação de estudos.

²³ Daniele Próspero, em sua dissertação de Mestrado, tratou do macrocampo “Comunicação e uso de mídias” do Programa Mais Educação, do Ministério da Educação, que faz uso do conceito da “Educomunicação” como referencial teórico e sustentação metodológica. O texto completo pode ser encontrado em PROSPERO, Daniele. Educomunicação e políticas públicas: os desafios e as contribuições para o Programa Mais Educação. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-30012014-105832/>. Acesso em: 18 set. 2024.





Educom na prática

Rádio JMS²⁴

Escola: EMEF Gen. Júlio Marcondes Salgado

DRE: Jaçanã/Tremembé

Educadores responsáveis: André Jonatas Barbosa e Ana Carolina Cuofano

Ano de criação: 2013

Faixa etária envolvida: 11 a 18 anos

A Rádio JMS integrou o espaço da EMEF Gen. Júlio Marcondes Salgado durante quatro anos. Entre os anos de 2013 e 2017, a equipe de estudantes da rádio pôde realizar diversas coberturas educacionais de eventos da RME/SP e de outros territórios. Dentre as atividades realizadas, destacam-se a realização de entrevista com o rapper paulista Emicida e com o também músico Dudu Nobre; as coberturas da Bienal Internacional do Livro, da Campus Party e da Virada Cultural, na cidade de São Paulo; além de vários eventos da escola e de trabalhos musicais protagonizados por jovens artistas da comunidade. Em todos esses casos, as coberturas culminaram na publicação de reportagens no blog do projeto.

Segundo André Jonatas Barbosa, educador idealizador do projeto, “estudantes do Ensino Fundamental acumularam uma série de vivências, por meio de aulas teóricas e práticas semanais sobre técnicas de filmagem, fotografia, edição, uso de equipamentos de áudio e vídeo, redes sociais, escrita de textos, cobertura jornalísticas, entrevistas e uso de redes sociais”.



Fica a dica!

Na educação infantil, a primeira rádio criada em uma escola da RME/SP, que atendia crianças entre 4 e 5 anos de idade, foi a Rádio Jacaré FM²⁵. A ideia foi idealizada pela professora Ana Paula Emilio Escudeiro, da EMEI Antônio Munhoz Bonilha, que identificou na Educomunicação mais uma possibilidade de desenvolver as competências dos(as) estudantes.

²⁴ Saiba mais no blog do projeto em: <https://aradiojms.blogspot.com>. Acesso em 18 set. 2024.

²⁵ Saiba mais sobre a Rádio Jacaré FM em: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/comunicacao/w/noticias/123194>.



1.2. Breve histórico da Educomunicação em São Paulo

A trajetória da formação educomunicativa na RME/SP teve início com a introdução do projeto “Educom – Educomunicação pelas Ondas do Rádio – Construindo a Paz pela Comunicação”, em 2001. A iniciativa era voltada para a mitigação da violência em escolas mais vulneráveis na cidade, compondo as ações do *Projeto VIDA*, vinculado à SME, que foi criado para garantir a aplicação da Lei Municipal 13.096/2000, que instituiu o *Programa de Prevenção da Violência nas Escolas*.

O *Projeto VIDA* seguia o previsto pelo artigo 5º do Estatuto da Criança e do Adolescente²⁷ (Brasil, 1990), que apresenta:

Art. 5º. Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Assim, esse projeto contemplou a formação de profissionais da SME/SP para atuar em processos de mediação de conflitos, buscando a promoção do diálogo, do respeito e também a organização das escolas para um processo participativo de comissões e de conselhos, com base em estruturas democráticas. O projeto tinha como principal orientação o uso do espaço escolar de forma comunitária, cujas ações culturais e de lazer tivessem o apoio de profissionais e instituições de diversas áreas, de modo a colaborar com a prevenção de violências nas escolas.

Concebido pela Universidade de São Paulo - USP por meio do Núcleo de Comunicação e Educação, o projeto *Educom – Educomunicação pelas Ondas do Rádio – Construindo a Paz pela Comunicação*, alcançou aproximadamente 11.000 participantes entre 2001 e 2004 incluindo docentes, estudantes e pessoas das comunidades escolares ampliadas²⁸.

A proposta incluía o planejamento e o desenvolvimento de diversos processos de comunicação em sala de aula e nas atividades educativas, utilizando

²⁶ Saiba mais sobre a Rádio Jacaré FM em: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/comunicacao/w/noticias/123194>.

²⁷ BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 18 set. 2024.

²⁸ Relatos desta experiência pioneira podem ser conferidos em: CAMPOS, Alessandra et al. Construindo a Educomunicação: relatos de experiências do Projeto Educom.rádio. Imaginário, v. 11, n. 11, p. 217-237, 2005. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-666X2005000200010&script=sci_arttext. Acesso em 01 ago. 2025.



especialmente a linguagem radiofônica, com o objetivo de desenvolver práticas pedagógicas solidárias e colaborativas. A iniciativa visava à capacitação de grupos de educadores(as), estudantes e comunidades escolares para a produção e a compreensão da linguagem radiofônica em uma perspectiva educacional, portanto, dialógica e colaborativa, tratando de temas como *Ecossistema Educomunicacional*, *Oficinas Pedagógicas de Rádio*, *Encontros Temáticos sobre a Comunicação para a Construção da Paz*, *Planejamento e Avaliação em Educomunicação* e *Práticas Laboratoriais em Multimídia*.

Foram realizadas formações que atenderam a 455 Escolas Municipais de Ensino Fundamental - EMEFs, além de Escolas Municipais de Ensino Fundamental e Médio - EMEFMs, com a aquisição de centenas de kits com equipamentos necessários para produções e edições radiofônicas, realizadas nas formações e que, posteriormente, tornaram-se parte dos equipamentos pedagógicos das unidades educacionais.

O êxito do projeto na prevenção e no enfrentamento à violência culminou na sua institucionalização como política pública educacional, materializada na Lei nº 13.941 - Programa Educom - Educomunicação pelas Ondas do Rádio, de 2004 e que - entre seus propósitos - visava capacitar os profissionais do magistério municipal em atividades de Educomunicação e apoiar o desenvolvimento de projetos nas unidades educacionais.

2001

→ Implantação do projeto Educom.Rádio, marco inicial da política pública de Educomunicação na cidade de São Paulo.

2004

→ Desenvolvimento da 1ª WebRádio educacional na EMEF Abraão de - Moraes.

→ (marco legal): Aprovação da lei que institui o Programa Educom.Rádio

→ Educomunicação pelas Ondas do Rádio: Lei nº 13.941, de 28 de dezembro de 2004²⁹ (Lei Educom).

²⁹ Lei nº 13.941, de 28 de dezembro de 2004. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-13941-de-28-de-dezembro-de-2004>. Acesso em 18 set. 2024.



2005

- (marco legal) Sanção do Decreto nº 46.211, de 15 de agosto de 2005³¹, que regulamenta o Programa EDUCOM - Educomunicação pelas ondas do rádio.
- (marco legal) Portaria nº 8083, de 21 de dezembro de 2005³².
- Constitui o Comitê Gestor encarregado da implantação e da implementação do Programa EDUCOM - Educomunicação pelas ondas do rádio.
- Criação de uma Agência de Notícias na EMEF Pedro Teixeira, o primeiro projeto Imprensa Jovem.

2006

- Participação de Imprensas Jovens, como agências de notícias estudentis, em eventos espalhados pela cidade, como a Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

2007

- Uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), em parceria com o Núcleo de Informática Educativa³³ e Professores(as) Orientadores de Informática Educativa (POIEs)³⁴.

2008

- Início de projetos de Educomunicação nos Centros de Educação e Cultura Indígena (CECIs), com a Rádio Kiringue.
- Recebimento do Prêmio Mariazinha Fusari de Educomunicação.
- *Imprensas Jovens* da RME realizam, pela primeira vez, cobertura como agência de notícias na *Campus Party Brasil*.

³⁰ Decreto nº 46.211, de 15 de agosto de 2005 disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-46211-de-15-de-agosto-de-2005>. Acesso em 18 set. 2024.

³⁰ Portaria nº 8083, de 21 de dezembro de 2005, disponível

³¹ Decreto nº 46.211, de 15 de agosto de 2005 disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-46211-de-15-de-agosto-de-2005>. Acesso em 18 set. 2024.

³² Portaria nº 8083, de 21 de dezembro de 2005, disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-gabinete-do-prefeito-8083-de-22-de-dezembro-de-2005>.

³³ Hoje Núcleo de Tecnologias para a Aprendizagem (TPA)

³⁴ Desde 2019 a SME utiliza a sigla POED, que designa a função de Professor Orientador de Educação Digital



2009

- Criação da Rádio Jacaré, primeira rádio escolar na Educação Infantil, da EMEI Antônio Munhoz Bonilha.
- Início do *O Grito do Glicério*, da EMEF Duque de Caxias, com a produção de jornal mural, *podcast* de rádio e reportagens que reconstroem suas identidades e a da região.
- (marco legal): Portaria nº 5792³⁵, de 14 dezembro de 2009 - Implementação do Programa Nas Ondas do Rádio.

2010

- Implementação dos processos formativos em Educomunicação para docentes da RME/SP.

2011

- Celebração dos 10 anos da Educomunicação na RME/SP.

2013

- Criação agência de notícias na Educação Infantil, a Imprensa Mirim Cartola, da EMEI Agenor de Oliveira Cartola.

2014

- Implementação do Imprensa Jovem On-line³⁶, proposta formativa para docentes e estudantes, na modalidade à distância.

2015

- Celebração de 10 anos do início do projeto das agências de notícia Imprensa Jovem e do Programa Nas Ondas do Rádio³⁷.
- (marco legal) Integração dos projetos de Educomunicação aos programas Mais Educação e São Paulo Integral, através da Portaria nº 7.464, de 03 de dezembro de 2015³⁸.

35 Portaria nº 5792, de 14 dezembro de 2009. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-da-educacao-5792-de-15-de-dezembro-de-2009>. Acesso em 18 set. 2024.

36 Isabel Pereira dos Santos apresenta esta experiência no texto Imprensa Jovem On-line: Uma Contribuição para a Cultura em Rede na Educação Municipal de São Paulo. Disponível em: SANTOS, Isabel Pereira dos. Imprensa Jovem On-line: Uma Contribuição para a Cultura em Rede na Educação Municipal de São Paulo. In: SOARES, Ismar de Oliveira, VIANA, Claudemir Edson, XAVIER, Jurema Brasil (org.) Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural. São Paulo: ABPEducom. 2017, pág 95-105. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/download/1/1/26-1?inline=1>. Acesso em 01 ago. 2025.

37 Saiba mais sobre a primeira década de Imprensa Jovem: LIMA, Carlos Alberto Mendes de. Nas Ondas do Rádio – Uma década de Educomunicação na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. In: SOARES et. al., Educomunicação e alfabetização midiática: conceitos, práticas e interlocuções. Disponível em <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/download/13/17/561-1?inline=1>. Acesso em 05 ago. 2025

38 Portaria da Secretaria Municipal de Educação nº 7.464 de 3 de Dezembro de 2015. Institui o Programa “São Paulo Integral”. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-da-educacao-7464-de-4-de-dezembro-de-2015>. Acesso em 18 set. 2024.



2016

- Imprensa Jovem recebe o primeiro lugar na categoria Mídia Social, na 9ª edição do Prêmio "A Rede Educa".
- Parceria com a Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência no projeto *Inclusão na Tela: o olhar dos estudantes*, em que tratou da produção audiovisual sobre inclusão nas escolas.
- (marco legal) Portaria SME nº 7.849, de 01 de dezembro de 2016³⁹ – que reorganiza a estrutura organizacional da SME, instituindo, oficialmente, uma área dedicada à Educomunicação
- (marco legal) Portaria SME nº 7.991, de 13 de dezembro de 2016⁴⁰ – Mesmo criado em 2005, nesta portaria a SME/SP define normas complementares e procedimentos para a implementação do Imprensa Jovem nas Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino.

2017

- Realização do *#EstudantesTemVoz*, idealizado por estudantes das Imprensas Jovens, movimento que escutou 43.655 estudantes da RME/SP para a construção do Currículo da Cidade: a maior consulta pública estudantil para a construção de currículos escolares.

2019

- Apresentação das ações das Agências de Notícias Imprensa Jovem na *Conferência Mundial Global MIL Week*, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), na Suécia.

2020

- *Prêmio Aliança para Mídia e Informação*, promovido pela UNESCO, entregue ao *Programa Imprensa Jovem*⁴¹.
- A SME/SP e a UNESCO iniciam a formação Imprensa Jovem - Estudante Mediador dos ODS, que formou, entre setembro e novembro de 2020, 314 estudantes e docentes da RME/SP.

³⁹ Imprensa Jovem: Projeto recebe premiação da UNESCO, disponível em <https://www.capital.sp.gov.br/w/noticia/imprensa-jovem-projeto-recebe-premiacao-da-unesco>. Acesso em 18 set. 2024.

⁴⁰ Imprensa Jovem: Projeto recebe premiação da UNESCO, disponível em <https://www.capital.sp.gov.br/w/noticia/imprensa-jovem-projeto-recebe-premiacao-da-unesco>. Acesso em 18 set. 2024.

⁴¹ Como potencializar a produção e o acesso à informação de maneira descentralizada e colaborativa? Disponível em: <https://copicola.prefeitura.sp.gov.br/como-potencializar-a-producao-e-o-acesso-a-informacao-de-maneira-descentralizada-e-colaborativa/>.



2022

- Criação da Imprensa Jovem Kunumingue, no Centro de Educação e Cultura Indígena (CECI) Jaraguá.
- Criação da Imprensa Surda, no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos - CIEJA Perus I.
- Integração da Educomunicação, por meio do Imprensa Jovem, no Guia Copi Cola⁴².

2024

- (marco legal): Lei nº 18.159, de 24 de julho de 2024⁴³. Inclui no Calendário da Cidade de São Paulo a Semana Municipal da Imprensa Jovem - Educom.
- Participação de estudantes, como *Youth Delegates*, da *Comissão de Jovens para o Pacto do Futuro* da EMEF Paulo Duarte no evento global *Action Days* e na Cúpula do Futuro da Organização das Nações Unidas em Nova York (EUA).
- *Imprensa Jovem Fest*, encontro regional com centenas de educadores, entre estudantes e professores(as) da DRE São Miguel, no CEU Vila Curuçá.
- Convite e realização da cobertura jornalística do G20 Brasil.

⁴² Lei nº 18.159, de 24 de julho de 2024, disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-18159-de-24-de-julho-de-2024>. Acesso em 18 set. 2024.

⁴³ A lei, na íntegra, está disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-18268-de-3-de-junho-de-2025>.



2025

- (marco legal): Lei nº 18.268, de 03 de junho de 2025⁴⁴, que consolida o Programa Imprensa Jovem no Município de São Paulo.
- Realização a nível municipal o 1º Festival Imprensa Jovem, em comemoração aos 20 anos do primeiro projeto de agência de notícias na RME/SP.
- Lançamento do documentário Imprensa Jovem Vidas Transformadas⁴⁵
- Imprensa Jovem é indicado como referência de experiência em educação integral em escolas de tempo integral do Ministério da Educação⁴⁶.
- Presença em debates internacionais durante a Digital Learning Week 2025, promovida pela UNESCO em Paris⁴⁷.
- Realização do 1º Encontro Regional de Educomunicação⁴⁸, promovido pelas Divisões dos Centros de Educação Unificada e Educação Integral (DICEUs)'

2026

- O Programa Imprensa Jovem - Secretaria Municipal da Educação é premiado em 2º lugar na Categoria Políticas Públicas do PREMIA SAMPA⁴⁸ 2026, que destaca soluções que modernizam serviços e melhoram a vida dos paulistanos. E na Categoria Iniciativas Locais o 3º Lugar ficou com a *Imprensa Jovem Navegantes e Navegantes TV: Protagonismo e Alfabetização Midiática no Extremo Sul* - Secretaria Municipal da Educação.

⁴⁴ A lei, na íntegra, está disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-18268-de-3-de-junho-de-2025>.

⁴⁵ Produzido pela área de Multimeios da SME, o documentário traz depoimentos de quem teve a vida impactada a partir da participação, como projeto escolar extraclasse, no Imprensa Jovem.

⁴⁶ O programa foi escolhido para fazer parte de três ações de difusão de Educação Integral do MEC, sendo elas: “Mapa de Experiências”, “Mostra Nacional” e “Rede de Trocas”. <https://experienciaseduintegral.com.br/mapa-peamento/programa-imprensa-jovem/>.

⁴⁷ ABPeduc. Imprensa Jovem na Digital Learning Week: Educomunicação é destaque em evento internacional da UNESCO. Disponível em: <https://abpeduc.org.br/imprensa-jovem-na-digital-learning-week/>.

⁴⁸ PREMIA SAMPA 2026 destaca soluções que modernizam serviços e melhoram a vida dos paulistanos. Disponível em: <https://clic.prefeitura.sp.gov.br/vencedores-premia-sampa-2026>



1.3. Alfabetização Midiática e Informacional e Educação Midiática

A Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), a Educação Midiática e a Educomunicação são áreas que, apesar de diferentes, estão em diálogo na interface entre comunicação e educação. A AMI é uma perspectiva da UNESCO acerca da educação voltada para os meios de comunicação, que os envolve em processos de formação cidadã, para qualificar o acesso à informação. De acordo com a publicação *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores*, organizada pela UNESCO em 2013:

Por um lado, a alfabetização informacional enfatiza a importância do acesso à informação e a avaliação do uso ético dessa informação. Por outro, a alfabetização midiática enfatiza a capacidade de compreender as funções da mídia, de avaliar como essas funções são desempenhadas e de engajar-se racionalmente junto às mídias com vistas à autoexpressão. (2013, p. 4)

Como podemos perceber, tanto a AMI quanto a Educomunicação estão comprometidas com o uso responsável das mídias, com a produção midiática ética e libertadora. Ambas partem do reconhecimento do direito humano à comunicação, preconizado pelo Artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, cuja compreensão de que educar para uma relação crítica com as mídias é uma condição indispensável para o desenvolvimento humano.

A percepção a respeito da Educação Midiática atualmente no Brasil inspira-se em diferentes referências que articulam mídia, educação e literacias midiáticas. A própria proposta da AMI, além de referências do Norte Global⁴⁹, como a Media Literacy Education - exercida por especialistas e entidades dos Estados Unidos, como Renee Hobbs, a National Association for Media Literacy Education (NAMLE)⁵⁰ e do Look Sharp Project -, e o conceito de Media Education, cujo maior expoente é o inglês David Buckingham, subsidiam essa perspectiva que se refere à prática educativa que concretiza o letramento midiático e informacional.

De maneira geral, essas inter-relações possíveis entre AMI, Educomunicação e Educação Midiática contribuem para o combate às inúmeras formas de

⁴⁹ Em oposição ao *Sul Global*, que compreende nações em desenvolvimento enfrentando desafios distintos de pobreza e desigualdade. o termo *Norte Global* refere-se a um grupo de países considerados desenvolvidos, a maioria dos quais está no hemisfério norte. Esses países são frequentemente associados a economias industrializadas, maior poder político e econômico, altos níveis de renda *per capita*, e um significativo grau de influência nas instituições financeiras e políticas internacionais.

⁵⁰ Mais informações acerca do trabalho realizado pela *National Association for Media Literacy Education* (NAMLE) podem ser lidas em: <https://namle.net>. Acesso em 23 set. 2024.



desinformação, fenômeno que constitui uma ameaça à democracia ao minar a confiança nas instituições e na mídia tradicional, criando um ambiente propício para narrativas nocivas à vida em sociedade⁵¹.

Em um estudo com estudantes da EJA, por exemplo, Scarcella e Labrada (2025) mostram que a falta de habilidades críticas para navegar no ciberespaço, aliada à alta exposição à desinformação, torna os indivíduos vulneráveis não apenas à “desinformação” (falsa informação com intenção de causar dano), mas também a “má informação” (informação verdadeira usada para prejudicar). Essa vulnerabilidade é intensificada por estruturas de poder, como os algoritmos das grandes plataformas de tecnologia, que priorizam o engajamento em detrimento da veracidade. A pesquisa aponta que, apesar de muitos estudantes se considerarem confiantes em identificar notícias falsas, a maioria está exposta a conteúdos enganosos, o que demonstra a urgência de uma abordagem de Educação que vá além da técnica e promova a leitura crítica das estruturas de poder por trás das plataformas digitais, fortalecendo a participação cidadã em contextos de vulnerabilidade social.



Reflexão

“Hoje em dia, a mídia social é alimentada por muitos tipos de conteúdo, desde pessoais até políticos. Há muitos casos fabricados abertamente ou de forma encoberta por governos e/ou por empresas de relações públicas sob contrato com atores políticos ou comerciais. Como resultado, inúmeros blogueiros, influenciadores do Instagram e estrelas do YouTube promovem produtos e políticos sem divulgar que são pagos para isso. Pagamentos secretos também são feitos a comentaristas (geralmente com identidades falsas) que buscam afirmar, desacreditar ou intimidar em fóruns online. Em meio a isso, o jornalismo perde espaço e se torna um assunto não apenas de crítica justa, mas também de ataque existencial”.

(Ireton, C. & Posetti, J., 2019, p. 18-19)⁵³

⁵¹ Na primeira edição de 2025 da Revista Comunicação & Educação, da Universidade de São Paulo, há um estudo alarmante quanto ao uso acrítico das tecnologias digitais da informação e comunicação entre os estudantes da educação de jovens e adultos da RME paulistana. Nele, os autores apresentam dados como: 57,14% dos estudantes dizem ter contato diário com notícias falsas e 81% nunca tiveram formação para entender como funcionam a mídia e os meios de comunicação. Estudo disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v30i1p91-107>.

⁵² Jornalismo, *Fake News* e Desinformação. Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo, UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pfo000368647?posInSet=1&queryId=fa60d45b--738f-462e-86a2-aafdo1fo3f97>. Acesso em: 23 set. 2024.

⁵³ Jornalismo, *Fake News* e Desinformação. Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo, UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pfo000368647?posInSet=1&queryId=fa60d45b--738f-462e-86a2-aafdo1fo3f97>. Acesso em: 23 set. 2024.





Você sabia?

O governo brasileiro possui um departamento de educação midiática que integra a Secretaria de Políticas Digitais da Presidência da República e que articula ações com organizações da sociedade civil de outros órgãos governamentais, como o Ministério da Educação (MEC). Uma de suas principais contribuições é a *Estratégia Brasileira de Educação Midiática*⁵⁴, documento que apresenta um conjunto de políticas públicas e de ações destinadas a qualificar profissionais da educação e a sociedade em geral para navegar no universo digital de forma consciente e crítica, contribuindo para o fortalecimento da cidadania e da democracia.

Vencedor do Prêmio Municipal de Direitos Humanos 2023, o projeto *Detetives das Fake News* é uma proposta interdisciplinar que começou durante a pandemia de *COVID-19*, com aulas à distância. As reuniões de educadores(as) levaram à tentativa de amenizar aquele momento delicado e percebeu-se que as *fake news* eram recorrentes naquele momento emergencial, levando à desinformação.

As educadoras Rita Baccari e Andréa Dourado iniciaram, então, um processo de mediação com estudantes para a verificação de informações recebidas on-line. Mesmo após o retorno às atividades presenciais, a checagem de informações continuou, a partir de parcerias com o programa *EducaMídia*⁵⁵ e o site *Porvir*⁵⁶, que realizaram formações para docentes e estudantes.



FalaDocente

“O projeto [no qual estou envolvido] procura desenvolver uma reflexão sobre a produção de imagens na atualidade. Seus perigos e utilidades. Qual a intenção por trás das imagens. Aprender a fotografar e posteriormente focar no fotojornalismo”.

Prof. Agnaldo Seccato - EMEF Prof. Felício Pagliuso

⁵⁴ BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Estratégia Brasileira de Educação Midiática (EBEM)*. Brasília, DF: Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 2023. Documento que estabelece diretrizes e ações para promover a educação midiática no Brasil, com foco no desenvolvimento de competências para o uso crítico, consciente, responsável e cidadão dos meios de comunicação e das tecnologias digitais.

⁵⁵ É o programa de educação midiática do Instituto Palavra Aberta, que desenvolve estratégias de formação e conteúdos educacionais para educadores, famílias e pessoas idosas (www.educamidia.org.br).

⁵⁶ <https://porvir.org/>.





EducomNaPrática

Detetives das Fake News

Escola: EMEF M'Boi Mirim

DRE: Campo Limpo

Educadoras responsáveis: Rita Baccari e Andréa Dourado

Ano de criação: 2019

Faixa etária envolvida: 7 a 16 anos

Vencedor do Prêmio Municipal de Direitos Humanos 2023, o projeto Detetives das Fake News é uma proposta interdisciplinar que começou durante a pandemia de COVID-19, com aulas a distância. As reuniões de educadores(as) levaram à tentativa de amenizar aquele momento delicado e percebeu-se que as fake news eram recorrentes naquele momento emergencial, levando à desinformação.

Com apoio da Imprensa Jovem, existente há mais de 10 anos na escola, foi montada uma agência de checagem, Os Detetives das Fake News, na qual foi instituído o método VAR – Verificar Antes de Repassar, com a proposta de que uma notícia só poderia ser repassada se tivesse passado pela checagem antecipadamente. A formação, por sua vez, é feita constantemente por estudantes mais antigos do projeto.



Fica a dica!

A Prof^a Valdilene Nascimento e colegas do Centro de Educação Infantil (CEI) Elizabeth Souza Lobo Garcia promoveram uma atividade adotando a história “O grande rabanete” como inspiração. As crianças entrevistaram uma das personagens da história, encenada por uma educadora. Nesse processo, puderam diferenciar, a partir da mediação docente, a encenação (tida como fato) e a versão inventada da personagem. Em outros contextos que não sejam projetos, ainda no Ensino Fundamental, no Ensino Médio ou EJA, é possível propor outros exercícios de análise e verificação de informação. Numa aula de Ciências ou Geografia, por exemplo, estudantes podem comparar informações sobre meio ambiente ou mudanças climáticas, verificando sua confiabilidade. Posteriormente, podem divulgar a informação que perceberam ser a verdadeira ou a mais confiável ou equilibrada.



1.4. Objetivos da Educomunicação

Quando reconhecemos os direitos dos(as) sujeitos(as) de se expressar livremente, acessar os meios de comunicação para expandir suas vozes e participar ativamente da sociedade, criamos ecossistemas comunicativos orientados pelos pressupostos do *protagonismo estudantil*, da *dialogicidade*, da *equidade* e da *inclusão*, a fim de que a comunicação seja um processo fortalecedor, capaz de criar uma cultura democrática, participativa e passível de ser multiplicada e expandida em práticas sociais transformadoras.

A Educomunicação busca garantir que a educação de qualidade, a liberdade de expressão, o direito à comunicação e a participação social sejam fomentados pelas práticas pedagógicas. Dessa forma, a escola e a vida dos estudantes serão repletas de autonomia, expressão e comunicação.

A educação popular dos movimentos sociais⁵⁷, na qual a Educomunicação se inspira, compartilha destes objetivos, uma vez que sua abordagem é centrada no protagonismo e dialogicidade dos(as) educandos(as), o que não é possível sem comunicação, e sem que os(as) sujeitos(as) tomem para si o direito à própria palavra e os meios para difundi-la e, ^ tenham a possibilidade de expandir direitos, tornando a sociedade mais justa, em diferentes âmbitos: lutas antirracistas, feministas, pela ampliação dos direitos LGBTQIAPN+, entre outras. Dessa forma, definimos abaixo cada um desses **objetivos**, sustentados pelos pressupostos acima:

→ **Educação de qualidade:** a Educomunicação defende que a educação seja universal e libertadora, à qual todas as pessoas, em sua diversidade, usufruam de seus direitos e desenvolvam-se com criticidade, autonomia e emancipação no enfrentamento de violências e injustiças sociais. Trata-se de uma educação que defende a equidade e que reconhece o estudante como protagonista do seu processo de aprendizagem e, dessa forma, propõe processos que valorizem saberes e habilidades de estudantes como ponto de partida para a ampliação do seu repertório. Assim, realiza-se por meio de projetos interventivos

⁵⁷ Com princípios fundamentais que incluem o diálogo, a participação, a conscientização e a valorização do saber popular, um dos mais influentes autores é, sem dúvida, Paulo Freire. Suas ideias sobre educação como prática da liberdade, na qual o diálogo e a conscientização se tornam ferramentas para que os indivíduos compreendam sua realidade e lutem pela sua emancipação, a crítica à educação bancária e o modelo tradicional, em que o professor deposita conhecimento em um estudante tratado como um recipiente passivo, e a valorização do saber popular a partir da ideia de que o conhecimento do povo, enraizado em sua experiência de vida, é um ponto de partida fundamental para a aprendizagem.



no cotidiano a partir dos quais estudantes, sob a mediação de docentes, investigam e criam acerca de suas realidades sócio-histórico-culturais.

→ **Liberdade de expressão**⁵⁸: direito que todo ser humano tem de expressar livremente suas ideias e opiniões, por meios diversos. É fundamental numa sociedade democrática, pois sem ela não é possível participar ativamente dos espaços de discussão, onde nos responsabilizamos e também reivindicamos direitos. Para que a liberdade de expressão seja garantida, é preciso que haja acesso à informações confiáveis e seguras. Sem isso, não conseguimos formar opinião sobre o mundo, nem tomar decisões com criticidade. A Educomunicação defende que os espaços educativos sejam espaços plenos de expressão, principalmente para estudantes, sem isso, não é possível participar de processos de aprendizagem nem exercer a cidadania.

→ **Direito à comunicação**: enquanto a liberdade de expressão é o direito de manifestação do pensamento, o direito à comunicação amplia seu alcance pois refere-se à liberdade de expressar opiniões e ideias, e de receber e transmitir informações. O acesso às redes mundiais de computadores interligados e executados via internet permite que seus usuários estejam em contato com plataformas digitais e redes sociais e assim, livres para expressarem pensamentos e opiniões. No entanto, os grandes meios de produção de comunicação social (as chamadas *big techs*, além dos meios de comunicação tradicionais, como emissoras de TVs e rádios) estão nas mãos de poucos, que alcançam milhões de pessoas. Os processos de Educomunicação incentivam que crianças e jovens acessem os meios de comunicação e as linguagens midiáticas para exercerem a autoria e não somente para consumir conteúdos de mídia. Os processos de Educomunicação buscam problematizar esse cenário, estimulando a reflexão crítica dos estudantes para as iniquidades relativas às mídias, além de incentivar sua apropriação pelos estudantes para exercerem a autoria responsável e não somente para consumir conteúdos de mídia.

→ **Participação social**: ao se expressarem coletivamente por meio de canais midiáticos, de forma coletiva, estudantes contribuem para

⁵⁸ A Lei n.º 5.250, de 9 de fevereiro de 1967, disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5250.htm, trata da liberdade de expressão a nível nacional. Este direito também está previsto no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, disponível em <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.



ampliar o acesso à informação em suas comunidades, usam as mídias para a resolução de problemas quando criam campanhas ou propõem debates sobre problemas reais e como prática consciente e objetiva tornam estes canais espaços políticos capazes de ampliar direitos e melhoras as condições de vida de um território ou grupo social. Além disso, também há participação social quando a cidade/bairro onde os(as) estudantes vivem é ocupada livremente a partir de visitas a espaços públicos, realizando coberturas educacionais em eventos da própria comunidade ou da Rede Municipal de Ensino.



EducomNaPrática

TV Blota Júnior⁶⁰

Escola: EMEF Dep. José Blota Júnior

Educadora responsável: Elisângela Furlan de Sá

Ano de criação: 2017

Faixa etária envolvida: 12 a 14 anos

A TV Blota Júnior foi integrada à EMEF Dep. José Blota Júnior em 2017, com a adesão de um grupo de quinze estudantes que realizava a cobertura educacional de atividades exclusivamente no interior da escola. Com o passar dos anos, a equipe do projeto teve a oportunidade de realizar a cobertura de diversos outros eventos, sendo o mais marcante deles a cobertura do encontro do grupo de finanças do G20. De acordo com a educadora mediadora da iniciativa, Elisângela Furlan de Sá, “o projeto foi crescendo aos poucos e sua essência sempre foi o protagonismo juvenil. Durante esses sete anos de existência, pudemos envolver um número aproximado de 50 estudantes por ano letivo”.

1.5. Competências da Educomunicação

As práticas de Educomunicação devem comprometer-se com o desenvolvimento de competências essenciais, ou seja, um conjunto de saberes, habilidades e valores que os estudantes devem desenvolver nos processos educacionais na escola, deixando um legado que lhes permita exercer a cidadania de forma plena em todos os espaços socioculturais dos quais participem, durante e após a vida escolar.

⁵⁹ Canal no YouTube: https://youtube.com/@tvblotajunior4040?si=NsjTAD_dNCnytnOK. Acesso em 18 set. 2024.

⁶⁰ Canal no YouTube: https://youtube.com/@tvblotajunior4040?si=NsjTAD_dNCnytnOK. Acesso em 18 set. 2024.



Os pressupostos de dialogicidade, protagonismo estudantil, equidade e inclusão formam a base da abordagem educacional, sustentando a criação intencional de ecossistemas educacionais. Esses ecossistemas têm como objetivos coletivos a educação de qualidade, a liberdade de expressão, o direito à comunicação e a participação social dos estudantes. As competências, por sua vez, representam as transformações individuais esperadas nos estudantes que participam das atividades educacionais. São elas:

→ **Autoexpressão responsável:** manifestar-se individualmente ou em grupo, de forma ética, consciente nas escolhas realizadas na produção de conteúdos, com compromisso na criação de conteúdos confiáveis, baseados em fontes de informação críveis e pertinentes, com atenção aos direitos autorais, imagem, de respeito à dignidade humana e valorização à diversidade de vozes.

→ **Leitura crítica da mídia e da informação:** analisar e avaliar os conteúdos midiáticos, reconhecendo e diferenciando os gêneros e seus diferentes propósitos. Isso inclui examinar os conteúdos midiáticos com base em critérios como autoria, intenção, audiência, técnicas empregadas e contexto de produção. Além disso, envolve verificar a confiabilidade de diversas fontes de informação, identificando desinformações.

→ **Uso crítico das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC):** utilizar recursos digitais e tecnológicos para a autoexpressão e acesso à informação, compreendendo seus benefícios e malefícios para a vida em sociedade, os processos de aprendizagem e a saúde física e mental.

→ **Trabalho coletivo e cooperativo:** adotar um comportamento dialógico, solidário e participativo que busque uma comunicação plena em que as pessoas desenvolvem não apenas a expressão individual de suas propostas ao grupo, mas também a escuta ativa, a capacidade de negociação entre si e a tomada de decisões conjunta e democrática.

→ **Compromisso com os direitos humanos:** respeitar os direitos humanos nos conteúdos produzidos e valorizá-los nos diferentes processos sociais, buscando respeitar e contemplar a diversidade étnico-racial, de gênero e orientação sexual. Também é dar visibilidade e envolver-se com a Agenda 2030⁶¹.

⁶¹ É um plano de ação global adotado em 2015 pela Assembleia Geral da ONU, com 193 países-membros. Se baseia em 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que são metas universais e interligadas para garantir situações mais dignas de vida, proteger o planeta e garantir a paz e a prosperidade para todos até 2030.



→ **Promoção da transformação social no território:** realizar ações concretas para transformar sua comunidade, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida em seus territórios ou grupos sociais, por meio dos projetos de Educomunicação. Nesse sentido, fomentar os processos comunicativos e mídias para ajudar na resolução de problemas, na promoção de soluções e reflexões, discussão e/ou ativismo político em seus territórios e comunidades.



FalaDocente

“O projeto [no qual estou envolvido] procura desenvolver uma reflexão sobre a produção de imagens na atualidade. Seus perigos e utilidades. Qual a intenção por trás das imagens. Aprender a fotografar e posteriormente focar no fotojornalismo”.

Prof. Agnaldo Seccato - EMEF Prof. Felício Pagliuso

O *Grito do Glicério* iniciou suas atividades em 2009, com projetos que não apenas ampliavam o horário dos(as) estudantes na escola, mas buscavam refletir a respeito do território os problemas escolares e as questões sociais contemporâneas.



Estudante Tem Voz

“Quando estava no Imprensa Jovem, participei de uma audiência pública e percebi que era possível mudar a realidade da comunidade em que a minha escola estava inserida. Quando eu penso em Educomunicação, vem sempre à mente a palavra ‘emancipação’”.

Cícero Ivanilson Silva, 24 anos, ex-integrante de equipe de Imprensa Jovem

Inicialmente, as educadoras Janaína Monteiro e Márcia Dias da Silva orientavam oficinas de vídeo, rádio, redes sociais e de *blog*. Em 2010, o professor Joab Dias Couto passou a integrar a equipe docente do projeto, auxiliando nas oficinas de Jornal Mural e na Orientação de Estudos.





O Grito do Glicério⁶²

Escola: EMEF Duque de Caxias

Educadora responsável: Janaína Monteiro

Ano de criação: 2009

Faixa etária envolvida: 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental

O Grito do Glicério iniciou suas atividades em 2009, com projetos que não apenas ampliavam o horário dos(as) estudantes na escola, mas buscavam refletir a respeito do território os problemas escolares e as questões sociais contemporâneas.

Inicialmente, as educadoras Janaína Monteiro e Márcia Dias da Silva orientavam oficinas de vídeo, rádio, redes sociais e de blog. Em 2010, o professor Joab Dias Couto passou a integrar a equipe docente do projeto, auxiliando nas oficinas de Jornal Mural e na Orientação de Estudos.

Já em 2012, as atividades do Grito do Glicério foram inseridas na linguagem teatral, com a entrada da professora e atriz Marília Donoso. O teatro se alinha às referências educacionais de protagonismo, autonomia e colaboração, além de abordar uma questão importante: apesar de a escola estar localizada em uma região central, os equipamentos culturais não são apropriados pela comunidade do entorno

A partir de 2013 a proposta de criar uma agência de notícias foi integrada ao projeto e, no ano seguinte, a educadora Sara Siqueira passou a dar continuidade à proposta de Rádio com estudantes do ciclo interdisciplinar. Em 2018 a educadora Janaína Monteiro conduzia individualmente a mediação do projeto, nesse momento houve a reinauguração da Web-Rádio e uma maior periodicidade das publicações do Jornal Mural, além da cobertura, com fotografias e gravações dos eventos na escola.

Em 2019, ocorreu a celebração dos dez anos de existência do O Grito do Glicério, a partir de um resgate da memória e do legado do projeto para a comunidade escolar. O evento foi composto por uma exposição virtual, nas redes da escola, com depoimentos de estudantes, ex-estudantes e docentes que passaram pelo projeto, conjuntamente com uma exposição física, pensada e construída com a equipe de estudantes.

De acordo com Janaína Monteiro: “nas últimas três edições, o projeto vinha recebendo cada vez mais estudantes migrantes e essa diversidade nos colocou ainda mais desafios. Passamos a ver os projetos como espaço de integração social no ambiente escolar”, sendo esta uma importante característica, voltada para a inclusão dos estudantes migrantes de diferentes nacionalidades como Síria, Bolívia, Haiti, Marrocos, República Dominicana, Colômbia e demais países, essa grande diversidade cultural e religiosa convivendo nessa região do Glicério.

⁶² Blog: <https://duquedecaxiasglicerio.blogspot.com/>. Acesso em 18 set. 2024.





Fica a dica!

Na educação infantil, por exemplo, é possível propor análise crítica de capas de livros, seja como uma atividade pontual ou um projeto permanente, que pode acontecer uma vez por semana ou por mês. A partir de livros que abordam direta ou indiretamente questões de diversidade étnico-racial ou de orientação sexual, docentes podem incentivar que as crianças, em grupo, descrevam a capa do livro, destacando os elementos que a compõem, levando-as a refletir sobre seus significados. A capa do livro infantil “Mãe não é só uma, eu tenho duas”, de Nanda Mateus e Raphaela Comisso, é um bom exemplo nesse sentido. E a leitura das imagens pode ser realizada com crianças que ainda não foram alfabetizadas.

Com adolescentes e adultos, do Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA, é possível discutir sobre representações, preconceitos e estereótipos a partir de diferentes mensagens de mídia: de uma cena de novela à abordagem de uma notícia ou até mesmo um conteúdo de um(a) influenciador(a) digital. Essa pode ser uma atividade pontual ou permanente, como um clube’.

A partir de 2013, a proposta de criar uma agência de notícias foi integrada ao projeto e, no ano seguinte, a educadora Sara Siqueira passou a dar continuidade à proposta de Rádio com estudantes do ciclo interdisciplinar. Em 2018, a educadora Janaína Monteiro conduzia individualmente a mediação do projeto, nesse momento houve a reinauguração da Web-Rádio e uma maior periodicidade das publicações do Jornal Mural, além da cobertura, com fotografias e gravações dos eventos na escola.

Em 2019, ocorreu a celebração dos dez anos de existência do *O Grito do Glicério*, a partir de um resgate da memória e do legado do projeto para a comunidade escolar. O evento foi composto por uma exposição virtual, nas redes da escola, com depoimentos de estudantes, ex-estudantes e docentes que passaram pelo projeto, conjuntamente com uma exposição física, pensada e construída com a equipe de estudantes.

1.6. Pressupostos da Educomunicação

A Educomunicação parte do reconhecimento de que todo ser humano tem o direito de se manifestar e, para isso, precisa acessar meios de comunicação para

⁶³ Um exemplar do jornal pode ser acessado em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/41312.pdf>.



que suas ideias possam alcançar as pessoas. Assim, por meio da comunicação, podemos participar dos processos sociais e lutar pela ampliação dos direitos na sociedade.

Para viabilizar práticas pedagógicas calçadas na comunicação enquanto processo fortalecedor e transformador, a Educomunicação adota alguns pressupostos defendidos no campo da Educação, como:

→ **Dialogicidade:** uma referência fundamental à Educomunicação é Paulo Freire (1983; 2019; 2020) e sua visão da educação como uma prática dialógica e libertadora. Para o patrono da educação brasileira, educar não é transferir conhecimento, mas propiciar condições para uma aprendizagem autônoma, na qual as pessoas refletem sobre suas realidades ao interagir com elas, questioná-las e transformá-las. Na interação com as pessoas e seu território, o ser humano aprende hábitos, valores e desenvolve gostos. Assim, abrir espaço para esses saberes do(a) estudante, valorizando-os, é fundamental para que se sinta sujeito(a) e para que amplie seu repertório a partir das práticas pedagógicas propostas pela escola.

→ **Protagonismo estudantil:** ao reconhecer que estudantes não são tábulas rasas e que constroem conhecimentos em vez de simplesmente retê-los, a educação se reposiciona: de mero processo de transferência de informações ao estímulo à investigação e à criação - ações mediadas intencionalmente por docentes em suas práticas pedagógicas. Nesse processo, estudantes são agentes do seu próprio aprendizado e da sua realidade, reconhecida, problematizada e transformada por esses(as) sujeitos(as) no contexto das atividades escolares.

→ **Equidade:** na matriz de saberes da educação paulistana⁶⁴, equidade significa garantir que todos os estudantes, independentemente de suas características individuais ou contextos sociais, tenham acesso a um currículo de qualidade e oportunidades de aprendizagem que lhes permitam desenvolver seu potencial máximo. A equidade reconhece a diversidade dos estudantes e busca oferecer suportes e adaptações necessárias para que cada um possa aprender e prosperar, superando desigualdades e barreiras. No contexto da Educomunicação, isso

64. Presente no Currículo Digital da Cidade de São Paulo, disponível em: <https://curriculo.sme.prefeitura.sp.gov.br/matriz-de-saberes>.



significa oferecer recursos, oportunidades e desafios ajustados às necessidades e interesse de cada pessoa envolvida no processo educacional.

→ **Inclusão:** um dos pilares da educação paulistana, o conceito de inclusão na Educomunicação envolve a oferta de recursos e atividades de forma acessível, que valorizem as identidades, diferenças e promovam diálogos interculturais, práticas pedagógicas para a diversidade e a participação de todos, independentemente de suas características individuais ou necessidades educacionais específicas. Isso significa flexibilizar o currículo e os métodos de ensino para oportunizar que todos os estudantes se sintam valorizados e tenham acesso a um aprendizado do qual se sintam parte, que valorizem a diversidade e respeite as diferenças individuais.



Fica a dica!

Para garantir acessibilidade a todas as pessoas, um dos caminhos é promover a acessibilidade comunicacional que assegura o direito à informação e à comunicação, e busca acabar com as barreiras de comunicação entre as pessoas, seja na comunicação escrita ou oral, em conteúdos de papel, audiovisuais e virtuais.

Na Educomunicação desejamos melhorar os ecossistemas comunicativos, ou seja, desenvolver relações de comunicação com maior diálogo e participação, e por isso proporcionar acessibilidade comunicacional, seja ela analógica ou digital⁶⁵, amplia a produção de conteúdos comunicativos e a participação social de todas as pessoas.

O movimento das pessoas com deficiência criou o slogan: “nada sobre nós sem nós”. E é justamente nesta linha de participação e inclusão que a Educomunicação trabalha. Ações como as da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência (SMPED), como a Comissão Permanente de Acessibilidade - CPA⁶⁶,

⁶⁵ Outro termo importante que podemos conhecer é Acessibilidade Digital. A Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência possui uma iniciativa chamada Programa Selo de Acessibilidade Digital, que certifica sites e portais brasileiros a partir de análise técnica baseada em diretrizes nacionais e internacionais de acessibilidade. Você pode saber mais em O caso do Selo de Acessibilidade Digital, disponível em <https://youtu.be/a-D2XTPSM-Cg?si=ary9xAKfrM-sAjMN>. Acesso em 18 set. 2024.

⁶⁶ Saiba mais sobre a Comissão Permanente de Acessibilidade (CPA) em https://capital.sp.gov.br/web/pessoa_com_deficiencia/cpa/ Acesso em 19 set. 2024.



e o documento Conhecer para Incluir⁶⁷, têm nos orientado na construção de projetos educomunicativos.

Condizente com esses princípios, um exemplo de produção educomunicativa de cinema foi a série *Inclusão na Tela: o Olhar dos Estudantes*⁶⁸, realizada em 2016 por estudantes participantes da Imprensa Jovem de nove escolas municipais de São Paulo: EMEF Duque de Caxias, EMEF Arlindo Caetano, EMEF Júlio Marcondes Salgado, EMEF Leonor Mendes de Barros, EMEF Vila Munck, EMEF Laerte Ramos e EMEBS Madre Lucie Bray. A partir de uma parceria entre a SME/SP e a Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo (SMPED/SP), esses estudantes foram convidados a produzir vídeos tendo como tema gerador os direitos das pessoas com deficiência. O convite veio junto com um processo formativo sobre o conceito de deficiência, norteador pelo entendimento de que a mesma se relaciona com os obstáculos que dificultam a participação plena da pessoa na sociedade, principalmente às barreiras sociais que impedem as pessoas de participarem da educação formal, do mercado de trabalho ou da vida cultural e esportiva da cidade, por exemplo.

Apesar de o convite e apoio à produção dos vídeos terem sido institucionais, houve o zelo para preservar a autoria dos(as) estudantes, garantindo sua autonomia de abordagem e de narrativa. Os nove vídeos resultantes do projeto mostram perspectivas bem diversas sobre a riqueza e os desafios da inclusão no contexto escolar, contando histórias não só de discentes, mas também da luta de um docente com deficiência. Além disso, nas Imprensas Jovens participantes havia integrantes com deficiência, sendo que uma delas era composta totalmente por estudantes surdos(as): a equipe da Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos (EMEB) Madre Lucie Bray, que fez o curta de suspense *Viva Meliês*, homenageando de forma bem humorada o cinema mudo.

Ao fim do projeto, esses curtas metragens foram exibidos em uma sala profissional de cinema, o Cine Olido, no centro de São Paulo, com a presença das escolas realizadoras e recebendo comentários do jornalista e escritor Jairo Marques, ele próprio cadeirante e responsável pela coluna *Assim como você*, publicada pelo jornal *Folha de São Paulo*. A produção, exibição e debate sobre os

⁶⁷ O documento Conhecer para Incluir está disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/pessoa_com_deficiencia/w/publicacoes/295953 Acesso em 18. set. 2024.

⁶⁸ Os nove curtas metragens do projeto Inclusão na Tela: O olhar dos estudantes podem ser assistidos no canal de Youtube da SMPED-SP: <https://youtu.be/aPsL2okSLCI?si=UtsnNyz0Dspmy5VL>. Acesso em 30 set. 2025.



vídeos da série *Inclusão na Tela* contribuiu para suscitar uma conversa franca sobre (in/ex)clusão e sobre o papel da mídia em reforçar ou desconstruir os estereótipos que retratam as pessoas com deficiência como coitadas e incapazes. Um dos aprendizados que essa experiência propiciou aos(as) participantes foi o quanto as barreiras físicas são mais fáceis de serem percebidas do que as atitudinais, fundadas na crença de que as pessoas com deficiência são cidadãs de segunda classe⁶⁹.



Reflexão

O Estatuto da Pessoa com Deficiência, instituído pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146, de 2015⁷⁰), é "destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania" (Brasil, 2015). Esta lei trata da igualdade e da não discriminação, do direito à vida, à saúde, à moradia, ao trabalho, ao lazer, à cultura, ao transporte, entre outros temas. Atendendo ao capítulo II, da Lei Brasileira de Inclusão, que trata do acesso à informação e à comunicação, a Lei nº 18.268/2025, que consolida o Imprensa Jovem na RME/SP, prevê em seu art. 2º a promoção do "diálogo, a tolerância, o respeito e a solidariedade frente às pessoas com deficiência e às diversidades etárias e sociais, garantindo, inclusive, o direito de expressão de todos nos espaços escolares". Para uma educação verdadeiramente democrática, a promoção de ações educacionais "no contexto de uma sociedade solidária faz a cidadania prevalecer sobre o mercado (Soares; Viana, 2012)".

A Imprensa Surda demonstra que é possível promover a expressão comunicativa a partir das mídias inclusive com estudantes aos quais barreiras linguísticas são impostas.

69 Mais detalhes sobre este projeto podem ser obtidos no artigo da professora Thaís Brianezi. BRIANEZI, Thaís. O cinema como potência de aterramento: uma perspectiva educacional sobre a contribuição do audiovisual na educação ambiental. In: Elisa Willms; Rafael Nogueira Costa; Rogério de Almeida; Michèle Sato. (Org.). Sementes da arte educação ambiental. 1ed. São Paulo: FEUSP, 2024, v. 1, p. 364-377. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1358/1238/4777>.

70 Lei Brasileira de Inclusão (Lei no. 13.146, de 2015, disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 18 set. 2024.





EducomNaPrática

Imprensa Surda

Escola: CIEJA Perus I

Educador responsável: Rossini Castro

Ano de criação: 2022

Faixa etária envolvida: 30 a 70 anos



Em uma frutífera parceria entre o educador Rossini Castro, a instrutora voluntária de Libras Vitória Lopes, e estudantes surdos e surdas do CIEJA Perus I, a Imprensa Surda foi criada para incentivar estudantes surdos(as) a se comunicarem no contexto do Imprensa Jovem, mas recorrendo ao audiovisual, uma vez que o rádio é uma mídia estritamente sonora e, portanto, inacessível às pessoas surdas.

A Imprensa Surda demonstra que é possível promover a expressão comunicativa a partir das mídias inclusive com estudantes onde barreiras linguísticas lhes são impostas.

Em uma frutífera parceria entre o educador Rossini Castro, a instrutora voluntária de Libras Vitória Lopes, e estudantes surdos e surdas do CIEJA Perus I, a *Imprensa Surda* foi criada para incentivar estudantes surdos(as) a se comunicarem no contexto do Imprensa Jovem, mas recorrendo ao audiovisual, uma vez que o rádio é uma mídia estritamente sonora e, portanto, inacessível às pessoas surdas.

Um dos aspectos positivos dessa iniciativa é a troca entre estudantes, em que surdos(as) ensinam Libras a estudantes ouvintes, que os ensinam a Língua Portuguesa. Um processo a partir do qual obtêm-se equidade na educação, havendo uma inclusão verdadeira. A participação no projeto, viabilizada por meio da interpretação em Libras, proporcionou mais acesso à informação, ajudando os(as) participantes a entenderem a informação de forma crítica.

Rossini destaca ainda que no CIEJA Perus I, além de pessoas surdas, há estudantes migrantes, como haitianos(as) e de outros países latino-americanos, bem como, autistas, que também participam das ações da agência de notícias do CIEJA. “Quando trabalhamos na perspectiva da inclusão, precisamos somar toda a comunidade escolar. Então, na nossa agência, há ex-estudantes, pessoas com deficiência e de outras nacionalidades”, declara Rossini.





Fica a dica!

Expressar-se é uma condição humana, e incentivá-la com uma intencionalidade pedagógica é possível em qualquer realidade. Para além da produção de mensagens em linguagens específicas, acessíveis a alguns grupos e a outros não, estudantes com deficiência podem fazer parte de qualquer grupo de produção de mídia. Estudantes com deficiência visual podem contribuir para o processo de produção de vídeo realizando entrevistas e apurando informações. Estudantes surdos ou com deficiência auditiva também podem realizar entrevistas, cujo diálogo em Libras pode ser interpretado para a língua portuguesa por uma pessoa intérprete, ainda que para uma mídia sonora. Estudantes com algum tipo de deficiência intelectual também podem fazer registros, pesquisas, organizar ideias, editá-las e publicá-las. Scarcella e Yanaze (2025) apontam experiências no Brasil e na América Latina pontuando práticas educomunicativas com estudantes neurodivergentes, relacionando em que medida estas podem ser desempenhadas e de que forma propô-las ao seu grupo com o objetivo de incluir e não o de segregar.





IMPRENSA
JOVEM+

DRE PIRITUBA



CAPÍTULO 2



EDUCOMUNICAÇÃO E DIÁLOGOS COM O CURRÍCULO DA CIDADE



Capítulo 2 – Educomunicação e diálogos com o Currículo da Cidade

2.1. Educomunicação: uma aliada para a Educação Integral⁷¹

A Educação Integral, que visa o desenvolvimento dos bebês, crianças, jovens e adultos em suas múltiplas dimensões – cognitiva, física, emocional, social e cultural –, encontra nas práticas educacionais um caminho potente para sua materialização. Alinhada ao Currículo da Cidade, a Educomunicação posiciona os estudantes como protagonistas ao convidá-los a criar seus próprios produtos midiáticos. Nessa produção, eles mobilizam saberes, desenvolvem a colaboração, a empatia e a responsabilidade, eixos estruturantes da nossa Matriz de Saberes.



Foto: Weine Teigon

Essa produção de sentido não se encerra nos muros da escola; ela reverbera e se conecta com a perspectiva de uma Cidade Educadora, na qual os territórios se tornam fontes de conhecimento. Ao dar voz às suas comunidades e investigar questões socioambientais locais, os estudantes se engajam na construção de uma sociedade mais justa e sustentável, estabelecendo uma conexão direta com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030.

Nesse sentido, a Educomunicação é central para a efetivação da Educação Inclusiva. Não se pode conceber uma educação como integral se ela não oportuniza que diferentes pontos de vista sejam comunicados e visibilizados, sobretudo de vozes historicamente silenciadas (pessoas com deficiência, indígenas, negras, migrantes, LGBTQIAPN+, entre outras). Da mesma forma, não é integral uma educação que, mesmo garantindo a representatividade, não assegura as condições para que todos possam dialogar com suas próprias vozes, sem barreiras ou intermediários.

⁷¹ **Renata de Lara Ferreira Tamasi.** Coordenadora Pedagógica da RMESP. Assessora da Coordenadoria dos Centros Educacionais Unificados e Educação Integral (COCEU). Mestranda em Currículo, Práticas Pedagógicas e Formação de professores pela FEUSP. É a representante de São Paulo na Associação Internacional de Cidades Educadoras (AICE).



Portanto, a Educomunicação se faz presente em todos os componentes curriculares e em todas as etapas e modalidades de ensino. Ela se manifesta, por exemplo, nas experiências pedagógicas do Programa São Paulo Integral (SPI), especialmente no Território do Saber “Comunicação e Novas Linguagens”. Mais do que apenas transmitir conteúdo, a prática educomunicativa se dedica à construção do conhecimento a partir da análise crítica e da participação ativa dos estudantes, estimulando a criatividade, o pensamento reflexivo e a ética.

Em termos práticos, isso se alcança por meio de inúmeras possibilidades que valorizam diferentes formas de expressão. Experiências com cinema e vídeo que desafiam estereótipos; projetos de fotografia que capturam a realidade sob diferentes lentes; a produção de rádios, *podcasts* e jornais escolares, como a *Imprensa Jovem*; e o fortalecimento de espaços de participação, como Grêmios e assembleias estudantis. Todas essas são ações colaborativas que envolvem a comunidade, promovem aprendizagens que extrapolam os limites da escola e consolidam a cidade como um território educador, onde todos são vistos como protagonistas.



Fica a dica!

Na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, desde 2015, foi estabelecido o Programa São Paulo Integral, em articulação com os Programas Mais Educação Federal (2010) e Mais Educação São Paulo (2013). Como parte da estrutura do Programa São Paulo Integral, existem os Territórios do Saber, que, por sua vez, têm o mesmo status das disciplinas da Base Nacional Comum, definidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96). Dentre eles, está o Território intitulado Comunicação e Novas Linguagens, que destaca a Educomunicação nas práticas pedagógicas relacionadas ao cinema e vídeo, fotografia, imprensa jovem, rádio, podcast, revista, jornal e jornal escolar. O Currículo da Cidade de São Paulo conta ainda com uma Matriz de Saberes que contempla princípios Éticos, Políticos e Estéticos, orientados para o exercício da cidadania responsável, tendo em vista possibilitar a construção de uma sociedade mais igualitária, justa, democrática e solidária.

Em 2020, no meio da pandemia de Covid-19, pensamos em como a Educomunicação paulistana, especificamente os estudantes das agências de notícias escolares, poderiam se envolver em processos de ensino e aprendizagem voltados à saúde. Assim nasceu o curso *Imprensa Jovem – Estudante Mediador dos*



ODS, uma formação continuada para que educadores da Rede pudessem integrar estratégias de educação midiática à agenda 2030 da ONU, especificamente aquelas que pudessem mitigar os efeitos da falta de acesso à saúde pública, especialmente aos moradores das periferias: os mais vulneráveis e atingidos pelo momento pandêmico que ora nos afligia.



EducomNaPrática

Em setembro de 2025, boas práticas de Educomunicação para a educação integral da RME/SP foram selecionadas para a Mostra Nacional de Experiências Inspiradoras de Gestão e Projetos Pedagógicos de Educação Integral em Tempo Integral. Essas boas práticas partiram de uma proposta de formação continuada para professores: o curso Imprensa Jovem – Estudante Mediador dos ODS.

A partir de 2023, professores e estudantes viram a necessidade de abordarem o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 13 (Ação contra a mudança global) pois sentiam na pele devido ao calor fora do normal, os efeitos das mudanças climáticas. Como produto deste curso de formação continuada, apresentamos na Mostra Nacional três experiências ainda ativas, cada uma de uma etapa da educação básica paulistana:

→ **CEI Sementinha da Esperança⁷²**: Intrigadas com as notícias sobre as enchentes históricas que atingiram o Rio Grande do Sul em maio de 2024, as crianças do Centro de Educação Infantil começaram a fazer perguntas surpreendentes: ‘Por que a chuva não parou?’, ‘E as casas das pessoas?’, ‘Como a gente pode fazer para mudar?’. Movidas por essa curiosidade infantil genuína – que misturava preocupação, imaginação e desejo de entender a ciência por trás dos desastres –, elas decidiram investigar como as mudanças climáticas afetam o mundo. Com orientação das professoras, transformaram suas indagações em um *podcast* educativo⁷³, onde explicaram, com linguagem lúdica,

⁷² Mais produções da CEI Sementinha da Esperança podem ser acessadas em: <https://www.instagram.com/cei.sementinhadaesperanca/>.

⁷³ Assista ao depoimento dos educadores da CEI Sementinha da Esperança sobre o processo de ensino e aprendizagem das crianças curiosas e interessadas em debater a emergência climática: https://youtu.be/nWav9d-1DFOY?si=6N_Z-XI8WKSxuT4E.



conceitos como aquecimento global, eventos climáticos extremos e justiça ambiental. O projeto virou uma ação de conscientização na escola, provando que a voz das crianças pode ser potente para discutir emergência climática e inspirar ações coletivas.

→ **CEU EMEF Paraisópolis⁷⁴**: Motivados pela indagação de uma estudante sobre uma reportagem televisiva que revelava uma disparidade térmica de 9°C entre os bairros do Morumbi e Paraisópolis⁷⁵ – separados por poucos metros –, os estudantes construíram um termômetro artesanal. Com este termômetro, construído nas aulas no Laboratório de Educação Digital (LED) a partir do Currículo de Tecnologias para a Aprendizagem, os estudantes realizaram medições em ambas as localidades e confirmaram a diferença de calor denunciando o racismo ambiental presente naquela região⁷⁶. A partir dos dados coletados, promoveram debates em seu território, questionando por que naturalizamos desigualdades socioespaciais que privilegiam certas regiões com infraestrutura verde e qualidade de vida, enquanto outras, como a que habitam, enfrentam ilhas de calor urbanas e condições precárias de desenvolvimento humano.

→ **EMEFM Rubens Paiva⁷⁷**: Esta escola de ensino fundamental e médio criou o projeto *Editoria do Clima*⁷⁸, para integrar ensino-aprendizagem à justiça socioambiental. Localizada próximo à Favela da Ilha do Iguaçu, região impactada por enchentes e degradação urbana, a iniciativa mobiliza estudantes como protagonistas na produção de mídias educacionais (inclusive em Libras) e em ações práticas, como a criação de uma horta urbana agroecológica, campanhas de reciclagem e diálogo com autoridades locais. O projeto conecta a crítica à urbanização desordenada e ao racismo ambiental com estratégias

74 Mais produções da Imprensa Jovem do CEU Paraisópolis podem ser obtidas em: https://www.instagram.com/imprensa_jovem_paraisopolis/

75 Pesquisa da Universidade Mackenzie revela diferenças de temperaturas entre bairros de São Paulo: <https://www.mackenzie.br/memorias/150-anos/acontece/arquivo/n/a/i/pesquisa-do-mackenzie-revela-diferencas-de-temperaturas-entre-bairros-de-sao-paulo>.

76 Pesquisa da Universidade Mackenzie revela diferenças de temperaturas entre bairros de São Paulo: <https://www.mackenzie.br/memorias/150-anos/acontece/arquivo/n/a/i/pesquisa-do-mackenzie-revela-diferencas-de-temperaturas-entre-bairros-de-sao-paulo>.

77 Assista a esta produção educacional em: <https://youtu.be/aBmqTB4iUtM?si=fsLiCJs6oHgZH1Jw>.

78 Assista a apresentação deste projeto em <https://www.youtube.com/watch?v=YiD2ijhScDo>.



pedagógicas interdisciplinares, integrando percursos formativos do Novo Ensino Médio — como Educação Financeira (reflexão sobre consumo sustentável), Núcleo de Criação em Linguagens (produção cultural sobre crise climática) e De Olho nas Redes (combate à desinformação ambiental). Além de fortalecer a segurança alimentar e a conscientização comunitária, a *Editoria do Clima* promove parcerias com organizações como a Cúpula dos Povos rumo à COP30, articulando educação crítica, ação local e engajamento global para formar jovens como agentes de transformação socioambiental em suas realidades.



Reflexão

Essas três experiências materializam a concepção de Cidade Educadora: os muros da escola são dissolvidos, e o território, com suas urgências e potências, é parte do currículo. A investigação sobre as enchentes, a denúncia do racismo ambiental ou a mobilização pela justiça climática deixam de ser temas abstratos para se tornarem ações concretas de cidadania. É por meio da Educomunicação que os estudantes aprendem a ler sua cidade, a interpretar suas dinâmicas e a se posicionar como cidadãos que não apenas habitam, mas que ativamente constroem o espaço urbano. Esta CEI, CEU EMEF e EMEFM se reafirmam como um núcleo de transformação social, onde aprender e intervir na realidade é o mesmo movimento.

2.2. Inclusão e acessibilidade educomunicativa⁷⁹

Você, educador(a), já deve ter visto inúmeros estudantes, principalmente os de camiseta e colete laranja do projeto *Imprensa Jovem*, produzindo vídeos e fazendo perguntas nas unidades educacionais e pela cidade. O protagonismo e a autoria são visíveis. Mas há como fazer Educomunicação com estudantes que enfrentam barreiras de comunicação?

⁷⁹ Clayton Ferreira dos Santos Scarcella. Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Arte. Integra a área de Educomunicação na SME/SP. É Bacharel em Comunicação Social (Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação), Mestre em Educação Inclusiva (Universidade Federal de São Paulo), Mestre em TIC na Educação (Universidad Europea Del Atlántico – ESP), e Doutorando em Ciências da Comunicação (ECA/USP).



A resposta é um **potente sim**. A Educomunicação, para se efetivar enquanto uma prática democrática e dialógica, precisa ser para todos. O princípio fundamental é que não existe um estudante que não se comunique; o que existem são diferentes formas de comunicação que precisam ser reconhecidas e valorizadas. A **Educação Inclusiva**, uma das diretrizes da educação paulistana, nos convoca a remover barreiras, e no campo da comunicação, isso se traduz em garantir sobretudo a **acessibilidade comunicacional**.



Reflexão

A cultura social que supervaloriza a imagem e julga as diferenças cria um conceito restrito de "normalidade" que reverbera no ambiente escolar e nas práticas pedagógicas. Essa lógica impacta diretamente os estudantes cujas formas de ser, comunicar e se expressar desafiam o padrão hegemônico. Para eles, o processo de aprendizagem e socialização é atravessado por barreiras de acessibilidade, que podem ser físicas, arquitetônicas e de locomoção. No entanto, são as barreiras comunicativas e, sobretudo, as atitudinais que mais dificultam o desenvolvimento e a plena participação desses sujeitos, limitando seu direito a uma Educação Integral e Inclusiva. (Scarcella & Yanaze, 2025)⁸⁰

Para apoiar essa construção, educadores da nossa Rede contam com referenciais como o *DUAeducom*⁸¹, um *framework* idealizado a partir de uma pesquisa de mestrado e validado por educadores da nossa rede em um curso de formação continuada⁸² que uniu a Educomunicação e a Divisão de Educação Especial (no âmbito da SME/SP) e pesquisadores do Programa de pós-graduação em Educação Inclusiva (PROFEI) da Universidade Federal de São Paulo. Esse *framework*, inspirado nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), sugere caminhos possíveis para que todos os estudantes possam participar ativamente das práticas educacionais. Isso se materializa de formas muito concretas:

80 SCARCELLA, Clayton Ferreira dos Santos; YANAZE, Leandro Key Higuchi. Inclusão de estudantes com distúrbios de comunicação: revisão integrativa de literatura das produções científicas dos últimos 10 anos. *Distúrbios da Comunicação*, [S. l.], v. 37, n. 2, p. e70332, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2025v37i2e70332>. Acesso em: 07 set. 2025.

81 O Desenho Universal para a Aprendizagem Educomunicativa (DUAeducom) é um Recurso Educacional Aberto (REA) com código fonte disponível em <https://github.com/claytonscarcella/duaeducom> e design que pode ser acessado em <https://claytonscarcella.github.io/duaeducom/>.

82 SME lança curso inédito que une Educomunicação e Educação Inclusiva. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/sme-lanca-curso-inedito-que-une-educomunicacao-e-educacao-inclusiva/>.



Múltiplas formas de expressão: Um estudante não oralizado ou com dificuldades na escrita pode ser o roteirista de um vídeo utilizando pranchas de comunicação com pictogramas, ou pode ser o diretor de fotografia de um ensaio que narra uma história através de imagens. A autoria não está restrita à palavra falada ou escrita.

Múltiplos meios de apresentação: As produções do grupo devem ser acessíveis a todos. Isso significa legendar vídeos, incluir interpretação em Libras, criar audiodescrição ou disponibilizar roteiros em linguagem simples. Ao fazer isso, os estudantes aprendem sobre a importância de comunicar para todos, desenvolvendo a empatia prevista em nossa **Matriz de Saberes**.

Diversas Formas de Engajamento: A participação pode se dar em diferentes funções. Um estudante pode se destacar na edição de áudio de um *podcast*, na criação da trilha sonora, na organização da pauta da entrevista ou na operação de uma câmera. Todas as funções são vitais para o ecossistema comunicativo e para o desenvolvimento de uma **Educação Integral** que permite que cada estudante tenha o seu direito à comunicação garantido e sua visão de mundo amplificada.



Boas Práticas Escolares

Exibido em 01/12/2024⁸³, estudantes da Imprensa Jovem da EMEF Padre Antônio Vieira produzem reportagem sobre alimentação saudável e alimentos ultraprocessados. Visitam o projeto Horta na Praça, entrevistam nutricionistas, educadores e os demais estudantes da escola, para saber seus hábitos alimentares.



⁸³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=skBuh2JWLcw>.



Projeto Mídias⁸⁴

Escola: EMEF José Querino Ribeiro

Educadora responsável: Larissa Arruda Gonçalves

Ano de criação: 2024

Faixa etária envolvida: 11 a 15 anos

O Projeto Mídias nasceu de uma inquietação comum em muitas escolas: a comunicação oficial, embora necessária, nem sempre refletia a pulsação e as vozes que de fato habitam o espaço escolar. Os canais da escola no Instagram e Facebook eram espaços de comunicação sobre os estudantes, mas não com ou deles. A proposta, então, foi inverter essa lógica: e se os próprios estudantes se tornassem os comunicadores, os curadores da identidade da nossa escola?

O objetivo principal foi consolidar um espaço de autoria e protagonismo, alinhado ao Currículo da Cidade. De modo a desenvolver competências da Matriz de Saberes, como a Responsabilidade e Participação, ao confiar-lhes um canal oficial, e o Pensamento Crítico, na escolha do que noticiar. Acima de tudo, o projeto visava ser um exercício prático de Educação Inclusiva, construindo um ambiente onde cada estudante pudesse encontrar seu lugar e sua forma de expressão. O projeto é estruturado em encontros semanais que funcionam como uma verdadeira redação jornalística. O grupo, formado por estudantes de diferentes turmas, define coletivamente as pautas: desde a cobertura de eventos, como a Feira de Ciências e as visitas pedagógicas, até a criação de conteúdos de interesse deles, como entrevistas com professores, enquetes sobre filmes ou a divulgação de projetos de outras turmas.

As tarefas eram distribuídas de acordo com os interesses e habilidades de cada um: alguns escreviam os textos, outros gravavam vídeos, outros editavam. O papel da educadora era de mediação, orientando as discussões sobre ética na comunicação, direitos de imagem e, principalmente, garantindo que o fluxo de trabalho fosse colaborativo e acolhedor. O resultado mais imediato foi um aumento significativo no engajamento da comunidade escolar com nossas redes. A comunicação tornou-se mais autêntica e dinâmica. Porém, o impacto mais profundo foi observado no desenvolvimento dos próprios estudantes, com destaque para duas trajetórias que ilustram a potência da Educomunicação como um paradigma também de inclusão.

Havia no grupo uma estudante com deficiência intelectual que, inicialmente, era bastante introspectiva. Durante as reuniões de pauta, ela raramente contribuía verbalmente, mas estava sempre atenta, com o celular em punho. Ela foi nomeada fotógrafa oficial do grupo que seu talento floresceu de forma extraordinária e seus registros fotográficos revelaram uma sensibilidade única para capturar detalhes, emoções e ângulos que ninguém mais via. Ela encontrou na fotografia sua voz mais potente.

84 Saiba mais sobre este projeto em <https://www.instagram.com/emefjosequerino/>.



2.3. Educação antirracista⁸⁵

A Matriz de Saberes nos convida a cultivar em nossos estudantes saberes como Pensamento Científico, Crítico e Criatividade, Empatia e Colaboração, e Responsabilidade e Participação. Uma Educomunicação Antirracista, sugere esses saberes a partir algumas perspectivas:



Foto: Ceci Jaragua

- Na promoção da análise crítica da mídia, os estudantes desenvolvem a capacidade de identificar estereótipos, representações racistas e a ausência de corpos negros e indígenas em espaços de poder a partir do **pensamento crítico**.

- Ao produzir suas próprias mídias - como *podcasts*, vídeos, zines ou jornais escolares -, eles exercitam a **criatividade** e o repertório cultural, partindo de suas próprias vivências para comunicar suas visões de mundo. Este processo, quando pautado por uma perspectiva antirracista, torna-se um exercício potente de decolonização do pensamento⁸⁶: questionando narrativas hegemônicas e eurocêtricas.

Projetos educomunicativos são, em sua essência, colaborativos. Eles demandam escuta, diálogo e construção conjunta, fortalecendo a **empatia e colaboração** entre estudantes de diferentes origens e promovendo uma educação que valoriza cada indivíduo como parte essencial do coletivo.

O Currículo da Cidade nos orienta a uma educação que transcende os muros da escola, em sintonia com o conceito de Cidade Educadora. A Educomunicação convoca os estudantes a investigar, registrar e ressignificar seus territórios, valorizando a memória e a cultura local, muitas vezes marcadas pela herança africana e indígena, como bem aponta a Orientação Pedagógica “Educação Antirracista: Povos Afro-Brasileiros”.

85 **Eva Aparecida dos Santos**. Coordenadora Pedagógica na RME/SP, Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Atua no Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais (NEER) da Divisão de Currículo da Coordenadoria Pedagógica da SME/SP.

86 No livro **A cor na voz: identidade étnico-racial, Educomunicação e histórias de vida**, de Paola Prandini, publicado em 2018, pela editora Letramento, e distribuído a todas as bibliotecas das escolas da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, retrata as práticas educomunicativas desenvolvidas em uma EMEF da RMESP. A publicação deu origem à dissertação de mestrado da autora, tornando-se referência para compreender a práxis decolonial e decolonizadora das práticas educomunicativas.



A nossa Rede já pulsa com inúmeras experiências que entrelaçam Educomunicação e educação antirracista, mesmo que nem sempre nomeadas dessa forma. Veiculado pela TV Cultura em março de 2025, um bloco do Imprensa Jovem no Ar foi dedicado à ligação do bairro do Bixiga com o Samba, produzido por estudantes da EMEF Celso Leite⁸⁷.

Estas práticas, alinhadas às Leis 10.639/03 e 11.645/08, são exemplos vivos de como a Educomunicação também pode ser uma estratégia pedagógica para a construção de uma educação antirracista, integral, inclusiva e conectada com o conceito de Cidade Educadora.



FalaDocente

“Produzimos um vídeo em homenagem à jornalista Glória Maria, a primeira apresentadora negra da TV brasileira; divulgamos ações antirracistas da escola e desenvolvemos um projeto socioambiental de coleta e reciclagem de tampinhas plásticas e lacres de latinha preservando o meio ambiente e ajudando uma ONG que reverte toda a venda das tampinhas para ajudar crianças com câncer.”

Prof. Sidnei Batista Pereira - EMEF Prof. Aldo Ribeiro Luz

Desde 2008, a *Imprensa Jovem Kunumíngue* promove a difusão da cultura indígena guarani, por meio de entrevistas, reportagens e conteúdos em vídeo e *podcast* e publicações nas redes sociais do projeto. Esta agência de notícias indígena demonstra como a Educomunicação contribui para reforçar identidades e os laços de crianças e jovens com sua cultura, resgatando a memória e contando a história e o cotidiano de sua comunidade para outras pessoas. Outros grupos sociais podem desenvolver práticas de Educomunicação com o objetivo de valorizar e ampliar a visibilidade de sua cultura na sociedade.



Reflexão

“(…) não há Educomunicação em processos de mediação que não legitimam conhecimentos compartilhados, coletivos, horizontais, democráticos e que zelam pela equidade. Durante processos mediados pelos princípios e valores da Educomunicação, os conhecimentos são trocados a todo o momento e as linguagens da comunicação tornam-se aliadas das transformações sociais, por isso a defesa desta ser uma práxis decolonial e decolonizadora” (Prandini, 2024, p. 151)⁸⁸.

⁸⁷ Exibido em 02/03/2025. Assista em <https://www.youtube.com/watch?v=Rx97VX2IXAk>.

⁸⁸ Prandini, Paola Diniz de. **Conexão Atlântica: branquitude, colonialidades e Educomunicação na África do Sul, no Brasil e em Moçambique**. Ed. Letramento, 2024.



Para Carmen Gattás, formadora de Educomunicação da SME/SP, que acompanha as ações do projeto, “muitas pessoas acham que, em São Paulo, não há indígenas e hoje, esses(as) sujeitos(as) podem ser entrevistados e entrevistadores, em diversos eventos e ocasiões importantes do município. É muito prazeroso vê-los diante de uma cultura diferente, em que eles trazem uma essência milenar e têm nos ajudado a repensar a questão ambiental a partir do Jaraguá”, ressalta a educadora.



Fica a dica!

Imprensa Jovem Kunumíngue

Escola: CECI Jaraguá

Educadora responsável: Carmen Gattás

Ano de criação: 2022

Faixa etária envolvida: 12 a 24 anos



Foto: Ceci Jaragua

Para Basílio, que já concluiu o Ensino Médio, mas participa do projeto como integrante da comunidade indígena da qual faz parte, diz que o Imprensa Jovem Kunumíngue retrata a luta dos indígenas e aspectos de sua cultura que não são amplamente difundidos. O preconceito que sofrem e sua existência enquanto comunidade em São Paulo são pautas que, segundo ele, fazem parte das ações do projeto. Já Aline, estudante do CECI, destaca que realiza fotografias, atua como entrevistadora e que o projeto foi criado para mostrar, através das mídias, o que a comunidade tem, sobretudo as dificuldades enfrentadas na aldeia, um deles é o abandono de cachorros que, segundo a jovem, é algo recorrente.

Para a formadora, os(as) jovens têm desenvolvido autoidentificação com a realização do projeto e, assim, podem analisar criticamente a relação entre pessoas indígenas e brancas - aldeadas ou não aldeadas - criando formas de resistência para manterem sua cultura, valores e idioma.





Fica a dica!

O resgate da memória de um território pode ser uma proposta de atividade em que os estudantes podem aprofundar seus conhecimentos sobre o lugar ao qual pertencem. Isso pode ser construído a partir de entrevistas com pessoas mais antigas do local, com a comparação de registros fotográficos atuais com imagens antigas da região ou outros tipos de representações, como notícias, letras de música, etc. Esse tipo de abordagem pode ocorrer no contexto de disciplinas como Arte, Ciências, Geografia, História e Língua Portuguesa. Com isso, a turma pode resgatar, comparar elementos artísticos, ambientais e sociais de diferentes épocas, refletir sobre causas e consequências das transformações observadas, em todas as etapas de aprendizagem.

2.4. Educomunicação socioambiental

O Ministério do Meio Ambiente (MMA) brasileiro lançou, em 2005, o *Programa de Educomunicação Socioambiental*, institucionalizando o uso do termo. Em 2011, a Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental em Unidades de Conservação (ENCEA) mencionou a Educomunicação como estratégica para a realização de projetos em áreas protegidas. Já no âmbito do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), a Educomunicação é sinalizada como base para a realização de metodologias de produção participativa de produtos e ações de comunicação para a Educação Ambiental e a sustentabilidade, desenvolvidos pelas próprias comunidades, contextualizados com suas realidades. Em diversas escolas da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, há espaços que garantem a oportunidade de os(as) estudantes estarem em contato direto com a natureza, como hortas, viveiros e parques ao ar livre. Utilizar esses espaços para realizar atividades educacionais é sempre interessante. O conhecimento em primeira mão que pode ser construído, a partir da ocupação de lugares como esses, é primordial para o bem viver. Quando crianças, jovens ou pessoas adultas estabelecem conexões com a natureza e percebem a importância de cuidar do meio ambiente para o bem das suas próprias vidas, um mundo melhor tende a ser co-construído.

A sensibilização para a crise climática, quando mediada pela Educomunicação, move os estudantes da posição de espectadores passivos para a de agentes de transformação, capazes de influenciar suas comunidades e de propor solu-



ções para os problemas que identificam. Mobiliza, de forma articulada, os saberes previstos em nossa Matriz de Saberes em relação a:

Pensamento científico, crítico e criatividade: Os estudantes são desafiados a pesquisar conceitos como emergência climática, desmatamento ou a gestão de resíduos em seus bairros. Eles aprendem a identificar negacionismos climáticos, a analisar dados e a comunicar suas conclusões de forma criativa, seja por meio de um vídeo, um *podcast* ou uma reportagem para o jornal ou rede social da escola.

Responsabilidade e participação: Ao investigar o impacto ambiental no local onde vivem — como a poluição de um córrego ou a falta de áreas verdes —, os estudantes desenvolvem um senso de pertencimento e responsabilidade. A produção de uma campanha de conscientização ou a cobertura de uma ação de plantio de árvores no bairro são exercícios diretos de cidadania e participação social.

Resolução de problemas: Estimula os estudantes a não apenas apontar os problemas, mas a buscar e divulgar soluções. Eles podem, por exemplo, criar tutoriais sobre compostagem, entrevistar catadores de material reciclável para valorizar seu trabalho ou mapear hortas comunitárias, utilizando a comunicação como uma chamada para a ação.

Essa perspectiva também se alinha ao ideal de **Cidade Educadora**, enxergando a cidade como um laboratório vivo de aprendizagem. As questões ambientais de São Paulo se tornam pautas de investigação, e os estudantes, por meio de suas produções, contribuem para o debate público.

Nossa Rede conta com ricas experiências neste sentido, um exemplo é o curso *Imprensa Jovem: estudante mediador dos ODS*, desenvolvido em conjunto com a UNESCO e oferecido desde 2020 na RME/SP. Nesta iniciativa, os estudantes:

Apropriam-se da Agenda 2030: Eles estudam os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e os identificam como uma agenda global e local para a construção de um mundo mais justo e sustentável.

Tornam-se Comunicadores dos ODS: Utilizando as estratégias do jornalismo e da comunicação, os estudantes produzem reportagens, entrevistas e



campanhas que “traduzem” os ODS para a realidade de suas escolas e comunidades. Eles investigam, por exemplo, como o ODS 13 - Ação contra a mudança global do clima - se manifesta em seu bairro, seja pela ocorrência de enchentes ou pela criação de hortas urbanas que reduzem as ilhas de calor.

Atuam como Mediadores: A produção midiática não é um fim em si mesma. Ela serve como um dispositivo para iniciar diálogos, mobilizar colegas, familiares e vizinhos, e para pressionar por políticas públicas. Os estudantes se tornam verdadeiros mediadores entre uma agenda global e a ação local, exercendo o protagonismo de forma plena.



Fica a dica!

Em 2023, a Revista Comunicação e Educação, pertencente à Universidade de São Paulo - USP, publicou o artigo intitulado A Educomunicação socioambiental na Rede Municipal de Educação de São Paulo: histórico e análise a partir das perspectivas socioambiental, territorial e democrática. O texto é fundamental para quem quer saber mais sobre os projetos de Educomunicação Socioambiental realizados na RME/SP desde 2008. E em 2025, a Revista Letramento Socioambiental, publicou o dossiê Educação ambiental climática: Educomunicação, justiça socioambiental e educação transformadora⁸⁹, como parte das atividades vinculadas ao projeto temático Como a Educomunicação pode ampliar e qualificar as práticas de educação ambiental climática na Educação Básica no Brasil? (Educom & Clima), que contou com a participação de dezenas de educadores da RME/SP. Neste dossiê há inúmeros textos escritos por esses educadores e suas práticas nas salas de aula e em projetos pedagógicos.

Esta agência de notícias escolare voltada para a primeiríssima infância, com foco no respeito aos tempos, às vozes e aos olhares das crianças, é a consolidação de uma iniciativa dada a a partir da organização dos(as) estudantes em relação ao cuidado com o gramado e o quintal do CEI Reimberg. Atividades da CIPINHA (fazendo referência à CIPA - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), que aconteciam todas as segundas-feiras, para a vistoria e a coleta de objetos que oferecessem risco à saúde das crianças e dos(a) educadores(as). Encerravam com uma assembleia infantil, com o compartilhamento do que haviam coletado e observado pelo grupo.

⁸⁹ BRIANEZI, Thaís; LIMA, Carlos; OLIVEIRA, Ednéia; GATTÁS, Carmen. A Educomunicação socioambiental na Rede Municipal de Educação de São Paulo: histórico e análise a partir das perspectivas socioambiental, territorial e democrática. Comunicação & Educação, v. 28, n. 2, p. 196–211, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v28i2p196-211>. Acesso em: 26 set. 2025.





EducomNaPrática

Imprensa Jovenzinha CEI Reimberg⁹⁰

Escola: CEI Jardim Reimberg

Ano de criação: 2018

Educadora responsável: Claudia Santos

Faixa etária envolvida: 3 e 4 anos

Essa experiência levou à documentação estudantil acerca da necessidade de reparos de um terreno baldio ao lado da escola. As crianças fizeram registros fotográficos e um memorando para a diretora da unidade educacional, o que culminou na limpeza do terreno por uma equipe da Prefeitura da Cidade de São Paulo. Essa experiência levou à criação de uma horta, que contou com a doação de mudas de flores e de árvores para serem plantadas no terreno, bem como com a participação ativa de familiares e vizinhos(as) da escola.

As crianças também produzem conteúdos em áudio para o *podcast Aconte-CEI*, disponível nas plataformas de *streaming* como *Spotify*.



Fica a dica!

Uma prática pedagógica recorrente na Educação Infantil, o cultivo de hortas, transforma-se em uma vivência educ comunicativa a partir do momento em que o registro do processo se torna tão importante quanto a própria ação de plantar e colher. Há o caráter educ comunicativo quando os bebês e crianças, para além do cuidado com a terra, são convidados a se tornarem autores da narrativa daquele espaço. Essa autoria se manifesta nos desenhos que representam o crescimento de uma folha, as fotografias que capturam a descoberta de uma minhoca, as gravações de áudio com suas hipóteses sobre o sabor de uma hortaliça ou os vídeos que documentam o trabalho coletivo. É a intencionalidade pedagógica de incorporar esses registros à prática que a qualifica. Eles deixam de ser um anexo da atividade para se converterem na própria comunicação. Convidar a comunidade a apreciar um painel com a "história da nossa horta" ou a ouvir uma "rádio do canteiro" são ações que extrapolam o projeto inicial.

⁹⁰ As produções educ comunicativas desta unidade educacional podem ser acessadas em: <https://instagram.com/ceijdreimberg>, <https://www.facebook.com/ceijdreimberg> e <https://open.spotify.com/show/5AoR-JpYW1wY7a6x9rz6w8C?si=YO5YqrQ6SbegybB-UdLTTQ&nd=1>.





BoasPráticasEscolares

Exibido em 20/04/2025⁹¹, o curso “Como a Educomunicação pode ampliar e qualificar as práticas de educação ambiental climática na educação básica no Brasil (Educom & Clima89)” oferecido por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) aos educadores da RME/SP.



EducomNaPrática

Imprensa Mirim Cartola⁹²

Escola: EMEI Agenor de Oliveira Cartola

DRE: Campo Limpo

Educadora responsável: Silvia Santos

Ano de criação: 2013

Faixa etária envolvida: Educação Infantil

Desde 2013 as crianças passaram a manifestar o interesse por escolher as músicas referentes a um projeto de trilhas sonoras que a escola tinha à época e de não apenas ouvir as escolhidas pelo corpo docente. Iniciou-se, então, o projeto de rádio que, posteriormente, passou a contemplar também outras linguagens, como fotografia e vídeo.



BoasPráticasEscolares

Exibido em 16/03/2025⁹³, estudantes da EMEF Mururés entrevistaram a comunidade local, moradores, profissionais de saúde e líderes comunitários em relação aos casos de Dengue que não paravam de subir na região do Jardim Pantanal, zona leste da cidade de São Paulo.



2.5. Equidade de Gênero

Em uma perspectiva *interseccional*, em que as diferenças entre as pessoas são respeitadas e incluídas em prol da justiça e das transformações sociais para o bem comum, a Educomunicação se relaciona diretamente com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5, que estabelece a igualdade de gênero como meta global. Isso quer dizer que, em uma ação educacional, as pessoas devem ser respeitadas integralmente.

⁹¹ Disponível no canal do Youtube da SME em <https://www.youtube.com/watch?v=y7H7SA-N-SU>.

⁹² Página no Facebook: <https://www.facebook.com/impresamirim>. Acesso em 18 set. 2024.

⁹³ Saiba mais sobre o Educom & Clima em <https://www.instagram.com/educom.clima/>.





Reflexão

"(...) nas lutas pela emancipação da mulher, a mídia tem exercido uma função importante, prestando um papel incontestado nessa trajetória que vai dos meios impressos, passando pelos analógicos até os digitais, seja no cenário nacional ou internacional. Essa intervenção transformadora caminha na contracorrente da linguagem estereotipada, seja escrita ou imagética, que reforça o sexismo e outras discriminações".

(Vieira, 2016, p. 63)⁹⁴

O pertencimento étnico-racial, a identidade de gênero, as nacionalidades, a orientação sexual, as comunidades de origem, as classes sociais, os aspectos geográficos, dentre outros fatores determinantes de toda e qualquer integrante de um projeto de Educomunicação, por exemplo, devem ser parte relevante para a sua condução.



Fica a dica!

O ambiente escolar é composto por estereótipos que não contribuem com a diversidade dos corpos e complexidade de cada indivíduo. Acreditar na ideia de que garotas têm mais dificuldade em disciplinas de Exatas e que os garotos, por sua vez, são melhores nos esportes, não contribui para fazer da escola um ambiente diverso e inclusivo. É nessa perspectiva do enfrentamento das desigualdades, do reconhecimento positivo da diversidade e da construção de uma sociedade mais justa, que a escola deve abordar questões relacionadas a gênero, raça, sexualidade e outros grupos de minorias políticas que marcam a sociedade brasileira. Busque em sua escola criar espaços seguros para que os estudantes, especialmente aqueles envolvidos com as questões de sexualidade e gênero, possam compartilhar suas experiências. Visite a seção Gênero e Diversidade da Educateca SME/SP⁹⁵ e visite o portal Gênero e Educação⁹⁶, que tem uma série de informações e materiais pedagógicos relacionados à equidade de gênero nas escolas.

⁹⁴ VIEIRA, Vera de Fátima. Educomunicação pela cidadania das mulheres. Comunicação & Educação, São Paulo, Brasil, v. 21, n. 1, p. 61–71, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v21i1p61-71>. Acesso em: 26 set. 2025.

⁹⁵ A playlist Gênero e Diversidade da Educateca SME está disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL8AY3IoU_DajWGdPtjNNJzYLHvDDmcBPP.

⁹⁶ Confira em <https://generoeeducacao.org.br/>. Acesso em 18 set. 2024.



Nesse sentido, as práticas e reflexões educacionais são um caminho para a desconstrução de estereótipos e para a transformação de práticas culturais como a segregação e a estigmatização, impulsionando o avanço pela equidade de gênero e pelo respeito às diferentes identidades e formas de se relacionar. Temas como a Violência Baseada no Gênero (VBG) e a LGBTQIAPN+fobia, por exemplo, podem ser abordados por meio da produção de campanhas, *podcasts* ou vídeos, permitindo que os estudantes se posicionem e colaborem ativamente na construção de uma cultura de respeito em seus territórios.

2.6. Educação em Saúde

A interface entre a Educação e a Educação para a Saúde fortalece a concepção de Educação Integral, que reconhece a saúde como um direito fundamental e uma dimensão essencial do desenvolvimento humano. Esta articulação está diretamente alinhada ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 3 (Saúde e Bem-Estar) e se materializa em práticas pedagógicas que superam a simples transmissão de informações sobre prevenção de doenças.

Em uma perspectiva educacional, o ponto de partida é o desenvolvimento do pensamento crítico, conforme preconiza a Matriz de Saberes. Os estudantes são convidados a analisar criticamente as narrativas sobre saúde veiculadas na mídia, a identificar a desinformação e a investigar os determinantes sociais que impactam o bem-estar de suas comunidades. Essa leitura qualificada do mundo é o primeiro passo para a ação.

O protagonismo se consolida quando os estudantes passam da análise à produção, tornando-se agentes comunicadores da saúde em seus territórios. Por meio da escuta ativa e do trabalho em rede, eles podem criar campanhas, produzir *podcasts* com agentes de saúde locais ou mapear os recursos de saúde disponíveis no bairro, utilizando as TIC para ampliar o diálogo e a mobilização.

Dessa forma, a Educação para a Saúde, mediada pela Educação, converte-se em um exercício de cidadania. Os estudantes não apenas aprendem sobre autocuidado, mas desenvolvem a responsabilidade e a participação ao se envolverem ativamente nas políticas de saúde pública, colaborando para a construção de uma Cidade Educadora mais saudável e solidária.

⁹⁷ A playlist Gênero e Diversidade da Educateca SME está disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL8AY3IoU_DajWGdPtjNNJzYLHvDDmcBPP.

⁹⁸ Confira em <https://generoeducacao.org.br/>. Acesso em 18 set. 2024.



Segundo a professora Silvia, a principal contribuição do projeto à educação midiática das crianças, sobretudo na Primeira Infância, consiste na expressão de si enquanto protagonista, despertando sua curiosidade, principalmente “quando as crianças começam a conhecer a linguagem de cada mídia” e, assim, se encanta pela possibilidade de criar e poder utilizar as mídias na escola para expressar o seu olhar sobre o mundo. Nesse sentido, Silvia destaca que as crianças entendem as mídias como elos com o outro: “Vou fazer uma foto para mostrar para alguém, gravar um *podcast* para compartilhar”, afirma.

A professora diz ainda que o tema da desinformação, sobretudo relacionado à vacina, também foi abordado em algumas ocasiões. Em 2018, no contexto da vacinação contra febre amarela, as crianças discutiram espontaneamente sobre o tema, algumas tinham medo, pois pensavam que o imunizante poderia deixar doente. Algo semelhante se repetiu no contexto da Covid-19. Na primeira ocasião, as crianças tiveram o desejo de visitar uma Unidade Básica de Saúde (UBS) para entrevistar médicos, o que não aconteceu. No entanto, as crianças, com o apoio das docentes, encenaram o atendimento médico em um hospital na própria escola, após um longo bate-papo sobre o assunto, que foi retratado em vídeo, além de entrevistas entre as crianças.



Fica a dica!

O tema da vacinação contra a febre amarela também foi abordado por estudantes do Ensino Fundamental 2 que, em 2018, faziam parte do projeto Henfilmes, da EMEF Henrique de Souza Filho. Na ocasião, produziram um curta-metragem intitulado Vaza, Fake News⁹⁹, disponível no YouTube, que demonstrou como boatos e mentiras sobre vacinas podem afetar a comunidade escolar.

99 Veja o Vaza, Fake News em <https://www.youtube.com/watch?v=eopmV6v5lCE>.

100 Veja o Vaza, Fake News em <https://www.youtube.com/watch?v=eopmV6v5lCE>.

101 Disponível no canal do Youtube da SME em https://www.youtube.com/watch?v=NcTu_v75evs.



2.7. Tecnologias para Aprendizagem¹⁰²

O Núcleo de Tecnologias para Aprendizagem (TPA), vinculado à Divisão de Currículo da Coordenadoria Pedagógica, materializa no Currículo da Cidade o direito dos estudantes ao acesso e à apropriação crítica e criativa das tecnologias digitais. Em uma perspectiva alinhada à **Educação Integral**, as práticas com tecnologia buscam o desenvolvimento dos estudantes em suas múltiplas dimensões, promovendo a construção de uma relação autoral e cidadã com a cultura digital. Com um currículo organizado em 03 eixos, traz entre os objetos de conhecimento do **eixo letramento digital**, a utilização de diferentes linguagens midiáticas com abordagens reflexivas, colaborativas e dialógicas assim como a apropriação tecnológica que envolve a compreensão das possibilidades de uso e impacto na vida das pessoas.

Nesse contexto, a figura do(a) Professor(a) Orientador(a) de Educação Digital (POED) se destaca como um dos principais articuladores da Educomunicação nas Unidades Educacionais. O POED atua como um mediador, responsável por fomentar a educação digital seguindo o currículo de Tecnologias para Aprendizagem e a Educomunicação, por meio das tecnologias da informação e comunicação, garantindo que os Laboratórios de Educação Digital (LED) sejam espaços de colaboração, inventividade e protagonismo. É ele quem apoia a comunidade escolar na integração das TIC ao currículo, transformando o acesso a recursos digitais em potentes ecossistemas de comunicação e aprendizagem.

A concepção construcionista (Papert, 1980) que fundamenta o trabalho nos LEDs favorece a construção do conhecimento, valorizando processos em que os estudantes são protagonistas e autores. Essa abordagem se conecta diretamente à Matriz de Saberes, ao mobilizar o “Pensamento Científico, Crítico e Criatividade” e a “Resolução de Problemas”, estimulando os estudantes a relacionarem saberes previamente construídos com as novas inter-relações que se estabelecem por meio da exploração, da experimentação e das descobertas.

Os eixos do Currículo da Cidade – Tecnologias para Aprendizagem estão organizados com base no Pensamento Computacional e promovem um conhecimento sobre o funcionamento das tecnologias e suas implicações sociais. Seus princípios evidenciam de forma transversal o processo de educação digital:

¹⁰² Regina Célia Fortuna Broti Gavassa. Professora de Ensino Fundamental II e Médio – Geografia. Mestre em Educação: Currículo - Linha de pesquisa em Novas Tecnologias pela PUC-SP. Integrou o Núcleo de Tecnologias para a Aprendizagem até 2025.



→ **Programação:** Permite ao estudante descrever suas ideias, refletir sobre o que deseja criar e sobre o resultado obtido, estabelecendo diálogo com o próprio pensamento e com seus pares. Essa prática desenvolve a “Autonomia e Determinação” e a capacidade de transformar ideias em projetos concretos.

→ **TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação):** Este eixo aborda o papel das tecnologias na sociedade e as produções colaborativas, fortalecendo a “Empatia e Colaboração”. Investiga o acesso, a segurança e a veracidade da informação, a criatividade e a propriedade intelectual, além das implicações éticas no uso das TICs, cultivando a “Responsabilidade e Participação” nos espaços virtuais.

→ **Letramento Digital:** Impulsiona o trabalho com as linguagens midiáticas e a apropriação tecnológica, em diálogo com a Educomunicação. Fomenta uma consciência crítica, criativa e cidadã para que os estudantes se apropriem das tecnologias nas mais variadas situações da vida. Ao incentivar a investigação e o pensamento científico, favorece a criação de perguntas e situações-problema, superando a mera reprodução de conteúdo.

O currículo também incorpora os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis – ODS de forma articulada com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento com ampla liberdade aos educadores e estudantes para criarem projetos autorais e em cooperação entre diferentes atores sociais e da comunidade escolar.

2.8. Educação para os direitos humanos e a cultura de paz ¹⁰³

A Educação em Direitos Humanos (EDH) orienta-se pelo reconhecimento da dignidade humana, pela valorização da diversidade e pela garantia do direito à participação, à expressão e ao diálogo.

¹⁰³ **Taíze Grotto de Oliveira.** Professora de Ensino Fundamental II e Médio – Português. Mestre em Língua Portuguesa, na linha de pesquisa “Texto e Discurso nas Modalidades Oral e Escrita”, pela PUC-SP. Integra o Eixo de Educação em Direitos Humanos, Convivência e Mediação de Conflitos da Divisão de Gestão Democrática e Programas Intersecretarias da SME/SP.



Promover uma Cultura de Paz significa trabalhar a EDH cotidianamente nos diferentes espaços e tempos das Unidades Educacionais. A escola deve ser compreendida como espaço privilegiado de formação cidadã, de convivência, de encontro e de construção coletiva, marcado pela diversidade de sujeitos, saberes e experiências. Nesse contexto, o clima escolar, as relações interpessoais e as práticas pedagógicas precisam estar alinhados aos princípios da justiça, da equidade, da solidariedade e do respeito às diferenças.

Desse modo, a convivência escolar constitui dimensão estruturante do trabalho pedagógico e condição fundamental para o desenvolvimento integral e para a aprendizagem dos estudantes. Iniciativas institucionais voltadas ao fortalecimento das relações reafirmam a centralidade da escuta, do diálogo e do cuidado nas interações cotidianas, contribuindo para a construção de ambientes mais seguros, acolhedores e corresponsáveis. Ao promover espaços intencionais de fala e escuta, tais ações qualificam o clima escolar, fortalecem vínculos e previnem situações de violência.

É nesse cenário que as Comissões de Mediação de Conflitos (CMCs) se inserem, atuando de forma preventiva e pedagógica diante de situações que possam resultar em violação de direitos e, conseqüentemente, em violência. Parte-se do reconhecimento de que os conflitos são inerentes às relações humanas e, portanto, não devem ser negados ou silenciados, mas compreendidos e trabalhados pedagogicamente. Promover a Cultura de Paz não significa buscar a ausência de conflitos, e sim desenvolver nos estudantes e em toda a comunidade escolar a capacidade de reconhecê-los, identificar e nomear sentimentos, sensações e pensamentos e gerenciá-los de maneira construtiva e não violenta.

Essa perspectiva encontra respaldo na Matriz de Saberes do Currículo da Cidade, fundamentada nos princípios éticos, políticos e estéticos das Diretrizes Curriculares Nacionais. Os princípios éticos convocam o enfrentamento de todas as formas de preconceito e discriminação; os princípios políticos reafirmam o compromisso com a participação, o bem comum e o fortalecimento da democracia; e os princípios estéticos valorizam a pluralidade de expressões culturais, identidades e modos de ser. Assim, o trabalho com os conflitos deixa de ser meramente reativo e passa a constituir-se como prática formativa, alinhada à construção de uma convivência democrática e inclusiva.



Quando compreendido como parte constitutiva das relações humanas, o conflito pode se tornar um potente instrumento de aprendizagem para todos os envolvidos. Olhar para uma situação de conflito de forma pedagógica implica analisá-la em profundidade, considerando as questões socioculturais implicadas (gênero, raça, desigualdade social, entre outras), identificando necessidades não atendidas, observando como cada pessoa expressa seus desejos, interesses e demandas e reconhecendo a participação de cada sujeito - inclusive daqueles indiretamente envolvidos - na construção da dinâmica conflituosa. A partir desse processo reflexivo, torna-se possível construir ações que não apenas solucionem pontualmente o episódio, mas transformem o sistema de relações que o sustenta, promovendo desenvolvimento individual e coletivo.

É justamente nesse ponto que a Educomunicação pode ser adotada como uma estratégia estruturante para a promoção da Cultura de Paz. Sob a perspectiva da Educação em Direitos Humanos, tem o grande potencial pedagógico de ampliar a circulação da palavra, fortalecer a participação democrática e qualificar os processos de escuta e diálogo no cotidiano escolar.

Ao promover práticas comunicativas intencionais, a escola desloca o estudante da posição de receptor de informações para a condição de sujeito ativo na produção de sentidos sobre sua realidade. Esse movimento mobiliza dimensões essenciais da Matriz de Saberes, especialmente aquelas relacionadas à empatia, à colaboração, à participação e à resolução de problemas, e contribui para a construção de vínculos mais éticos e corresponsáveis.

Nas aulas e nos projetos de Educomunicação, os estudantes exercitam a escuta sensível, a análise crítica e a construção coletiva de narrativas. Produções como entrevistas, documentários, *podcasts*, jornais escolares e campanhas educativas ampliam repertórios técnicos, mas sobretudo criam espaços formativos nos quais se problematizam temas como *bullying*, direitos humanos, diversidade, sustentabilidade e convivência.

Nessa perspectiva:

→ **Empatia e colaboração:** Na construção de narrativas coletivas, os estudantes aprendem a considerar diferentes pontos de vista, negociar sentidos e reconhecer a legitimidade das experiências do outro, desenvolvendo competências socioemocionais fundamentais para a convivência democrática.



→ **Responsabilidade e participação:** Quando produzem campanhas e intervenções comunicativas sobre temas sensíveis da realidade escolar, assumem responsabilidade pública por suas vozes e compreendem o impacto social da comunicação, fortalecendo o protagonismo juvenil.

→ **Resolução de problemas:** Espaços comunicacionais estruturados, como assembleias estudantis mediadas ou programas de rádio temáticos, transformam conflitos e tensões em oportunidades de debate qualificado, favorecendo argumentação fundamentada, construção de consensos e mediação colaborativa.

Projetos educomunicativos que investigam a efetivação dos direitos humanos na comunidade, como o acesso à cultura, ao lazer e à moradia digna, ampliam o horizonte formativo e conectam currículo e território. O estudante que analisa criticamente sua realidade e problematiza midiaticamente sobre ela, consolida sua identidade como sujeito de direitos e como agente capaz de intervir socialmente.

Planejar coletivamente uma pauta, elaborar um roteiro ou produzir conteúdos midiáticos exige negociação, escuta ativa, argumentação consistente e tomada de decisões compartilhadas. Tais experiências são práticas democráticas concretas, nas quais os princípios da Educação em Direitos Humanos passam a ser vivenciados cotidianamente.

Para tanto, é fundamental que a Educomunicação seja incorporada de forma estruturante aos currículos e ao Projeto Político-Pedagógico das Unidades Educacionais, articulando-se às ações voltadas à convivência democrática e à promoção dos direitos humanos. Essa diretriz encontra respaldo no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH, 2012), que reconhece a Educação Midiática como um dos eixos fundamentais da EDH.



Boas Práticas Escolares

Além de projetos originalmente educomunicativos, destacamos o Escúchame, projeto da EMEF João Domingues Sampaio exibido em 20/04/2025 na TV Cultura, no qual a dialogicidade, o protagonismo estudantil e a construção de um espaço seguro e confiável de expressão contribuem significativamente para o enfrentamento das violências e para a promoção da cultura de paz.





Fica a dica!

Busque sempre garantir a maior representatividade possível nos projetos de Educomunicação. Para isso, dê oportunidades e seja um agente promotor da diversidade. Tenha em mente as possibilidades de origens, nacionalidades, pertencimento étnico-racial, identidades de gênero, classe social, etc. Quanto maior a diversidade, melhor!



FalaDocente

“Sobre Cultura de Paz, realizei com a minha turma um projeto que tratava sobre o tema para minimizar os conflitos e agressividade apresentada pela turma (crianças de 4,5 e 6 anos). Começamos discutindo sobre as emoções, realizamos a promoção do dia do abraço, falamos sobre os símbolos da paz, a harmonia de convivência entre os animais de jardim, sensibilização das famílias diante de situações de conflitos, a influência do ritmo musical rock na construção da paz, fake news e desinformação.”

Profª Silvia Santos - EMEI Agenor de Oliveira - Cartola



FalaDocente

“A partir de um tema relacionado fazemos a discussão em grupo, definimos uma pauta para pesquisa e produção de entrevistas e ao final propomos uma produção que pode ser escrita ou audiovisual. Por exemplo, ano passado realizamos um mesacast em que estudantes do IJ entrevistaram adolescentes migrantes no contexto do combate ao preconceito às populações estrangeiras da América do Sul.”

Profª Heloisa de Oliveira Ribeiro - EMEF Raimundo Correia



2.9. Educomunicação e Educação Alimentar e Nutricional: diálogos a partir do Currículo da Cidade¹⁰⁴

A alimentação está na vida de todo mundo – bebês, crianças, adolescentes, jovens, adultos e pessoas idosas. Comer é necessidade básica para viver, mas o jeito de comer não vem pronto: nós aprendemos, compartilhamos e transformamos isso nas relações do dia a dia. Envolve valores, saberes, hábitos, condições de vida e formas de conviver.

Por ser algo tão presente, a alimentação circula na vida social e cultural. E, nas últimas décadas, ganhou mais espaço na cultura midiática: programas de TV, filmes, séries, propagandas, redes sociais. Esses conteúdos criam narrativas, imagens e discursos sobre saúde, prazer, corpo e pertencimento que não apenas informam, mas também educam e influenciam o modo como as pessoas se veem e veem o mundo. Essa cultura midiática, principalmente quando impacta crianças e adolescentes, pode abrir portas, ampliar repertórios e gerar conversas sobre alimentação. Mas ao mesmo tempo pode reforçar padrões idealizados, pressões sobre o corpo e expectativas inatingíveis (principalmente quando crianças e adolescentes acompanham rotinas de influenciadores e celebridades).

Esses discursos não param nas telas: eles entram nas conversas, nas escolhas do que comer, nas formas como cada um se relaciona com o próprio corpo e com os outros.

Então, vamos parar e refletir juntos:



Reflexão

- *Como a mídia e os meios de comunicação vão construindo sentidos sobre o que, como e por que comemos?*
- *Que contradições aparecem quando o prazer de comer agora confronta com as demandas de cuidado saudável que as imagens sugerem?*
- *E como lidar com essas tensões entre desejo pessoal, prazer de compartilhar e as imposições externas (padrões estéticos, necessidades nutricionais ou pressões consumistas)?*

¹⁰⁴ Alex Wilson da Silva Fonseca, Renato Gil Carneiro dos Santos e Vanessa Araujo Dias

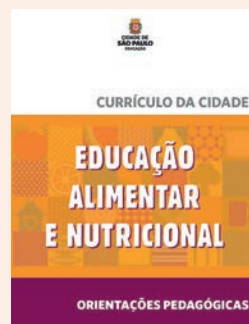


São essas perguntas que abrem portas para um encontro potente: o da Educação Alimentar e Nutricional (EAN) com a Educomunicação. A EAN, inserida no Currículo da Cidade como tema contemporâneo transversal, nos convida a olhar para a alimentação a partir do que os estudantes vivem e trazem para a unidade educacional - das suas histórias, dúvidas e situações reais do mundo, considerando todas as dimensões: sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas.



Fica a dica!

O documento Currículo da Cidade: Educação Alimentar e Nutricional: Orientações Pedagógicas, publicado pela SME-SP em 2024, apresenta os fundamentos da Educação Alimentar e Nutricional (EAN) e explicita sua articulação com os demais documentos curriculares da Rede Municipal de Ensino, orientando a prática pedagógica de forma integrada e favorecendo processos de comunicação, participação e produção de sentidos no cotidiano escolar.



Projetos educomunicativos, ao juntarem diferentes linguagens, tecnologias e formas de expressão, ganham força nessa articulação: ajudam na leitura crítica dos discursos midiáticos sobre alimentação, corpo e saúde; transformam a alimentação em algo para investigar coletivamente e produzir sentidos novos. Assim, oportunizamos e permitimos que os estudantes participem ativamente, exerçam autoria e construam narrativas compartilhadas.

A alimentação não é só uma escolha individual. É uma prática coletiva, atravessada por relações de poder, desigualdades e decisões que envolvem dimensões políticas, econômicas, culturais e ambientais. Na Educação Alimentar e Nutricional, olhar para a sustentabilidade social, ambiental e econômica significa não apenas o que se come, mas como, por quem, em que condições e com quais impactos.





Fica a dica!

Estudantes da EMEF Altino Arantes, participantes do projeto “Comida de verdade: saúde e consciência se põem à mesa” criaram um fanzine informativo sobre alimentação saudável intitulado “Petisco” e um perfil em rede social, com o objetivo de problematizar a alimentação em suas múltiplas facetas (cultura, comensalidade, saúde, espaço, tempo, distribuição, desperdício), oferecer informações sobre o cardápio escolar e incentivar a experimentação, valorizar o consumo de alimentos in natura e reduzir o desperdício.



Escaneie o QRCode acima e saiba mais sobre o projeto. E nas páginas 182 a 186 das Orientações Pedagógicas de Educação Alimentar e Nutricional.

Esse princípio nos convida a construir esse olhar junto com os estudantes, partindo de perguntas que façam sentido para o cotidiano deles e da comunidade:

- De onde vem a comida?
- Quem produz os alimentos e em que condições de trabalho e remuneração?
- Quais impactos essas formas de produção geram para os ecossistemas, a biodiversidade e a saúde das populações?
- Quem tem acesso efetivo e quem permanece excluído ou com acesso precário?

A sustentabilidade, nesse contexto, reconhece que a alimentação envolve **direitos humanos, desigualdades estruturais e decisões coletivas**. Essa perspectiva ganha mais força quando adotamos a abordagem do **sistema alimentar em sua integralidade**: o conjunto de relações que vai desde a produção até o descarte, passando por processamento, circulação, acesso, consumo, desperdício e resíduos. Esse sistema é atravessado por decisões **econômicas** (quem se beneficia financeiramente?), **políticas** (quais prioridades são definidas por leis e programas públicos?), **culturais** (quais práticas alimentares são valorizadas ou invisibilizadas?) e **sociais** (quem define o que é considerado comida saudável?). Esses fatores determinam o que chega à mesa, como e onde se come, e quem consegue participar plenamente, muitas vezes reproduzindo ou ampliando injustiças sociais.



Os **ambientes alimentares** integram os sistemas alimentares e organizam as relações cotidianas com a comida: incluem espaços físicos, tempos dedicados às refeições, regras explícitas ou implícitas, ofertas disponíveis e mensagens transmitidas. Na unidade educacional, esses elementos comunicam valores, expectativas e modos de convivência, produzindo sentidos implícitos sobre o que é normal, adequado ou desejável na alimentação. Podemos abrir espaço para que os estudantes investiguem isto: como esses elementos aparecem no refeitório, no cardápio escolar, na horta da unidade? Que mensagens chegam neles por meio das conversas, dos tempos corridos das refeições ou das orientações dos adultos?

E as **comensalidades** ampliam essa compreensão: vão além do ato de compartilhar a mesa ou comer junto, abrangendo todas as formas como as pessoas se relacionam com a comida em diferentes contextos. Elas funcionam como espaços privilegiados de comunicação social, nos quais se manifestam:

- distinções e hierarquias sociais,
- acolhimentos ou exclusões,
- demonstrações, disfarces ou encobrimentos de identidades,
- julgamentos de valores,
- exercícios de poder.

Essas dimensões da comensalidade se expressam também na **cultura digital**: vídeos, redes sociais e narrativas de influenciadores produzem e difundem sentidos sobre comida e relações sociais na sociedade brasileira. Que tal oportunizar que os estudantes analisem essas comensalidades em suas vivências diárias? Eles podem investigar, por exemplo, como os discursos sobre alimentação são construídos e compartilhados, e produzir suas próprias narrativas em resposta.



BoasPráticasEscolares

Programa exibido em 01/12/2024¹⁰⁵, estudantes da Imprensa Jovem da EMEF Padre Antônio Vieira abordam alimentação saudável e alimentos ultraprocessados. Visitam o projeto Horta na Praça, entrevistam nutricionistas, educadores e os demais estudantes da escola, para saber seus hábitos alimentares.



¹⁰⁵ Disponível no canal do Youtube da SME em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jajbuj6aq5M>



Educomunicação e EAN se encontram quando:

→ **A alimentação vira linguagem**

Textos, imagens, sons e vídeos ajudam a refletir sobre práticas alimentares, culturas do comer, impactos sociais e ambientais e relações com o território.

→ **A autoria é parte do aprender**

Jornais, fanzines, *podcasts*, fotografias e vídeos autorais conectam experiências vividas, saberes culturais e conhecimentos científicos.

→ **A leitura crítica do mundo é fortalecida**

Notícias, filmes, documentários e produções multimídia ampliam repertórios e ajudam a compreender a alimentação como experiência social, cultural e coletiva.



FalaDocente

“Os estudantes da Imprensa Jovem Josué realizaram uma entrevista super interessante com Alessandra, Carla e Nair, algumas das profissionais da cozinha responsáveis pelo preparo dos alimentos na nossa escola. Dar visibilidade a essas profissionais essenciais é reforçar as raízes da Educomunicação de valorização dos saberes locais e promover uma escuta ativa sobre quem transforma a realidade. No caso, o cardápio em cuidado e nutrição para o aprendizado. Sempre bom ouvi-las e compreender um pouco mais sobre aquelas que preparam a nossa comida.”

Prof. Leonardo Cardeal da Costa, professor de Geografia na EMEF Josué de Castro – DRE PJ



Fica a dica!

No artigo Estratégias discursivas do agronegócio brasileiro: implicações para a consciência alimentar infanto-juvenil¹⁰⁸, há uma proposta interessante em que estudantes produziram um jogo de cartas educutivo para entenderem e desconstruírem terminologias manipuladoras como “defensivos agrícolas” em substituição a agrotóxicos, “melhoradores de solo” para fertilizantes químicos e “biotecnologia” para organismos geneticamente modificados.

106 Disponível no canal do Youtube da SME em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jajbuj6aq5M>

107 Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=890850368659028>

108 Scarcella, C. F. dos S., & Yanaze, L. K. H. Estratégias discursivas do agronegócio brasileiro: implicações para a consciência alimentar infanto-juvenil. *Letramento socioambiental*, 3(2), 865–883. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17503518>.



Educação Infantil



Fotografia e documentação pedagógica

O olhar da criança orienta registros de comensalidades, hortas e refeições compartilhadas, feitos com câmeras simples ou tablets, registrando afetos, cores, texturas e relações do cotidiano.



Linguagem radiofônica

Programas gravados com famílias, como avós contando receitas tradicionais ou histórias sobre sabores da infância, fortalecem a oralidade, a expressão e a aproximação entre unidade educacional e comunidade.



Audiovisual e cinema

Animações e vídeos curtos estimulam criatividade, expressão e um olhar crítico inicial sobre o percurso dos alimentos, o cuidado com a natureza e o comer junto.

Ensino Fundamental e Ensino Médio



Projetos como o Imprensa Jovem

Coberturas multimídia sobre o sistema alimentar local, com reportagens sobre feiras orgânicas, hortas urbanas, agricultura familiar ou desperdício na alimentação escolar, incluindo entrevistas com agricultores, profissionais da Coordenadoria de Alimentação Escolar, nutricionistas das empresas do serviço de alimentação, cozinheiras e famílias.



Rádio Escolar e podcasts

Discussões sobre a origem dos alimentos do cardápio escolar, os impactos das mudanças climáticas na alimentação e as escolhas alimentares no cotidiano.



Mídias sociais e histórias em quadrinhos

Criação de campanhas contra o desperdício, HQs sobre comensalidades interculturais e reels que problematizam mitos nutricionais e discursos difundidos nas redes.



Produzir, analisar e compartilhar narrativas sobre alimentação é parte do aprender e um caminho para viver a EAN no currículo, no cotidiano e no coletivo.

Projetos inspiradores:

Comer pra quê: um movimento de mobilização feito com as juventudes para pensar a alimentação como ato político. A ideia é despertar a consciência crítica sobre as práticas alimentares, dar visibilidade e potencializar a voz dos jovens nas discussões sobre alimentação adequada e saudável. Disponível em: <https://comerpraque.org/>. Acesso em: 03 janeiro 2026.

Cinema e comensalidade na escola: uma iniciativa acadêmica do NECTAR – Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação / Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que usa a linguagem cinematográfica como ferramenta pedagógica e reflexiva para explorar questões complexas relativas à alimentação, nutrição e seus significados culturais e sociais, indo além da visão meramente biológica da comida. Disponível em: <https://www.cinemaecomensalidade.com.br/>. Acesso em: 03 janeiro 2026.



CAPÍTULO 3



LINGUAGENS DA EDUCOMUNICAÇÃO EM SÃO PAULO



Capítulo 3 - Linguagens da Educomunicação em São Paulo

A área técnica responsável pela Educomunicação na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo viabiliza ações formativas para docentes, estudantes e gestão escolar, além de orientar e apoiar projetos e práticas educacionais que são implementadas nas escolas.

Atendendo diversos públicos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, CECIs – Centros de Educação e Cultura Indígena, CIEJAs – Centros de Integração e Educação de Jovens e Adultos, EMEBs– Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos, a Educomunicação da SME/SP promove o desenvolvimento de propostas de formação para educadores com produção do material de apoio didático em diferentes suportes; o desenvolvimento de projetos de Educação Integral e em Tempo Integral; o desenvolvimento das Agências de Notícias; a orientação para gestão da comunicação pelos estudantes nas escolas; o acompanhamento dos projetos por meio de visitas técnicas às Unidades Educacionais; a divulgação das produções de estudantes pelos canais de comunicação da SME/SP; a pesquisa e integração de tecnologias digitais aos processos de formação e desenvolvimento de projetos e ações pedagógicas; a organização e a participação em eventos sobre temáticas educacionais na Cidade de São Paulo.

A partir da elaboração e da veiculação de experiências e de produções articuladas ao currículo - com base no universo cultural e social de estudantes -, concentramos os projetos às seguintes linguagens:

- **Impressa** (boletim informativo, jornal impresso, jornal mural, jornal comunitário, revista, fanzine, história em quadrinhos e fotografia);
- **Radiofônica e televisiva** (rádio escolar, web-rádio e TV escolar);
- **Audiovisual** (cinema, vídeo, cineclube e stopmotion);
- **Digital** (blog, *podcast*, videocast e redes sociais);
- **Arte e Cultura** (música, dança, teatro, videoperformance, artes visuais, grafitti, Hip- Hop, culturas populares, expressões comunitárias, poesia, etc.)



→ **Dentre outras formas de comunicação** e expressão que acompanham os avanços tecnológicos.

Algumas formações oferecidas em Educomunicação são:

- Animação *Stop Motion* em Sala de Aula;
- Cinema Brasileiro na Sala de Aula;
- Cineclubes e suas Contribuições para Formação Cultural Docente;
- Cinema Negro: uma Contribuição para a Formação da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira;
- Comunicação Não Violenta;
- Criação de *Storytelling*;
- Educomunicação: Infância e Audiovisual;
- Educomunicação Socioambiental em Diálogo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS);
- Ensino Híbrido e Ambientes Remotos Colaborativos;
- Fotografia: Linguagem e Técnicas para Prática Docente;
- História em Quadrinho: uso e Criação nas Aulas;
- Imprensa Jovem on-line;
- Jornal Impresso na Sala de Aula;
- Leitura Crítica da Mídia, Desinformação e *Fake News* na Educação;
- Produção Audiovisual;
- Rádio Escolar e *Podcast* na Educação: Perspectivas Educomunicativas;
- Recursos Educacionais Abertos e Direitos Autorais;
- STEM/STEAM e Cidadania Global;
- Territórios do Corpo, Cultura e Memória;



→ Videoperformance, Arte e Expressão: Promovendo a Interdisciplinaridade.

Para contribuir com as *Orientações Pedagógicas em Educomunicação*, especialistas formadores deste campo de atuação elaboraram textos reflexivos e propositivos acerca das linguagens e das perspectivas educacionais que compõem essa temática para subsidiar docentes e comunidades escolares das diferentes perspectivas possíveis utilizando a comunicação para a educação.

3.1. Leitura Crítica da Mídia: as camadas das mensagens midiáticas¹⁰⁹

As relações e as práticas sociais na atualidade são atravessadas pelos dispositivos comunicacionais e marcadas pelo bombardeio de informações. Por isso, precisamos lidar de modo ainda mais crítico com os usos e a recepção destes conteúdos. A proposta de realizar processos de leitura crítica da mídia, neste sentido, tem a intenção de promover um olhar analítico sobre o ecossistema comunicativo no qual estamos inseridos, de forma que estudantes percebam as complexidades existentes na produção e na circulação de mensagens midiáticas.

Essa abordagem pretende que cidadãos e cidadãs se relacionem com a mídia e seus produtos de maneira autônoma e consciente. Ela contribui para que sejamos capazes de propor novos espaços, novos modelos e formatos de mídia, que possam ser plurais, valorizando o diálogo, a diversidade cultural e buscando formas mais justas de representação do mundo.

O caráter educativo da abordagem

A leitura crítica da mídia estimula a escuta atenta, a argumentação e o acesso a um repertório diversificado para a elaboração de pontos de vista complexos. Para além de competências técnicas, um(a) estudante, que analisa produtos midiáticos e se apropria de seus recursos e linguagens, aprimora o senso de justiça com relação às suas representações.

¹⁰⁹ **Bruno Ferreira.** Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), mestre em Ciências da Comunicação e especialista em Educomunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). **Karla Souza.** Pedagoga, mestre e doutora em educação pela UNICAMP. Pós doutora com bolsa CAPES em Comunicação e Educação pela Universidade Alcalá de Henares, Espanha. **Rogério Pelizzari.** Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação (USP). É o atual coordenador Grupo de Pesquisa de Comunicação e Educação da Sociedade Brasileira de Pesquisa em Comunicação (Intercom). **Silene Lourenço.** Graduada em História, Mestre em Comunicação e Mercado (Faculdade Cásper Líbero), colaboradora do NCE (Universidade de São Paulo), sócia-fundadora da ABPEducom. Atua na formação de educadores.



Ele(a) se relaciona dialogicamente com o conteúdo e pode passar a ter a percepção das diferentes camadas que integram uma mensagem e suas consequências: credibilidade ou autoridade do(a) autor(a), interesses dos veículos, efeitos das técnicas e outras escolhas envolvidas na criação e veiculação de uma mensagem acessando fontes diversas, plurais e contraditórias para participar da sociedade com uma visão mais complexa da realidade.

Leitura crítica na prática

Nesse processo, é preciso considerar a faixa etária discente: menos telas para crianças e mais possibilidades de acessar e refletir sobre histórias, bem como, de criá-las a partir de plataformas não-digitais. Com crianças maiores e adolescentes, sugere-se criar espaços para que tragam seus hábitos midiáticos e que, durante a aula, estes possam ser refletidos e problematizados. Adolescentes e adultos(as) podem debruçar-se mais sobre questões de letramento informacional, investigando os processos tecnológicos envolvidos na produção e na distribuição da informação, sofisticando a análise sobre resultados de busca, explorando formas de verificar a confiabilidade de informações e realizando curadorias de conteúdos midiáticos.

3.2. Comunicar por meio da arte e da criação de narrativas¹¹⁰

A criação de narrativas e a arte-educação fazem parte das várias abordagens que compõem as formações em Educomunicação da SME/SP. Nesta vertente de atuação, docentes aprendem sobre Histórias em Quadrinhos, *Storytelling*, Videoperformance e Comunicação Não-Violenta, de modo a inter-relacionar essas abordagens à prática pedagógica, tornando-as mais ativas e atentas à formação do(a) estudante enquanto autor(a).

A ideia de estudantes envolverem-se na criação de narrativas, utilizando-se de estratégias de arte-educação, nesse contexto, consiste em proporcionar maiores possibilidades didáticas, com modos de “contar histórias” e de integrar as disciplinas de um modo mais lúdico, mais prazeroso, aliando ainda a cultura local de estudantes e suas histórias de vida aos modos como se apropriam de novos conhecimentos e conteúdos.

¹¹⁰ **Ana Paula Souza. Carlos Antônio Teixeira.** Pós-Doutor pela ECA-USP. Mestre e Doutor em Ciências (UNIFESP e USP). Especialista em Histórias em Quadrinhos e Divulgação Científica. Criador do <http://www.claraciencia.org/>. **Eliana Angélica Peres D'Alessandro.** Mestre em Artes Visuais (Unesp), Especialista em Artes Visuais, trabalha como coordenadora de Artes Visuais na EMIA (Escola Municipal de Iniciação Artística). **Elisiane Alves de Oliveira.**



Na atualidade, a criação de narrativas e a arte-educação, aliadas às tecnologias e às mídias digitais, têm sido largamente utilizadas para despertar o interesse de estudantes, como um fator de humanização na pedagogia.

Contar histórias e criar arte para humanizar

Por meio da construção de narrativas, o(a) estudante pode desenvolver a cognição, a criatividade, a ludicidade e uma comunicação mais humanizada. As possibilidades de ensinar e de aprender utilizando as técnicas, conceitos e práticas - tendo como base essas abordagens - ajudam a desenvolver o ser humano integralmente, de modo interdisciplinar, fazendo-o compreender o caráter indissociável de todas as disciplinas, além de compreender e agir no mundo como sujeito(a) de sua própria história, seja criança, adolescente, jovem ou adulto(a).

As diversas formas de expressão oferecem oportunidades para estudantes explorarem diferentes formatos para contar histórias e se comunicarem de modo atento um ao outro. Dessa forma, desenvolvem habilidades de alteridade e de empatia, ao se conectarem mais profundamente com as histórias de sua comunidade, o que também contribui para o desenvolvimento do senso de identidade e de pertencimento.

Ao mesmo tempo, a criação de narrativas - aliada aos processos de arte-educação - eleva a autoestima de estudantes, que passam a perceber o valor de suas histórias, de sua cultura e das suas experiências pessoais e coletivas. Isso cria um ambiente de inclusão social, favorecendo a aprendizagem colaborativa e, portanto, comunicativa, uma vez que no processo de colaboração, aprendem a negociar, a ceder, a argumentar e a apoiarem-se em seus cotidianos.

Criação de narrativas na prática

Um exemplo interessante de narrativa é a videoperformance “Consumo Exagerado”, uma encenação feita por professoras, que problematiza como a sociedade de consumo propiciou a degradação do planeta Terra. Já no contexto do curso de *Storytelling*, a história “Ele é autista”, inspirada no filho de uma das participantes de um curso da SME/SP com esse enfoque, conta - de maneira poética - o nascimento, o dia a dia e os descobrimentos do menino Miguel.





EducomNaPrática

Produção de Histórias em Quadrinhos e HQ Jovenilda¹¹¹

Escola: EMEF Joaquim Osório Duque Estrada ***DRE:*** São Mateus

Educador responsável: Marcos Moreira

Ano de criação: 2013 / ***Ano de criação da personagem Jovenilda:*** 2020

Faixa etária envolvida: Educação Infantil

Ao ingressar na EMEF Joaquim Osório Duque Estrada, em 2018, o educador de Língua Portuguesa e quadrinista Marcos Moreira iniciou a produção de histórias em quadrinhos com estudantes da escola, publicadas em formatos digital e físico. Já em 2020, ao participarem de um concurso da Universidade Federal de São Paulo, com o tema “Adolescendo na Pandemia”, o projeto ganhou força e a personagem Jovenilda foi criada. Trata-se de uma garota, animada para entrar no nono ano, com ambições de se tornar a rainha da escola, comandar a programação da rádio e a mesa de pingue-pongue da unidade e que, de repente, recebe a notícia pela TV, sobre a pandemia e sobre as aulas remotas.

Tendo ganhado seis prêmios no concurso da UNIFESP, a história em quadrinhos “Jovenilda” é desenhada com o traço de um estudante, seguindo os combinados coletivos acerca das características da personagem, apresentando os diferentes modos de produzir ou de ser da Jovenilda. A personagem, inclusive, participou de seis edições da *Revista Imprensa Jovem*, também publicada em parceria com a UNIFESP, bem como das edições da revista *Qualé*.

Também tem ocorrido a integração entre estudantes mais experientes e novatos(as), com trocas de informações e de experiências acerca das bases da construção de uma história em quadrinhos, como roteiros, posições de olhares/câmeras e técnicas diversas, em um processo dialógico que é tido como essencial para o projeto.

¹¹¹ Conheça mais em <https://adole-sendo.info/>.





Fica a dica!

É bastante comum haver estudantes com habilidade para o desenho nas escolas. A dica é aproveitar esta habilidade na etapa de divulgação de resultados ou de um produto educ comunicativo, por exemplo. Mesmo em uma iniciativa que não tem como enfoque a produção de HQs, pode-se garantir espaço para que desenhos e/ou ilustrações (criadas por estudantes) estejam presentes em peças de divulgação do projeto ao seu público-alvo. Isso conferirá criatividade e chamará a atenção de quem acompanha o projeto!

3.3. Jornal escolar: uma janela aberta para o mundo¹¹²

O jornal escolar faz parte do cotidiano das unidades educacionais há muitos anos, sobretudo, das que agregam a Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Sua tradição data do século XX, com as proposições do pedagogo Célestin Freinet (1896-1966), que incentivava estudantes do interior da França a conhecerem o mundo além da escola, por meio das famosas aulas-passeio. Nestas saídas, o educador os(as) estimulava a narrar seus olhares sobre diversos assuntos. O objetivo estava para além de informar. Tratava-se, sobretudo, de sensibilizar a comunidade sobre temáticas de impacto.

Do formato impresso ao digital, o jornal escolar é a oportunidade para promover a leitura crítica da mídia, conhecer as múltiplas linguagens, explorar diferentes formatos midiáticos e desenvolver uma variedade textual. Na RME/SP, mais do que explorar o uso de jornais como recurso pedagógico, almeja-se incentivar a produção midiática educ comunicativa, ou seja, estimular estudantes a serem não apenas consumidores(as), mas, sobretudo, produtores(as) de conhecimentos. Sob suas responsabilidades, narram histórias, curiosidades e problemáticas; compartilham vivências de seus territórios; refletem sobre temáticas nacionais e internacionais e seus impactos regionais; enaltecem contextos locais e aqueles que os(as) representam.

¹¹² **Alda Ribeiro Martins.** Professora de Educação Infantil e Fundamental I. Graduada em Jornalismo e Pedagogia, Especialista em Gestão de Processos Comunicacionais (ECA/USP) e Mestre em Educação e Currículo (PUC/SP). **Sueller Costa.** Formada em Comunicação Visual pela Universidade Mackenzie e pós-graduada em Educomunicação: Comunicação, Educação e Mídias pela ECA-USP. Mestre em Ciências da Comunicação, ECA/USP. Coordena oficinas de *stop motion* no Programa Pontos MIS (Museu da Imagem e do Som). Associada da ABPEducom.



Durante as produções, são desenvolvidas as capacidades leitora e escritora discentes. Eles(as) passam a conhecer o caminho das notícias, da sua construção à publicação; experimentam recursos para a captação, produção e edição dos conteúdos; exploram técnicas de divulgação para a socialização dos jornais, nas versões impressa e digital, e em ambientes físicos e virtuais; refletem sobre as responsabilidades envolvidas por quem as produz e o compromisso de quem as compartilha; atentam-se aos cuidados que se deve ter ao comunicar.

Jornal escolar na prática

Nos espaços educativos, o jornal ganha uma dimensão ainda maior, ao aliar os propósitos pedagógicos aos sociais. Sob o aspecto pedagógico, é possível integrar o jornal às disciplinas e explorá-los sob diferentes formas, adaptando as propostas de acordo com as habilidades a serem desenvolvidas. Nesse contexto, deve-se incentivar o interesse pelos textos midiáticos, reconhecendo temáticas estudadas em aula, bem como orientar estudantes na produção de textos jornalísticos. Sob o aspecto social e, por sua vez, educacional, por meio do jornal é possível desenvolver um processo de alfabetização informacional e midiática ao promover leitura crítica e reflexiva das informações jornalísticas.

A produção dessa mídia no universo escolar contribui para melhorar a convivência entre estudantes, docentes e comunidades, realçando as relações de pertencimento aos territórios, criando-se possibilidades para um jornal de cunho independente, alternativo, dialógico, horizontal, emancipador.

3.4. Câmera na mão e intencionalidade pedagógica¹¹³

A linguagem audiovisual tem como base o uso criativo de elementos visuais e sonoros. Como outras linguagens, a sua gramática muda conforme os contextos social, cultural, econômico, geográfico, etc; não existindo uma regra universal, mas possibilidades plurais de expressão e de comunicação. O audiovisual já faz parte da vida tanto de estudantes quanto da comunidade escolar ampliada: docentes, coordenadores(as), diretores(as), familiares, dentre outras pessoas que coabitam o espaço escolar.

¹¹³ **Diogo Noventa.** Cineasta, dramaturgo, diretor teatral e Professor de audiovisual. Mestre em Filosofia (USP) e graduado em Rádio e TV (UMESP). É fundador e diretor da Estúdio de Cena, companhia de teatro e cinema. **Marcos Yoshi.** Doutor e Mestre em Cinema pelo Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais (USP). Além de pesquisador é realizador de cinema: dirigiu os curtas-metragens “Aurora” (2010), “Quando o céu desce ao chão” (2012), “Aos cuidados dela” (2020), e o documentário de longa-metragem “Bem vindos de novo” (2021). **Mariza Pinto. Marta Russo.** Bacharel em Comunicação Visual (Mackenzie), pós-graduada em Educação: Comunicação, Educação e Mídias (USP) e Mestre em Ciências da Comunicação (USP). Idealizou e Coordenou oficinas de audiovisual em parceria com a Escola de Sociologia e Política de São Paulo.



A Educomunicação defende que o aprendizado da linguagem audiovisual esteja associado a um projeto pedagógico consistente. Pois, além de preparar estudantes para analisar criticamente o discurso dos produtos audiovisuais, a produção de filmes e de animações é uma excelente atividade educacional, que possibilita o desenvolvimento de habilidades e de competências exigidas para a formação integral discente.

Criatividade, trabalho em equipe, pensamento crítico, senso estético, comunicação, argumentação, cultura digital, autogestão, autoconhecimento, responsabilidade e empatia são competências desenvolvidas em projetos de audiovisual que privilegiam o diálogo e o protagonismo estudantil.

A transversalidade do audiovisual na escola

Com acesso mais fácil a celulares e a *tablets*, é possível ter uma “produtora de filmes nas mãos”. Nesses dispositivos, há câmera de vídeo e aplicativos de animação *stop motion*, edição de som e imagem que podem ser baixados gratuitamente. Por isso, é de extrema importância a formação de educadores(as) para o uso das TIC e para o entendimento da linguagem audiovisual e suas possibilidades, transformando-os(as) em facilitadores(as) de experiências midiáticas e aprendizagens.

Os projetos audiovisuais podem ser desenvolvidos de forma multidisciplinar, contribuindo também para a formação cidadã de estudantes, ao problematizar temas como ética, orientação sexual, racismo, etc. Por exemplo, a produção de um filme pode ser construída coletivamente a partir de várias disciplinas, como: Língua Portuguesa (produção de roteiros, adaptação de obras literárias), História (conteúdo, pesquisa) e Artes (criação de personagens, cenários, figurinos, etc.).

Audiovisual na prática

Educadores(as) podem propor a realização de ações que afetem a vida da comunidade escolar como um todo, tais como: oficinas, mostras de filmes, cineclube, festivais, produção de documentários, curtas-metragens e animações.

Um exemplo de atividade educacional foi desenvolvida em 2023 como resultado final de um dos cursos oferecidos pela Educomunicação da SME/SP. Uma professora de uma EMEI, que iria receber uma criança migrante em sua



turma, decidiu - junto com seus e suas estudantes -, produzir um vídeo que apresentasse a escola, destacando os pontos mais atrativos. Ao final do curta, uma criança brasileira diz: “estamos te esperando”. Esse exemplo pode servir de inspiração a outras escolas, pois é real e crescente a presença de famílias vindas de outros países no Brasil, em especial na cidade de São Paulo.

3.5. Fotografia na educação: a expressão subjetiva por meio da imagem¹¹⁴

A existência da imagem fotográfica está diretamente relacionada à decisão do(a) autor(a) em selecionar e registrar um recorte de espaço-tempo no contexto em que o(a) rodeia. Dessa forma, a fotografia é, sobretudo, a expressão de um(a) sujeito(a) diante do mundo e das outras pessoas com quem se relaciona.

Toda imagem fotográfica, independentemente do objetivo e de seu gênero, é fonte de comunicação. Como as demais formas de expressão em linguagem não-verbal, a fotografia vale-se de estruturas formais – como contraste, cor, enquadramento, foco, entre outros – para composição de seu discurso. Com o domínio da técnica e das estruturas visuais, a fotografia escreve com a luz e cria significados passíveis de apreensão.

Fotografia na educação

A fotografia possibilita novas intervenções e mediações educativas. A partir de estratégias de mediação em ambientes escolares, a fotografia exerce diferentes papéis comunicativos, como: apresentar os interesses do(a) sujeito(a) que a cria; documentar espaços e costumes culturais; afirmar identidades de estudantes, de colaboradores(as) e da comunidade escolar ampliada; apresentar e integrar estudantes à memória familiar; estruturar a noção de narrativa com contornos da visualidade; criar contornos artísticos e fomentar a livre criação a partir de um fragmento da realidade.

¹¹⁴ **Daniel Amadei.** Bacharel em Comunicação, Mestre em Artes Visuais e Doutor em Educação: Currículo. **Juliana Cruz Monteiro.** Graduada em Linguística (USP), especialista em Comunicação (ESPM) e Mestranda em Estética e História da Arte (USP). Recebeu o prêmio Mobile Photo Festival (MIS-SP), pela série Onde eu possa morar (2018). **Melina Resende.** Bacharela em Fotografia (Senac-SP) e especialista em Fotografia (UCAM-RJ) e Arte-educação (CEUMA-USP). Arte-educadora na Fábrica de Cultura da Vila Nova Cachoeirinha. **Maurício Virgulino Silva.** Doutor e Mestre em Artes (ECA-USP), Especialista em Mídias na Educação (UFPE), Licenciado em Educomunicação (ECA-USP). É vice-presidente da ABPEducom. Consultor sênior UNESCO-SME/SP para o desenvolvimento do Documento de Orientações Pedagógicas em Educomunicação.



Quando registramos algo, por meio da fotografia, experimentamos também uma maneira de sentir e de pensar sobre as coisas. Nesse sentido, podemos fazer um paralelo com a documentação pedagógica, já que, a partir de um instante vivido, as imagens serão interpretadas depois como registros de um processo de aprendizagem.

Fotografia na prática escolar

Quando estudantes se encontram representados(as) no processo de exploração, de criação e de escolha das imagens, contribuímos para que desenvolvam suas identidades, sua autonomia e o senso de pertencimento.

O contato com a linguagem pode acontecer em diálogo com o Currículo da Cidade. Dentro das Ciências da Natureza, por exemplo, podemos propor diversos experimentos com luz, criação de sombras, ou ainda abordar algumas propriedades químicas e físicas presentes nos processos fotográficos. Já no campo das Ciências Humanas, podemos explorar, de maneira lúdica, os truques fotográficos que distorcem a realidade e os processos de manipulação das imagens.

É importante, no entanto, ir além do caráter ilustrativo da fotografia. Quanto mais os(as) estudantes estiverem envolvidos com ela, em seus múltiplos aspectos, mais terão ampliados seus pontos de vista sobre o assunto e sua relação com o mundo.

3.6. Educação de qualidade nas ondas do rádio (e no streaming)¹¹⁵

A linguagem radiofônica é um convite para a criatividade. No contexto da escola, essa potência – ou melhor, frequência – permite que educadoras(es) possam criar possibilidades de expressão por meio do som. Isso significa usar gravador, celular, fones de ouvido, caixas de som e outras ferramentas da produção de conteúdo em favor de uma educação que reconheça a importância de ouvir o que estudantes têm a dizer. Trabalhar com rádio e/ou *podcast*, em última instância, pode colaborar com que a comunidade escolar, sobretudo estudantes, possa sair da passividade, quando valoriza processos participativos, diálogo e escuta ativa.

¹¹⁵ **Anderson Zotesso.** É mestre em Comunicação e Semiótica (PUC), pós-graduado em Cultura e Meios de Comunicação – Uma abordagem teórico-prática (SEPAC/PUC-SP), Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo (Uniban), Radialista e locutor. **Douglas Calixto.** Jornalista, Mestre e Doutor em Comunicação (ECA-USP). Professor de Publicidade e Propaganda da Universidade Presbiteriana Mackenzie



Comunicação e Educação são aliadas estratégicas para que o universo cultural de estudantes também possa pertencer à escola e integrarem-se como recurso pedagógico, ressignificando o espaço escolar por meio de projetos educomunicativos de rádio-escolas ou de séries de *podcasts*.

Em pleno século XXI, em complemento com a presença de redes sociais, dos algoritmos e de inteligências artificiais, a rádio no pátio - com suas músicas, recados e “salves” - as entrevistas, as reportagens, chamadas “comerciais” e a áudio-ficção recuperam uma conexão que vai além dos bits, pois une percepções, tons de voz e melodias; a adrenalina libertadora na escrita e na fala “com um monte de gente ouvindo” e a emoção de criar e transmitir mensagens para serem captadas por um único sentido humano: a audição.

Rádio escolar na prática

Os projetos educomunicativos promovem o exercício da imaginação, da criação de “imagens mentais” nas cabeças de quem ouve - aquelas que fazem lembrar do cheiro do café de manhã, daquela notícia fundamental e das músicas infantis - apenas por meio de texto, voz, música e efeitos, mixados com criatividade. A partir de aplicativos gratuitos e acessíveis nos laboratórios de informática, nos *tablets* e outros dispositivos e nos celulares, presentes nas escolas, abordam-se desde os conteúdos dos componentes curriculares até os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A produção de programas de rádio e/ou *podcasts* permite a realização de atividades quase que necessariamente em grupo, incluindo pesquisa, redação, reportagem, locução, direção e edição, entre outras, pois acolhe as habilidades e as competências de cada um(a), em sua especificidade. Enquanto a rádio-pátio traz o gosto da transmissão ao vivo, por meio de caixas espalhadas pela escola, interação instantânea e pedidos musicais, o *podcast* é uma excelente alternativa para aprofundar a pesquisa sobre os temas específicos, coletando e resgatando sonoras (falas de pessoas entrevistadas), permitindo mesas redondas e debates sobre o que há de relevante na e para a comunidade escolar. Trata-se de uma relevante possibilidade de compartilhamento, ultrapassando, definitivamente, as fronteiras escolares, pois pode melhorar o fluxo de comunicação no espaço educacional e também promover uma efetiva intervenção da escola em seu entorno.



3.7. Cinema na escola¹¹⁶

O cinema exerce uma influência significativa na cultura contemporânea, pois pode abordar questões sociais, políticas, ambientais e filosóficas de maneira impactante, contribuindo para debates e reflexões sobre diversos temas. Após assistir a um filme, é importante conduzir discussões sobre seus elementos, tais como: personagens, enredo, mensagem, cinematografia e trilha sonora. Assim, estudantes podem identificar e dialogar sobre como esses elementos contribuem para a narrativa e o impacto emocional do filme.

Entendemos, inclusive, que o corpo discente das escolas possa criar seus próprios filmes (especialmente curtas-metragens). Isso pode envolver a escrita de roteiros, o planejamento de cenas, a filmagem (que poderá ser feita com celular) e, por fim, o complemento com o trabalho de edição. Nesse caso, é interessante definir o sentido que dão para os enquadramentos, para as narrativas e para o gênero adotado em cada tema.

Linguagem cinematográfica

A linguagem cinematográfica combina elementos da linguagem das artes visuais e auditivas permitindo aos cineastas contarem histórias de maneiras únicas e potentes, a partir do domínio de um conjunto de técnicas, e convenções usadas na produção de filmes, com o objetivo de provocar emoções no público. Essa capacidade é chamada de poética do filme, envolve uma combinação de elementos visuais, como composição de cena, enquadramento, iluminação, movimento de câmera, além de elementos sonoros, como música, diálogo, sonoplastia e mixagem.

O cinema é uma forma de arte que transcende fronteiras geográficas, culturais e linguísticas. Os filmes enquanto produções culturais podem ser vistos em todo o mundo, permitindo a comunicação de ideias, valores, experiências entre diferentes culturas e sociedades, além de ampliar as vozes de grupos que foram sub-representados, ao longo da história, em projetos educacionais em prol da inclusão e da equidade.

¹¹⁶ Eveline Araújo, Jefferson Santos, Paola Prandini e Rita de Cássia da Silva Leão. Graduada, Mestre e Doutora em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUC-SP. Integra o Coletivo Janela Aberta – Cinema & Educação, responsável por ações de cine-debates, curadorias, cursos e mediações, voltadas a educadores.



Cinema na prática escolar

Na Educação Infantil, por exemplo, experiências de pré-cinema são sempre muito interessantes, como o teatro de sombras, a lanterna mágica, ou os visores com rolos a partir dos desenhos produzidos por estudantes. A ideia é despertar para a curiosidade sobre como se conta uma história, abusando muito da sonoplastia, da mímica, do fantasiar-se. Isso permite que elas e eles inventem histórias e aprendam brincando.

Nas turmas do Ensino Fundamental I, pode-se trabalhar com *stop motion* ou com a noção de movimento de 24 quadros por segundo. Também pode-se inserir esses conceitos de imagem em movimento e de continuidade para que as crianças elaborem suas próprias histórias, isso sempre de forma lúdica e curiosa. Do Ensino Fundamental II em diante, é interessante trabalhar a construção do enredo e da poética do filme como duas dimensões em diálogo que dão potência narrativa. Nesses casos, é possível introduzir algumas dicas e conceitos acerca da linguagem cinematográfica.

Além disso, é possível pensar na implantação de cineclubes como um elemento importante para a formação de docentes e de estudantes. Livre do horário rígido das aulas, educadores(as) podem optar por apresentar longas-metragens – e não apenas médias ou curtas-metragens –, com garantia de tempo para o debate após a sessão, com periodicidade pré-estabelecida e sempre no mesmo horário. Esse fator é importante pelo caráter formativo que constitui o cineclube.



EducomNaPrática

Cineclube Grande Otelo¹¹⁷

Escola: EMEF Saturnino Pereira / **DRE:** Guaianases

Ano de criação: 2016

Faixa etária envolvida: Ensino Fundamental (6 a 15 anos) e EJA (Educação de Jovens e Adultos)

Em seus três anos de existência, o Cineclube Grande Otelo teve como objetivo colocar em prática a Lei Federal 13.006/14, que obriga a exibição de filmes de produção nacional - por, no mínimo, duas horas mensais - enquanto componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica das escolas brasileiras. A intenção era de proporcionar um espaço para pensar o cinema para além da ilustração de conteúdos pedagógicos, mas sim como elemento de arte e de cultura.

O projeto realizou exhibições dentro e fora da EMEF Saturnino Pereira, a partir de uma parceria com a Fábrica de Cultura Cidade Tiradentes, quando também eram exibidos filmes nacionais em seu anfiteatro. Em alguns meses, o projeto chegou a levar todos(as) os(as) estudantes da escola, do 1º ano do ensino Fundamental à Educação de Jovens e Adultos, para a Fábrica de Cultura para as exhibições de filmes seguidas de debates, que contavam, em algumas sessões, com a participação de artistas e pesquisadoras/es da área de cinema.

O *Cineclube Grande Otelo* é uma demonstração de que é possível organizar clubes para apreciar e analisar criticamente qualquer tipo de produção midiática, como livros, séries, telenovelas, produções jornalísticas, entre outros tipos de narrativas. Além disso, o projeto também priorizou exhibir filmes que possibilitaram discutir equidade e inclusão como parte das narrativas, o que colaborou para o desenvolvimento da transformação social e de justiça social entre os(as) participantes e sua relação com a comunidade.

117 Conheça em <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.10209929676341011&type=3>.





Fica a dica!

Na educação infantil, por exemplo, é possível propor análise crítica de capas de livros, seja como uma atividade pontual ou um projeto permanente, que pode acontecer uma vez por semana ou por mês. A partir de livros que abordam direta ou indiretamente questões de diversidade étnico-racial ou de orientação sexual, docentes podem incentivar que as crianças, em grupo, descrevam a capa do livro, destacando os elementos que a compõem, levando-as a refletir sobre seus significados. A capa do livro infantil “Mãe não é só uma, eu tenho duas”, de Nanda Mateus e Raphaela Comisso, é um bom exemplo nesse sentido. E a leitura das imagens pode ser realizada com crianças que ainda não foram alfabetizadas.

Com adolescentes e adultos, do Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA, é possível discutir sobre representações, preconceitos e estereótipos a partir de diferentes mensagens de mídia: de uma cena de novela à abordagem de uma notícia ou até mesmo um conteúdo de um(a) influenciador(a) digital. Essa pode ser uma atividade pontual ou permanente, como um clube.

3.8. Agências de Notícias Estudantis Imprensa Jovem¹¹⁸

A iniciativa de criar uma agência de notícias nas unidades educacionais municipais surgiu em 2005, por um grupo de estudantes da EMEF Pedro Teixeira, em São Paulo, com o objetivo de promover a integração de estudantes que frequentavam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), do período noturno, ao programa *Radioescola*. Assim, foi lançada a Agência de Notícias *Imprensa Jovem*, tendo como base as propostas da comunicação democrática e colaborativa, interdisciplinaridade, autonomia, cultura digital e leitura crítica da mídia.

Como uma agência de notícias, os integrantes da *Imprensa Jovem*, se organizam de forma colaborativa para produzir informações, com olhar reflexivo e crítico, a partir de sua linguagem e contextos próprios. Esta proposta incentivou estudantes e docentes de outras unidades educacionais a seguir o exemplo. À época, o projeto *Educomunicação - Agência de Notícias Imprensa Jovem* incentivava estudantes a utilizar esses recursos para produzir conteúdos midiáticos,

¹¹⁸ Carlos Alberto Mendes de Lima. Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Inglês na RME/SP, onde integra a área de Educomunicação. É especialista em Educomunicação pela Universidade de São Paulo, licenciado em Letras pela UNICSUL, radialista pelo SENAC. É o idealizador do projeto Agência de Notícias Imprensa Jovem.



reconhecendo que, muitas vezes, era o único meio disponível para realizar atividades, como entrevistas, reportagens, captura de vídeo e registros fotográficos, além de promover a divulgação e o compartilhamento de suas produções nas redes sociais.

O *Programa Imprensa Jovem* é um processo de empoderamento de estudantes, através da comunicação, que forma esses(as) sujeitos(as) para produzir mídia em consonância com o contexto e o Projeto Político Pedagógico de cada escola. Alinhados aos princípios educacionais, estudantes envolvidos(as) com as práticas da *Imprensa Jovem* desenvolvem autonomia, senso crítico, engajamento social e comunitário, reivindicação de direitos, além de contribuir para o convívio pacífico na comunidade escolar. As escolas que participam deste programa expandem sua comunicação com a comunidade, mantendo-a informada e incentivando o diálogo entre a escola, os estudantes e suas famílias.

O programa acolhe a diversidade de estudantes que participam de processos expressivo-comunicativos de produção coletiva e colaborativa e se engajam em um projeto comum, desempenhando diferentes funções, como repórteres, editores(as), redatores(as), produtores(as), cinegrafistas, designers e fotógrafos(as). A função comunicativa da *Imprensa Jovem*, ao construir notícias feitas de estudantes para estudantes, possibilita que toda a comunidade escolar acompanhe as atividades e tenha acesso aos conteúdos produzidos.

O contato com os processos de produção de mídia é acompanhado pelo desenvolvimento de um olhar crítico em relação aos conteúdos veiculados em jornais, sites, redes sociais e aplicativos de mensagens, auxiliando na identificação de informações falsas ou incorretas e no combate às formas contemporâneas de desinformação.

O reconhecimento internacional do *Programa Imprensa Jovem* aconteceu em 2020, sendo um dos projetos vencedores do Prêmio Aliança para Mídia e Informação, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)¹¹⁹.

¹¹⁹ Imprensa Jovem ganha prêmio Aliança para Mídia e Informação, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Mais informações em <https://www.capital.sp.gov.br/w/noticia/imprensa-jovem-projeto-recebe-premiacao-da-unesco> Acesso em 18 set. 2024.



Em 20 anos, aproximadamente 60 mil estudantes participaram da iniciativa, resultando no desenvolvimento de mais de centenas de projetos e na certificação de quase 10 mil educadores. Em 2025, cerca de 300 escolas mantinham projetos de Imprensa Jovem ativos.



EducomNaPrática

Imprensa Jovem Planeta CEU

Escola: CEU EMEF Prof. Paulo Gonçalo dos Santos

Educadores responsáveis: Francisco Lopes e Lucimara Gabriel

Ano de criação: 2012 / ***Faixa etária envolvida:*** 8 a 14 anos

O Imprensa Jovem Planeta CEU faz parte de mais uma iniciativa pedagógica que o CEU EMEF Prof. Paulo Gonçalo dos Santos utiliza para promover a recuperação das aprendizagens de Língua Portuguesa. O professor Francisco Lopes, que é o orientador do projeto em parceria com a docente Lucimara Gabriel, diz que o lugar de estigma do estudante em recuperação é ressignificado no contexto do Imprensa Jovem.

“As crianças são convidadas a fazer parte do Imprensa Jovem, que vai dar sentido à escrita, à leitura, à conversação, promovendo amizade e cultura de paz, porque o estudante se sente importante nas relações, na conversação, vê sentido no que ela fala e faz, porque ela pode fazer perguntas, usar equipamentos, produzir”.

O professor explica ainda que todo o trabalho desenvolvido parte da escuta do estudante, processo que permite seu acolhimento no projeto, que é multiseriado. “A escola é um lugar muito amplo, com interferências diferentes. No Planeta CEU a gente atende crianças do 3º ao 9º ano, com o propósito de oportunizar essa experiência a todos os estudantes que se interessem em participar”, detalha o docente, reiterando que alguns ex-estudantes voltam depois de formados para atuarem como monitores do projeto.

Francisco diz ainda que o *Planeta CEU* possibilita maior aproximação do estudante com outros atores da escola, por meio da prática de entrevistas e de fotografias. O docente relata que os estudantes participantes construíram um seminário sobre mulheres protagonistas do CEU, identificando personagens e



histórias a partir da escuta e observação atenta a algumas mulheres da comunidade escolar. “Temos ex-estudantes que escolheram a fotografia, que produzem pequenos filmes e estão trabalhando realmente com isso. À medida que vão conquistando essas habilidades, para além de leitura e escrita, passam a se verem como autônomos”, opina Francisco sobre o desenvolvimento de habilidades midiáticas e informacionais desenvolvidas no contexto do projeto.



Reflexão

“Quando assume a identidade de repórter em seu contexto social, o(a) jovem é levado(a) a realizar a atividade básica para produzir informação: o questionamento. O que antes era corriqueiro e passava muitas vezes despercebido em seu dia a dia – especialmente situações de desigualdade social e violação de direito que geram incômodo, mas também conformidade –, passa a ser problematizado. E o objetivo de produzir notícia em torno de questões que envolvem seus próprios direitos possibilita que jovens conheçam mais a respeito de si mesmos, de sua comunidade, questionem as violações de direito que identificam e exerçam a sua cidadania.”

(Ferreira, 2022, p. 53)¹²¹.



Estudante Tem Voz

“Eu e meus colegas do Imprensa Jovem somos muito amigos, somos mais que uma equipe, somos uma família e a professora coordenadora do projeto não fica de fora, ela é como uma mãe. Sou muito grata por ter entrado neste projeto e quero que mais pessoas da minha idade sintam o que sinto”.

Heloísa Rocha de Andrade Oliveira, 13 anos, integrante do projeto Conectado com o Espiridião.

¹²⁰ Ferreira, Bruno. Jornalismo e educação: competências necessárias à prática educacional. Curitiba: Appris, 2022.

¹²¹ Ferreira, Bruno. Jornalismo e educação: competências necessárias à prática educacional. Curitiba: Appris, 2022.





Fica a dica!

Guia Imprensa Jovem - Como potencializar a produção e o acesso à informação de maneira descentralizada e colaborativa?¹²²

O Guia Imprensa Jovem - Como potencializar a produção e o acesso à informação de forma descentralizada é um documento sistematizado pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e equipe Copi Cola da Prefeitura de São Paulo, que apresenta a sistematização do Imprensa Jovem como um caminho de descentralização da produção comunicativa nas escolas e em setores vinculados ao governo municipal.

O documento apresenta o que é a Imprensa Jovem e suas bases educomunicativas. O guia mostra como criar uma Agência de Notícias no espaço escolar, apresentando o histórico e os resultados alcançados.



EducomNaPrática

Imprensa Jovem Mais¹²³

Escola: CIEJA Perus I

Educador responsável: Rossini Castro

Ano de criação: 2017

Faixa etária envolvida: 15 a 75 anos



O Imprensa Jovem Mais envolve estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com interesse e gosto por ouvir rádio. “Eles mesmos procuraram os equipamentos e solicitei [à área técnica responsável pela Educomunicação na SME/SP] uma formação com os(as) educadores(as). Os(As) estudantes adoraram e colocaram em prática. Construímos uma agência de notícias”, destaca Rossini Castro, professor responsável pelo projeto.

¹²² Como potencializar a produção e o acesso à informação de maneira descentralizada e colaborativa? - O Imprensa Jovem é um programa de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação (SME) que amplia os canais de interlocução das escolas, utilizando a comunicação como forma de aprender e informar a comunidade escolar. O documento está disponível em <https://copicola.prefeitura.sp.gov.br/como-potencializar-a-producao-e-o-acesso-a-informacao-de-maneira-descentralizada-e-colaborativa>. Acesso em 18 set. 2024.

¹²³ Conheça este projeto em <http://www.imprensajovemmais.com.br>. Acesso em 18 set. 2024.



O destaque vai para a importância em desenvolver e utilizar da criticidade ao se relacionar com uma informação:

“Precisamos reconhecer o autor, diferenciar fato de opinião e na época da pandemia de COVID-19 os estudantes tiveram que lidar com essa questão. Muitos estudantes do Imprensa Jovem Mais atuaram nas redes sociais para frear fake news, principalmente sobre vacinação. Quando propomos esse tipo de ação, cumprimos com o ODS 4 - Educação de qualidade”.

A experiência do *Imprensa Jovem Mais* é uma demonstração de como articular estudantes em torno de um problema real, as fake news que prejudicam a tomada de decisão consciente por parte da comunidade e de como a produção midiática crítica pode deixar um legado à comunidade.



Fica a dica!

Na educação infantil, as crianças da EMEI Capitão Alberto Mendes Júnior se mobilizaram contra as fake news. Elas ao perceberem que seus colegas não tomaram a vacina contra COVID-19, por influência de mensagens de Whatsapp duvidosas recebidas por suas famílias, criaram um telejornal, com a mediação das professoras, para combater desinformações nos grupos de família. Com crianças maiores e adolescentes, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, é possível desenvolver um clube de checagem de informações sobre qualquer tema ou ainda propor, enquanto atividade de qualquer disciplina, a verificação da confiabilidade das postagens nas redes sociais, comparando os conteúdos produzidos com aqueles publicados pela mídia especializada.





CAPÍTULO 4



EDUCOMUNICAÇÃO ALÉM DE PROJETOS DE EDUCOMUNICAÇÃO



Capítulo 4 – Educomunicação além de projetos de Educomunicação

4.1. Narrativas históricas através de *podcasts*¹²⁴

Esta proposta de Educomunicação consiste em uma sequência didática para a produção de um *podcast*, tendo como inspiração a elaboração de fontes orais dos povos negros, indígenas e migrantes. Guiada pela metodologia da História Oral, a prática busca coletar, através de entrevistas, testemunhos sobre acontecimentos e visões de mundo de populações historicamente marginalizadas, criando contranarrativas a uma história eurocêntrica. A iniciativa está amparada pelas leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que estabelecem o estudo das culturas afro-brasileira, africana e indígena, e alinhada aos eixos do Currículo da Cidade de São Paulo. A produção de *podcasts* contribui para ampliar o repertório cultural, desenvolver o pensamento crítico e a abertura à diversidade, em consonância com a Matriz de Saberes da SME/SP e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Modalidade organizativa da experiência: A experiência é organizada como uma Sequência Didática, recurso pedagógico que privilegia a organização, contextualização, diversidade de atividades e avaliação formativa para uma aprendizagem significativa.

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: A proposta visa desenvolver competências que integram tecnologia, história e cidadania. Inicialmente, busca-se capacitar os estudantes a desenvolver produções a partir de imagens e sons, utilizando diversas mídias e TICs de forma individual e em grupo, sempre com noções sobre o uso responsável da informação e experimentando as mídias digitais em seu cotidiano. No âmbito social e histórico, os objetivos incluem o exercício do respeito à diferença, a valorização de diversos modos de vida e o reconhecimento de identidades plurais na cidade, compreendendo que sujeitos distintos possuem percepções diferentes da realidade. O foco

¹²⁴ **Cristiane Paiva da Silva.** Doutoranda em Sociologia e Mestra em História Social pela Universidade de São Paulo. Mestra em História Social pela Universidade de São Paulo, possui pós-graduação lato sensu em História, Cultura e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica - PUC; Bacharelado em História pela Universidade de São Paulo (2016) e Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade de São Paulo. É professora de Ensino Fundamental I na SME/SP e professora voluntária de História no Cursinho Popular Carolina Maria de Jesus do Instituto Federal de São Paulo (IFSP).



se aprofunda na análise de modos de vida em São Paulo em diferentes épocas, identificando os espaços lúdicos de populações indígenas e imigrantes, conhecendo as histórias de migrantes do século XXI e refletindo sobre as formas de comunicação e trabalho na cidade. Por fim, a proposta visa a compreensão de processos históricos mais amplos, como a valorização do convívio humano, a reflexão sobre o cotidiano como revelador de mudanças, o reconhecimento da migração em diferentes épocas, a análise das relações entre cultura, religião e poder, o conhecimento da história das mulheres, a compreensão de movimentos sociais contemporâneos e a capacidade de diferenciar representações de sujeitos históricos no tempo e no espaço.

Outras orientações pedagógicas em diálogo: O Componente Curricular de História, o currículo de Tecnologias para Aprendizagem, e as Orientações Pedagógicas Educação Antirracista, Povos Indígenas e Povos Migrantes.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Matriz de Saberes: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): 4 – Educação de qualidade; 5 – Igualdade de Gênero; 10 – Redução das Desigualdades; 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis; 12 – Consumo e Produção Responsáveis; 15 – Vida terrestre; 16 – Paz justiça e instituições eficazes. Matriz de Saberes: Pensamento Científico, Crítico e Criativo; Comunicação; Autonomia e Determinação; Abertura à Diversidade; Empatia e Colaboração; Repertório Cultural.

Desenvolvimento do projeto: A sequência didática é planejada em cinco aulas:

→ **Aula 1** – Histórias e pessoas do meu Bairro: O(a) professor(a) apresenta imagens antigas e atuais do bairro para discutir as mudanças e permanências, levantando questões sobre os moradores e a possibilidade de entrevistar alguém.

→ **Aula 2** – O que gostaríamos de saber?: Os estudantes, em grupo, elaboram um roteiro com perguntas sobre a história de vida do entrevistado ou sobre a história do bairro, podendo realizar uma pesquisa prévia.

→ **Aula 3** – Como vamos registrar?: O(a) professor(a) apresenta diferentes formas de registro (escrita, áudio, vídeo) e o grupo decide qual meio utilizar, planejando também o local, o tempo e a recepção do entrevistado.



→ **Aula 4** – Ouvindo as narrativas: Realização da entrevista com o convidado, garantindo que os equipamentos estejam funcionando e que o ambiente seja adequado para a gravação.

→ **Aula 5** – Escuta e análise da entrevista: O grupo se reúne para ouvir a gravação, analisar a atividade, discutir o que aprenderam com o relato e refletir sobre a trajetória da pessoa entrevistada.

Avaliação: A avaliação deve ser formativa, com o(a) professor(a) registrando as dificuldades e os progressos dos estudantes e as dinâmicas dos grupos. O educador pode observar os registros, as pesquisas, a elaboração do roteiro e solicitar que os estudantes relatem o que aprenderam sobre o uso das mídias. O produto final, o *podcast*, também pode ser avaliado.

Articular os processos educativos às tecnologias e aos conhecimentos das culturas afro-brasileiras, indígenas e migrantes é fundamental no cenário contemporâneo. Diante do aumento do acesso à internet e do número de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, cabe aos educadores despertarem o interesse dos estudantes por histórias antes ignoradas e promover o senso de luta por direitos e a erradicação de preconceitos.



Ilustração: Marcos Moreira



4.2. Linguagens artísticas em comunicação: experimentos em videoarte¹²⁵

Sem um ato de recriação [do espectador], o objeto não é percebido como uma obra de arte.

(John Dewey)¹²⁶

As práticas educomunicativas no componente de Arte são essenciais para ampliar os canais de expressão e colaboração dos estudantes. A ideia da experiência surgiu da necessidade de conectar as linguagens artísticas contemporâneas, como a videoarte, ao cotidiano dos estudantes, transformando o celular, um objeto de uso diário, em uma ferramenta de criação. A expectativa era que, ao se apropriarem dessa linguagem, eles pudessem explorar temas de seu interesse, desenvolvendo um olhar crítico e autoral. O maior desafio foi desmistificar a arte como algo distante e instrumentalizar os estudantes com o repertório técnico e conceitual para que se sentissem seguros para criar, superando a vergonha e a autocensura.

Modalidade organizativa da experiência: Projeto.

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável.

Outras orientações pedagógicas em diálogo: A experiência dialoga com a Orientação Pedagógica para os Povos Afro-Brasileiros e Indígenas, ao abrir espaço para que os estudantes abordassem suas identidades e criticassem representações estereotipadas por meio de suas produções audiovisuais.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Matriz de Saberes: O projeto foi planejado com foco nos saberes da Matriz de Saberes, especialmente Pensamento Científico, Crítico e Criatividade, Repertório Cultural e Empatia e Colaboração. No decorrer da prática, o ODS 4 (Educação de Qualidade) e

¹²⁵ A experiência, intitulada no vídeo O MESTRE ou QUEM MANDOU está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Dc2XuauF_JM. **Bruno Canabarro**. Professor de Ensino Fundamental II e Médio - Arte. É mestre e doutorando em Arte-Educação no IA/UNESP. Atualmente compõe a SME/COCEU/DIAC - Divisão de Cultura.

¹²⁶ DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Trad. de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



o ODS 5 (Igualdade de Gênero) emergiram organicamente a partir dos temas escolhidos pelos próprios estudantes em suas criações.

Desenvolvimento do projeto: O projeto iniciou-se com a apresentação da videoarte como linguagem artística, analisando obras de artistas como Hélio Oiticica, Letícia Parente e o coletivo anarcofunk. A proposta era clara: o celular seria nossa câmera. Em seguida, os estudantes, em grupos, foram convidados a pensar em temas que gostariam de abordar. Surgiram propostas sobre o cotidiano escolar, a relação com o bairro e questões de gênero. A etapa seguinte foi a de produção: eles escreveram roteiros simples, filmaram nas dependências da escola e em seus arredores, e aprenderam noções básicas de edição em aplicativos gratuitos. O processo foi inteiramente colaborativo, com divisão de tarefas e tomadas de decisão coletivas. Por fim, organizamos uma mostra de videoarte na escola, onde os trabalhos foram exibidos para outras turmas, gerando debates e trocas.

Avaliação: A avaliação foi processual e contínua, observando o engajamento, a colaboração e a evolução dos estudantes no processo criativo. O principal indicador de aprendizagem foi a apropriação da linguagem: muitos estudantes passaram a usar seus celulares de forma mais intencional e criativa, filmando e editando pequenas obras autorais mesmo fora do projeto. O produto final foi a mostra de videoarte, que serviu como uma potente ferramenta de autoavaliação para os grupos e de avaliação do alcance do projeto para mim, enquanto educador. As obras demonstraram a capacidade dos estudantes de se expressarem de forma crítica e poética.

Desenvolver um projeto de videoarte é uma oportunidade de friccionar saberes, fomentar o fazer coletivo e, principalmente, reposicionar os estudantes como protagonistas de suas narrativas. Para professores, é um convite à experimentação e à descoberta de novas potências em sala de aula. Ao ver os estudantes se comunicarem com o mundo através de suas criações, reafirmamos o papel da arte como um poderoso instrumento de transformação pessoal e social.



4.3. Vozes e tiras da periferia: Construção de fanzines e HQs em Art¹²⁷

As práticas educomunicativas no componente de Arte são um caminho potente para que os(as) estudantes se tornem produtores(as) de cultura, e não apenas consumidores(as). A experiência de criar fanzines e HQs, a partir da literatura periférica e da cultura do SLAM, surgiu do desejo de conectar o projeto de Mais Educação com as aulas regulares. Minha expectativa era que os(as) estudantes, do 6º ao 9º ano, transformassem a palavra em imagem, dando voz às suas próprias histórias de forma autônoma. O projeto contou com o apoio da Sala de Leitura e com a parceria fundamental do coletivo SLAM da Guilhermina, que auxiliou a mediação docente nas unidades escolares¹²⁸, a partir do contato dos(as) estudantes com a produção cultural de seu próprio território. O maior desafio foi mostrar aos(as) estudantes que a arte pode ser uma ferramenta de comunicação e ativismo social, e não apenas uma representação do que se vê.

Modalidade organizativa da experiência: Projeto, com desdobramentos em atividades permanentes.

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Desenvolver projetos artísticos articulados a temas, conceitos e poéticas pessoais. Investigar o papel da arte enquanto expressão, discurso e meio de transformação social. Analisar e interagir com outros modos de ler o mundo por meio de experiências que favoreçam múltiplas linguagens e expressões.

Outras orientações pedagógicas em diálogo: O projeto dialoga diretamente com a Orientação Pedagógica para as Relações Étnico-Raciais, ao valorizar a literatura periférica e a cultura do SLAM como espaços de empoderamento da juventude negra e periférica. Além disso, conecta-se à Orientação Pedagógica da Educação Ambiental, pelo uso e ressignificação de materiais, como as revistas 'Qualé' e 'Ciências Hoje', para a produção artística.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Matriz dos Saberes: A experiência se alinhou ao ODS 4 (Educação de Qualidade), ao ODS 10 (Redução das Desigualdades), ao promover a inclusão social, e ao ODS 12 (Consumo e

¹²⁷ Ariana Laís da Silva. Bacharela em Humanidades (UNILAB); Licenciada em Pedagogia (UNILAB) e em Artes Visuais (UNIFAL). Professora de Ensino Fundamental II e Médio – Arte na SME/SP.

¹²⁸ As experiências ocorreram nas escolas: EMEF Maria Rita de Cássia P. S. B. (2024) e EMEF Drº João Pedro C. N. (2025) – DRE Campo Limpo.



Produção Responsáveis), pela reutilização de materiais. Da Matriz dos Saberes, foram mobilizadas a Dimensão Estética (criatividade), a Dimensão Crítica (produção de narrativas que questionam a realidade) e a Dimensão Ética (respeito às histórias dos colegas).

Desenvolvimento do projeto: O projeto iniciou com uma imersão em literatura periférica e performances de SLAM para sensibilização dos estudantes. A partir daí, utilizamos dinâmicas de criação poética, como a “Chuva de palavras”, aprendidas em formação com o coletivo SLAM da Guilhermina. Na etapa de roteirização, cada estudante escolheu uma poesia ou história para transformar em HQ ou fanzine. A grande inovação veio na produção visual: em vez de desenhos, os estudantes foram desafiados a criar suas narrativas por meio de colagens, utilizando imagens e textos recortados de revistas antigas. Eles ressignificaram as imagens, misturando-as e sobrepondo-as para compor um universo visual único e autoral, desde o rascunho até a diagramação final.

Avaliação: A avaliação foi processual e contínua, observando o engajamento em todas as etapas do projeto. O produto final, os fanzines e HQs, foram avaliados não apenas pela estética, mas pela capacidade de expressão, colaboração e senso crítico demonstrados. Um dos maiores acertos foi a liberdade criativa e a conexão com a realidade dos estudantes, além do uso de materiais reciclados, que tornou a prática acessível e sustentável. Como sugestão de melhoria, pretendendo ampliar a divulgação das obras para uma plataforma on-line¹²⁹.

Esta experiência mostra que a escola pode ser um potente espaço de produção cultural. A Educomunicação não é apenas um método, mas uma filosofia que nos convida a sermos mediadores de vozes e multiplicadores de saberes. Para outros educadores, desenvolver esta prática será uma jornada de aprendizado mútuo, na qual descobrimos o potencial criativo e expressivo de nossos estudantes.

¹²⁹ As produções foram expostas na escola e algumas foram digitalizadas, disponíveis em: <https://drive.google.com/drive/folders/1zQWz9DbRwNFCqL1lHKQJZBYr87ka3ag?usp=sharing>.



4.4. Mãos que registram: práticas fotográficas para a alfabetização¹³⁰

A Educomunicação, ao integrar o verbo e a imagem, potencializa os processos de aprendizagem e transforma a escola em um mosaico vivo de saberes. A ideia deste projeto nasceu da inquietação de colocar os estudantes como protagonistas de suas narrativas, dando a eles a câmera para registrarem o que é significativo em seu cotidiano. A expectativa era que, ao se tornarem autores de imagens, o processo de alfabetização e produção textual (legendas) ganhasse mais sentido. O principal desafio foi deslocar o olhar adulto como centro do registro, validando as escolhas e enquadramentos das crianças como legítimas formas de comunicação.



Ilustração: Marcos Moreira

¹³⁰ **Juliana Gonçalves Mutafi.** Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental na SME/SP. Pedagoga pela Universidade de Mogi das Cruzes, Pós-graduada em Gestão Escolar pela USP/Esalq, Mestra e Doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela PUC/SP. Atualmente é vice-líder do Grupo de Pesquisa “A Voz escrita infantil e juvenil: práticas discursivas”.



Modalidade organizativa da experiência: Projeto. Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); o suporte (onde o texto vai circular); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema.

Outras orientações pedagógicas em diálogo: A experiência dialoga com a Orientação Pedagógica de Educação Ambiental, uma vez que, ao fotografar insetos, plantas e as relações no pátio da escola, as crianças desenvolveram um olhar mais atento e sensível para o ambiente em que estão inseridas.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Matriz dos Saberes: O projeto foi planejado com foco nos saberes da Matriz de Saberes, especialmente Pensamento Científico, Crítico e Criatividade (ao escolherem o que e como fotografar), Repertório Cultural (ao produzirem suas próprias imagens) e Responsabilidade e Participação (ao assumirem o papel de comunicadores). O ODS 4 (Educação de Qualidade) foi um pilar central da experiência.

Desenvolvimento do projeto: A experiência foi desenvolvida com uma turma do Ensino Fundamental I. Começamos explorando o funcionamento da câmera fotográfica, aprendendo a manuseá-la e discutindo a evolução da tecnologia. Em seguida, as crianças foram convidadas a registrar livremente temas de seu interesse no espaço escolar: as aulas de educação física, os insetos no jardim, as brincadeiras e os retratos dos colegas. Com um acervo de imagens produzidas, iniciamos o estudo sobre o gênero textual “legenda”, discutindo sua função de complementar e dar sentido à fotografia. Em um processo coletivo e individual, as crianças produziram as legendas para suas fotos, exercitando a escrita e a capacidade de síntese. O projeto culminou em uma exposição fotográfica na Mostra Cultural da escola, onde os estudantes apresentaram seus trabalhos para a comunidade.

Avaliação: A avaliação foi realizada de forma contínua, observando o protagonismo, a criatividade e o desenvolvimento do olhar crítico das crianças. A produção das legendas serviu como um importante instrumento para avaliar o avanço no processo de alfabetização e na apropriação da linguagem escrita. A exposição final foi o ápice do processo, permitindo que as próprias crianças avaliassem seu percurso e se reconhecessem como autoras. O principal acerto



foi confiar na capacidade das crianças de narrar suas próprias histórias através das imagens.

Utilizar a fotografia como recurso pedagógico no ciclo de alfabetização se mostrou uma estratégia potente para integrar linguagens e dar sentido à escrita. Para nós, educadores, a experiência reforça a importância de ceder espaços de autoria e confiar no potencial criativo dos estudantes. Ao entregar a câmera às crianças, abrimos uma janela para seus mundos e transformamos o aprendizado em um ato de descoberta, expressão e encantamento.

4.5. Produção textual significativa nas aulas de Língua Portuguesa¹³¹

As experiências educomunicativas nas aulas de Língua Portuguesa promovem a interação dos estudantes com diferentes linguagens e mídias, ampliando a capacidade de leitura crítica e o domínio de competências comunicativas. A ideia do projeto surgiu da necessidade de tornar as práticas de produção textual mais significativas, conectando-as às realidades e aos interesses dos estudantes, que são permeados por mídias digitais. A expectativa era prepará-los para serem não apenas consumidores, mas também produtores de conteúdo, capazes de se expressar de forma ética e criativa. O desafio coletivo foi organizar as etapas de produção, desde a pauta até a publicação, garantindo o protagonismo e a colaboração de todos.

Modalidade organizativa da experiência: Projeto.

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Produzir artigos de opinião, a fim de que os estudantes possam assumir e sustentar uma posição, argumentar e persuadir o leitor. Produzir notícias para rádio, TV ou vídeos, *podcasts* noticiosos e de opinião, entre outros, a fim de que os estudantes possam se apropriar do gênero e de elementos próprios da modalidade falada.

Outras orientações pedagógicas em diálogo: Sim. Ao dar voz aos estudantes para que pautassem temas de seus interesses, o projeto abriu a possibilidade de diálogo com as orientações pedagógicas para os Povos Migrantes, Indígenas e Afro-Brasileiros, dependendo dos assuntos escolhidos para as reportagens e *podcasts*.

¹³¹ **Natália arantes Martins de Souza.** Graduada em Letras, professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II e Médio na RME. Exerceu funções na DICEU da DRE Jaçanã/Tremembé. Atualmente, compõe a equipe da COCEU com atribuições relacionadas às formações e alinhamentos pedagógicos.



Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Matriz dos Saberes: A experiência foi planejada para contemplar saberes da Matriz de Saberes, como Pensamento Científico, Crítico e Criatividade, Empatia e Colaboração e Responsabilidade e Participação. Durante o processo, a conexão com o ODS 4 (Educação de Qualidade) e o ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes) se fortaleceu, à medida que os estudantes investigavam e debatiam temas relevantes para a comunidade escolar.

Desenvolvimento do projeto: O projeto foi desenvolvido com turmas do 8º e 9º anos em duas etapas ao longo de dois bimestres. Na primeira, focamos na criação de um jornal impresso. Iniciamos com o estudo de gêneros jornalísticos e, em seguida, os estudantes, em equipes, definiram as editorias (esportes, cultura, cotidiano escolar). Realizaram entrevistas com educadores, funcionários e outros estudantes, redigiram as matérias e aprenderam noções de diagramação para montar o jornal. A segunda etapa foi a produção de *podcasts*. Os grupos escolheram temas de interesse, realizaram pesquisas, elaboraram roteiros e fizeram as gravações e edições, resultando em programas que foram compartilhados com a comunidade escolar durante a “Semana do TCA”.

Avaliação: A avaliação foi contínua e processual. Na primeira etapa, o foco foi o acompanhamento do processo de escrita, a organização das ideias e a adequação ao gênero jornalístico, além da colaboração em equipe. Na segunda etapa, foram avaliadas as habilidades de pesquisa, a análise crítica das informações, a elaboração dos roteiros e a clareza na comunicação oral. A apresentação final na “Semana do TCA” foi um momento de autoavaliação para os estudantes e de avaliação do impacto do projeto.

A experiência evidenciou o impacto transformador das práticas educomunicativas no ensino de Língua Portuguesa. Ao integrar conteúdos curriculares ao uso de mídias de forma contextualizada, o projeto estimulou a autonomia, a colaboração e a responsabilidade. Promover o protagonismo estudantil por meio da produção textual e do uso ético das mídias possibilita uma aprendizagem significativa, que desenvolve habilidades essenciais para a formação de cidadãos críticos e atuantes.



4.6. Editoria do Clima: Metodologia nos percursos do Ensino Médio¹³²

As práticas educomunicativas no Ensino Médio podem atuar como uma metodologia de mediação que promove a integração interdisciplinar nos itinerários formativos, articulando componentes curriculares e fortalecendo o protagonismo juvenil. Em 2025, na EMEFM Rubens Paiva, foi desenvolvida a experiência do Imprensa Jovem com a criação da *Editoria do Clima*, focada na temática de educação ambiental e emergências climáticas. A proposta surgiu após estudantes participarem do curso *Imprensa Jovem – Estudante Mediador dos ODS* e refletirem sobre a realidade de seu território, marcado por ocupações irregulares em torno de um córrego, o que levantou discussões sobre racismo ambiental e injustiça climática. A experiência integrou as áreas de Linguagens e Ciências Sociais Aplicadas, com o objetivo de incentivar a leitura crítica da mídia, a produção colaborativa e o fortalecimento do protagonismo estudantil diante de temas que afetam diretamente suas vidas.

Modalidade organizativa da experiência: A experiência foi organizada como uma atividade curricular do Imprensa Jovem, desenvolvida durante o horário regular das aulas, conforme previsto na Portaria SME nº 7.991/2016. Essa modalidade permitiu a integração da proposta ao currículo e sua articulação com os itinerários formativos da Área de Linguagens.

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Levantar problemas de acesso a direitos e documentá-los em diferentes mídias; Analisar conflitos e desinformação no jornalismo, com práticas de checagem de fatos; Produzir e editar projetos de intervenção social; Produzir projetos culturais voltados a demandas comunitárias; Participar de instâncias da escola com escuta e posicionamento fundamentado.

Por componente curricular, foram mobilizados:

→ **Língua Portuguesa:** Identificar o papel social da mídia, produzir textos em diferentes mídias, analisar criticamente discursos), produzir textos multimodais e planejar ações de comunicação.

¹³² **Rafael Alberto Alves Santos.** Doutor em Letras pela USP e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Jornalista, atuou como assessor de imprensa antes de ingressar na RME/SP. Atualmente, é professor de Língua Portuguesa na EMEFM Rubens Paiva (DRE São Mateus).



→ **Arte:** Intervir socialmente por meio de ações artísticas e reconhecer a importância do patrimônio cultural para a memória.

→ **Educação Física:** Desconstruir discursos preconceituosos sobre práticas corporais de aventura e investigar as relações entre essas práticas, o planejamento das cidades e o meio ambiente.

→ **Espanhol:** Reconhecer efeitos de sentido em discussões sobre questões ambientais e produzir campanhas de conscientização.

→ **Inglês:** Discutir os efeitos de sentido de textos midiáticos e analisar textos multimodais sobre problemas sociais globais.

→ **Sociologia:** Avaliar as consequências ambientais do descarte de resíduos e discutir a participação do Brasil em acordos internacionais sobre meio ambiente.

Outras orientações pedagógicas em diálogo: A prática dialogou com orientações pedagógicas transversais do Currículo da Cidade, como a Educação Ambiental, a Povos Afro-brasileiros. A articulação se deu por meio dos percursos da Área de Linguagens: “De Olho nas Redes: investigação e intervenção” (2ª série) e “Núcleo de Criação em Linguagens” (3ª série).

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Matriz de Saberes: A experiência articulou-se com os seguintes ODS: 4 (Educação de qualidade), 10 (Redução das desigualdades), 11 (Cidades e comunidades sustentáveis), 12 (Consumo e produção responsáveis), 13 (Ação contra a mudança global do clima) e 18 (Igualdade Étnico-Racial). Essas ações dialogaram com os Saberes da Matriz: Responsabilidade e Participação, Comunicação, Empatia e Colaboração, Pensamento Científico, Crítico e Criativo e Repertório Cultural.

Desenvolvimento do projeto: O projeto começou no final de 2024, a partir do curso “Jovem Mediador de ODS”. Inicialmente, a “Editoria do Clima” focava em ações internas, como reciclagem e horta. Ao aprofundar os estudos sobre racismo ambiental e realizar visitas ao entorno da escola — uma área de ocupação irregular ao redor de um córrego —, os estudantes passaram a produzir registros em vídeo de sua realidade. A repercussão dos vídeos levou a convites para visitas externas (Agência SP Águas, Bienal do Lixo, Virada ODS)



e fortaleceu a proposta, que foi incorporada aos itinerários formativos das 2ª e 3ª séries. A produção colaborativa de vídeos, *podcasts* e entrevistas passou a ser divulgada no Instagram e YouTube, ampliando o alcance e o engajamento da comunidade.

Avaliação: A experiência demonstrou avanços significativos no desenvolvimento da oralidade, leitura crítica da mídia, argumentação e produção colaborativa dos estudantes. O uso do território e as visitas externas como espaços de aprendizagem conectaram o currículo a questões reais de sustentabilidade. Entre os acertos, destacam-se a integração com os itinerários formativos e o engajamento dos estudantes. Os desafios envolveram a gestão do tempo e a necessidade de sistematizar os processos de produção. Foram produzidos vídeos, entrevistas e *podcasts*, disponíveis nos canais do projeto no *Instagram* e no YouTube. A avaliação geral foi positiva, reforçando o potencial da Educomunicação no Novo Ensino Médio.

A experiência da *Editoria do Clima* evidencia que a Educomunicação integrada ao currículo aproxima os estudantes de temas sociais urgentes, favorecendo o protagonismo juvenil e a interdisciplinaridade. O processo também transforma a prática docente, promovendo a experimentação de novas estratégias pedagógicas a partir da escuta e da colaboração. Iniciativas desse tipo fortalecem a formação integral dos jovens e o desenvolvimento profissional dos educadores, inspirando outras escolas a adotarem práticas educacionais.

4.7. Inglês como chave de comunicação: Educomunicação para líderes globais¹³³

Este projeto relata a preparação dos estudantes do CELP (Centro de Estudos de Línguas Paulistano) do CEU Casa Blanca para um encontro com o grupo de líderes globais “The Elders”. A prática educacional surgiu como resposta a essa oportunidade única, com o objetivo de transformar uma visita protocolar em uma potente experiência de aprendizagem. A expectativa era que os estudantes não fossem meros espectadores, mas interlocutores ativos, utilizando a língua inglesa como ferramenta para o diálogo intercultural. O principal desafio foi preparar os estudantes em um curto espaço de tempo para uma interação

¹³³ **Michele Goulart. Thaís Blassio Martins.** Professora de Ensino Fundamental II e Médio - Inglês, Bacharel e Licenciada em Letras (USP), Licenciada em Pedagogia (USP) Mestre em Educação (USP) e Doutora em Educação (USP).



real e significativa, superando a barreira do nervosismo e aplicando os conhecimentos do componente curricular em um contexto autêntico.

Modalidade organizativa da experiência: Projeto.

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Explorar o uso de recursos linguísticos e paralinguísticos (gestos, expressões faciais etc.) nos intercâmbios orais. Fazer uso da língua inglesa para expor pontos de vista, argumentos e contra-argumentos, considerando o contexto e os recursos linguísticos voltados para a eficácia da comunicação.

Outras orientações pedagógicas em diálogo: A experiência dialoga com a Orientação Pedagógica para os Povos Migrantes, ao promover a reflexão sobre a diversidade cultural e a comunicação internacional, e com a Orientação para os Povos Afro-Brasileiros, ao abordar temas de justiça e direitos humanos, pautas centrais do grupo “The Elders”.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Matriz dos Saberes: O projeto foi intencionalmente alinhado aos ODS, com destaque para o ODS 4 (Educação de Qualidade), ODS 10 (Redução das Desigualdades) e ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes). Da Matriz dos Saberes, foram mobilizados principalmente a Responsabilidade e Participação (ao se prepararem para um evento de relevância global), a Empatia e Colaboração (ao pesquisarem sobre diferentes culturas) e o Pensamento Científico, Crítico e Criatividade (ao elaborarem perguntas pertinentes).

Desenvolvimento do projeto: O projeto foi estruturado em ações preparatórias. Primeiramente, os estudantes realizaram pesquisas sobre a organização “The Elders”, seus objetivos e seus membros, utilizando ferramentas digitais. Em um segundo momento, aprofundamos a pesquisa sobre os países de origem dos líderes visitantes, focando em aspectos culturais, especialmente formas adequadas de cumprimento e interação. Por fim, em rodas de conversa e de forma colaborativa, os estudantes elaboraram um banco de perguntas em inglês, que foram refinadas e praticadas para o dia do encontro.

Avaliação: A avaliação ocorreu em dois momentos-chave. O primeiro foi a observação da participação e desenvoltura dos estudantes durante o encontro com os líderes. O segundo, e mais potente, foi a realização de uma entrevista



reflexiva após o evento. O relato de um dos estudantes, que expressou como a experiência o fez perceber o inglês como uma “chave de comunicação internacional”, serviu como o principal indicador de que os objetivos foram alcançados, demonstrando a apropriação do conhecimento de forma significativa e para além dos muros da escola.

Esta experiência demonstrou o poder da Educomunicação ao conectar o aprendizado da língua inglesa a uma vivência real e transformadora. Ao mediar o encontro dos estudantes com uma realidade global, a escola cumpre seu papel de ampliar horizontes e formar cidadãos conscientes e preparados para atuar no mundo. Incentivamos que outros educadores estejam atentos a oportunidades semelhantes, pois são nesses momentos que o conhecimento curricular transcede a sala de aula e se torna uma ferramenta para a vida.

4.8. PODPAP, o *podcast* da turma: Educomunicação no Apoio Pedagógico¹³⁴

O PODPAP é uma iniciativa educomunicativa que transformou a percepção e a prática do PAP (Projeto de Apoio Pedagógico) em nossa escola. A ideia surgiu ao observar a desmotivação dos estudantes em participar das ações de recuperação paralela, o que impactava diretamente seu processo de aprendizagem. A expectativa era utilizar o formato de *podcast* para engajá-los, tornando a alfabetização um processo com significado social e relevância. Ao inserirmos ações de tecnologia focadas na produção de mídia, o cenário se transformou: hoje, temos estudantes engajados, felizes e protagonistas de seu próprio aprendizado, ressignificando o espaço do apoio pedagógico.

Modalidade organizativa da experiência: Atividade permanente.

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Ler por si mesmo textos de diversos gêneros, utilizando-se de seus conhecimentos prévios para antecipar, inferir ou validar o que está escrito. Realizar antecipações a respeito do conteúdo do texto, utilizando o repertório pessoal de conhecimento sobre o assunto, gênero, autor, portador e veículo de publicação, verificando ao longo da leitura se as antecipações feitas se confirmam.

¹³⁴ Assista todas as produções no canal do PAPTV em <https://www.youtube.com/@PAPTV-j3l>. **Patrícia Cardozo da Silva**. Professora de Ensino Fundamental II e Médio na EMEF Prof Quirino Carneiro Rennó (DRE - G), atualmente designada ao Projeto de Apoio Pedagógico. Formada em Letras (UBC) e em Pedagogia (FALC).



Outras orientações pedagógicas em diálogo: O projeto dialoga diretamente com os princípios da Educação Inclusiva, pois oferece uma metodologia diferenciada para atender à diversidade de ritmos e estilos de aprendizagem. Também se conecta à Orientação Pedagógica para os Povos Afro-Brasileiros, ao criar estratégias que visam superar desigualdades educacionais históricas.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Matriz dos Saberes: A experiência foi planejada para atender ao ODS 4 (Educação de Qualidade), garantindo uma aprendizagem equitativa e de qualidade para todos. Da Matriz dos Saberes, foram mobilizados a Responsabilidade e Participação (com os estudantes assumindo papéis na produção), a Empatia e Colaboração (no trabalho em equipe para criar os roteiros e gravações) e o Pensamento Científico, Crítico e Criatividade (na pesquisa e edição do conteúdo).

Desenvolvimento do projeto: O fluxo de trabalho do PODPAP é estruturado em etapas claras. Primeiro, seleciono os conteúdos a serem trabalhados e elaboro um plano de trabalho. Para ampliar o repertório dos estudantes, utilizamos não apenas os materiais do PAP, mas também filmes, documentários, músicas e vídeos sobre o tema. A partir desse repertório, iniciamos a criação do roteiro do *podcast*. Os estudantes têm autonomia para escolher os entrevistados e juntos construímos o roteiro, em um processo que envolve muita leitura, pesquisa, escrita e ensaios. Eles também organizam a “agenda de gravações”. Para garantir a participação de todos, as funções se renovam a cada episódio: temos roteiristas, produtores, editores, apoio técnico e cinegrafistas. Após a gravação, os próprios estudantes realizam a edição e a divulgação nas redes sociais, publicando o vídeo final em nosso canal no YouTube, a “PAPTV”.

Avaliação: Os resultados são avaliados de forma contínua por meio de sondagens, atividades e avaliações internas e externas. O avanço significativo dos estudantes participantes do projeto é notório, tanto nos aspectos da alfabetização quanto no desenvolvimento da oralidade e da autoconfiança. O produto final, o *podcast* publicado, funciona como um portfólio do progresso do grupo e uma ferramenta de autoavaliação, onde eles podem ver e se orgulhar do trabalho realizado.

O PODPAP tem sido um meio essencial na alfabetização dos estudantes do PAP. A recuperação paralela não é mais temida, pois se tornou um espaço de muito aprendizado com significado social, em que os estudantes aprendem e são



felizes. Esta experiência demonstra que, ao aliar a Educomunicação a um planejamento pedagógico intencional, podemos transformar desafios em oportunidades, garantindo que nenhum estudante fique para trás e que todos se sintam potentes em seu processo de aprender.

4.9. O podcast e o uso das TICs no contexto antirracista¹³⁵

A partir das diretrizes do nosso Projeto Político Pedagógico (PPP) e da criação de um Núcleo Antirracista na unidade, este projeto foi concebido como uma ação concreta para a construção de uma educação que respeita e valoriza a diversidade. A ideia surgiu da necessidade de abrir um espaço seguro de escuta e expressão para que as crianças e adolescentes pudessem discutir suas vivências e construir uma visão de mundo antirracista. A expectativa era utilizar o *podcast* como um recurso educacional para dar voz aos estudantes, permitindo que eles se tornassem protagonistas na luta contra o racismo. O projeto contou com uma ampla rede de colaboração, envolvendo educadores de diversos componentes, a equipe gestora e funcionários, mostrando que a educação antirracista é um compromisso de toda a comunidade escolar.

Modalidade organizativa da experiência: Projeto.

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.). Produzir notícias para rádio, TV ou vídeos, *podcasts* noticiosos e de opinião, entre outros, a fim de que os estudantes possam se apropriar do gênero e de elementos próprios da modalidade falada.

Outras orientações pedagógicas em diálogo: O projeto está em diálogo direto e fundamental com a Orientação Pedagógica para os Povos Afro-Brasileiros, utilizando a Educomunicação como estratégia para implementar práticas de uma educação antirracista, conforme preconiza o documento.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Matriz dos Saberes: A experiência foi intencionalmente planejada para abordar o ODS 10 (Redução das Desigualdades) e o ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes). Da Matriz dos

¹³⁵ **Elisabete Leão da Costa.** Professora Orientadora de Educação Digital na EMEF Alexandre de Gusmão, em Guaianases. Desenvolve o *Podcast do Gusmão*.



Saberes, foram mobilizados de forma central a Responsabilidade e Participação (ao discutir direitos e cidadania), a Empatia e Colaboração (no trabalho em grupo sobre um tema sensível) e o Pensamento Crítico e Criatividade (na pesquisa, roteirização e produção do *podcast*).

Desenvolvimento do projeto: O projeto foi estruturado em quatro etapas principais. Na primeira, apresentamos o formato *podcast* aos estudantes e aplicamos questionários para entender seus conhecimentos e interesses. Na segunda etapa, partimos para a produção: os estudantes, em grupo, pesquisaram temas como a história do cabelo afro, personalidades negras e o racismo no cotidiano, para então criarem os roteiros e realizarem as gravações. A terceira etapa foi a de circulação: os episódios foram divulgados nos canais da escola e inscritos em eventos externos, como o Festival do Minuto - FlinkSampa. A quarta e última etapa focou na capacitação contínua da equipe, na gravação de episódios especiais e no planejamento de novas ações. Todo o processo foi marcado por uma intensa colaboração entre diferentes educadores e setores da escola, o que foi essencial para o sucesso do trabalho.

Avaliação: A avaliação do projeto foi extremamente positiva, observada no prazer e na criatividade demonstrados pelos participantes em todo o processo. Notamos uma melhora significativa no desempenho escolar geral dos estudantes envolvidos, além de um aumento na desenvoltura, no senso crítico e na capacidade de argumentação. Como produto final, além dos *podcasts*, os estudantes criaram e apresentaram uma dramatização abordando cenas de racismo, propondo resoluções para os conflitos, o que demonstrou uma profunda apropriação dos temas discutidos. Para a continuidade, identificamos a necessidade de ajustes, como a conquista de um espaço físico fixo para as gravações.

Esta experiência foi gratificante e reafirmou o potencial da Educomunicação para aproximar os estudantes e promover aprendizagens significativas. O projeto produziu efeitos muito positivos, como o desenvolvimento do protagonismo, da cooperação, da interação com a comunidade e o aperfeiçoamento da leitura, da expressão oral e da escrita. Ao oferecer um canal para que os estudantes pudessem falar e serem ouvidos sobre um tema tão relevante, a escola reforçou seu papel na formação de cidadãos mais conscientes, críticos e engajados na construção de uma sociedade antirracista.



4.10. Da leitura à ação: consciência ambiental na Educação Infantil¹³⁶

A proposta deste projeto nasceu do desejo de integrar diferentes linguagens e experiências para as crianças do Mini Grupo II, com foco na temática “Pra que serve a água”. Práticas como a produção audiovisual coletiva foram essenciais para alcançar os objetivos de aprendizagem, transformando um tema curricular em uma vivência. A expectativa inicial era oferecer uma experiência que unisse leitura, imaginação e produção coletiva, mas o entusiasmo das crianças superou o esperado. O principal desafio foi utilizar a filmagem e a fotografia de forma a colocar as crianças como protagonistas.

Modalidade organizativa da experiência: Projeto, que se desdobrou em uma sequência didática e algumas das atividades foram incorporadas à rotina e se tornaram permanentes.

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Expressar-se por meio de diferentes linguagens, como música, teatro, dança e artes visuais; Participar de produções coletivas, envolvendo linguagem oral, escrita e visual; Investigação lúdica e sensorial da água; Expressão criativa através de linguagens artísticas, orais e visuais; Desenvolvimento do trabalho colaborativo e da socialização; Relacionamento com o espaço e o tempo, observando transformações.

Outras orientações pedagógicas em diálogo: Educação Ambiental, ao promover a conscientização sobre a importância e o uso consciente da água; Povos Indígenas e Afro-brasileiros, valorizando os saberes tradicionais de respeito e cuidado com a natureza. Por fim, relaciona-se à Alimentação Escolar, quanto à relevância da água para a saúde e hábitos saudáveis.

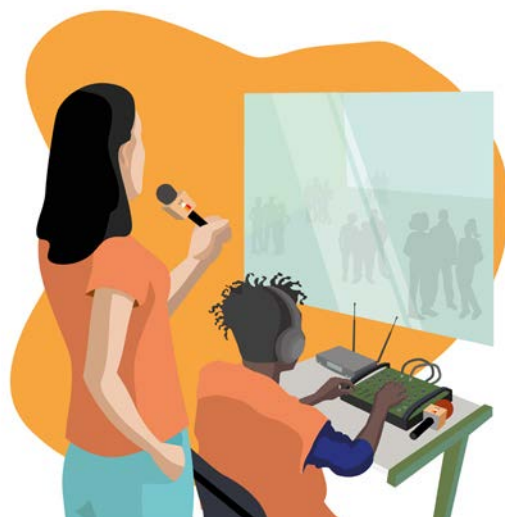


Ilustração: Marcos Moreira

¹³⁶ Elaine Cristina dos Santos. Formada em Pedagogia e Artes Visuais, com pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado. Atualmente atua como Professora de Educação Infantil no CEI Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.



Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Matriz de Saberes: ODS 4 (Educação de Qualidade) e ODS 6 (Água Potável e Saneamento) foram planejados desde o início, visando o protagonismo infantil e a reflexão sobre o consumo consciente da água; ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima), ODS 14 (Vida na Água) e ODS 15 (Vida Terrestre) emergiram durante o projeto, à medida que as crianças relacionaram a água com o clima e os seres vivos, ampliando a consciência ambiental; Saberes da matriz alcançados: O eu, o outro e o nós: por meio da colaboração e escuta; Corpo, gestos e movimentos: nas dramatizações e interações; Traços, sons, cores e formas: na expressão artística e produção audiovisual; Escuta, fala, pensamento e imaginação: na construção coletiva de narrativas; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações: na observação dos estados da água e das relações ambientais.

Desenvolvimento do projeto: O projeto começou com uma roda de leitura de uma história curta. Em seguida, as crianças foram convidadas a recriar a narrativa de forma coletiva, inserindo personagens e cenários de sua própria realidade, como o parque e o refeitório da unidade. Essa nova versão da história foi transformada em uma dramatização, com cada criança assumindo um papel e explorando gestos e movimentos. Todo o processo de atuação foi registrado por meio de fotografias e vídeos. Para finalizar, o grupo construiu um cartaz com as fotos e a história reescrita. O material gravado foi editado em um vídeo que valorizou a participação de todos, servindo como um registro afetivo e pedagógico.

Avaliação: A experiência foi extremamente positiva, com notável engajamento, criatividade e colaboração das crianças. Foi possível observar uma evolução na expressão oral e na capacidade de trabalhar em grupo. A produção do cartaz e do vídeo fortaleceu o sentimento de pertencimento da turma. Como professora, percebi que a integração de linguagens tornou a aprendizagem mais significativa. O produto final, um vídeo editado com as cenas da atuação, foi compartilhado com a comunidade escolar, valorizando a produção infantil e inspirando outras práticas pedagógicas. No futuro pretendo explorar novas histórias e outros recursos midiáticos.

A participação nos cursos de Educomunicação tem transformado minha visão sobre o uso de mídias na Educação Infantil, mostrando o audiovisual como uma potente ferramenta pedagógica. A experiência demonstrou que, ao recriar



e interpretar uma história, as crianças não apenas se envolvem de forma intensa, mas também desenvolvem habilidades comunicativas, criativas e socioemocionais. Este projeto reforça que a Educomunicação é um caminho poderoso para integrar arte, mídias e protagonismo infantil. Quando nós, educadores, nos abrimos para metodologias ativas e desafiadoras, o aprendizado ganha vida e se torna memorável para todos.

4.11. Podcast "Deixa que eu te conto": escuta sensível na Educação Infantil¹³⁷

A experiência teve início em maio de 2023 com a "Assembleia de Ninos", uma reunião mensal com bebês e crianças para decidir, por meio de figuras, temas, brincadeiras e comidas para a "festa da infância" na CEI Sementinha do Amanhã. O projeto envolve todos os educadores, que fornecem as imagens trabalhadas em sala para a votação das crianças. Com o tempo, a prática evoluiu para o formato de *podcast*, utilizando recursos de mídia para dar voz às escolhas e narrativas das crianças.

Modalidade organizativa da experiência: Trata-se de um projeto que se tornou uma atividade permanente, realizada mensalmente há dois anos. O formato de *podcast* também é utilizado para realizar entrevistas com escritores e professores, além de servir como ferramenta para a formação de todas e todos os trabalhadores da educação na unidade educacional.

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: O objetivo principal do projeto é dar voz à criança através da escuta sensível. A experiência busca o desenvolvimento integral dos participantes, pautado nos seguintes pilares e objetivos: **Aprender a fazer:** Enfatiza a aplicação prática do conhecimento e a capacidade de tomar decisões; **Aprender a conviver:** Destaca a importância da colaboração e do respeito às diferenças; **Aprender a ser:** Promove o desenvolvimento da autonomia, senso crítico, ética e criatividade.

Desenvolvimento do projeto: Mensalmente, no dia 15, uma criança de cada sala se reúne com um educador na sala de *podcast*. Durante o encontro, são apresentadas figuras impressas sobre temas previamente trabalhados em sala. As crianças votam na figura de sua preferência, e a escolha define o tema da

¹³⁷ Disponível no Youtube em: <https://youtube.com/@ceisementinhadoamanha4317?si=vkasB1PUACb-jAnxW>. Deneildes Souza de Oliveira da Silva



“festa da infância” que ocorre no final do mês. Todo o processo é pautado na escuta das crianças para a realização de suas festas e atividades.

4.12. Audiodescrição para a acessibilidade com Inteligência Artificial Generativa¹³⁸

Esta proposta de aula ocorreu no contexto de um dos Centros Municipais de Capacitação e Treinamento, a unidade Prof. Lenine Soares de Jesus, localizada no Itaim Paulista, e teve como objetivo oportunizar que os estudantes atuassem com empatia na criação de narrativas acessíveis, explorando o território por meio de imagens e fotografias, diminuindo as barreiras de acesso para pessoas com cegueira ou baixa visão. Baseamo-nos nas orientações do Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa da UNESCO para o uso ético da IA focando em seu potencial para promover a equidade.

Modalidade organizativa da experiência: Plano de aula

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Criar explorando tecnologias e linguagens contemporâneas; Conhecer, analisar e utilizar recursos tecnológicos e mídias como ferramentas na fruição e criação de imagens, acessibilidade cultural e divulgação da arte em meios midiáticos (uso pedagógico de aplicativos, programas digitais e acesso a redes na web com responsabilidade); Descrever as experiências cotidianas por meio de produções de narrativas utilizando imagens e sons.

Outras orientações pedagógicas em diálogo: A experiência dialogou com o Currículo de Tecnologias para a Aprendizagem e do componente curricular Arte.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Matriz de Saberes: ODS 4, Educação de qualidade; ODS 10, Redução das desigualdades; ODS 12, Consumo e produção responsáveis. Matriz 1. Pensamento científico, crítico e criativo; 2. Resolução de problemas; 3. Comunicação; 6. Abertura à diversidade; 7. Responsabilidade e participação; 8. Empatia e colaboração.

¹³⁸ Clayton Ferreira dos Santos Scarcella. Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Arte. Integra a área de Educomunicação na SME/SP. É Bacharel em Comunicação Social (Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação), Mestre em Educação Inclusiva (Universidade Federal de São Paulo), Mestre em TIC na Educação (Universidad Europea Del Atlántico – ESP), e Doutorando em Ciências da Comunicação (ECA/USP).



Desenvolvimento da aula:

→ **1. Sensibilização e diálogo.** Iniciamos a aula com uma roda de conversa sobre acessibilidade, utilizando as perguntas disparadoras: “Como vocês acham que uma pessoa cega vê uma foto nas redes sociais?”, “Já ouviram falar de acessibilidade digital?”, “Todos têm o mesmo direito de acessar a informação e a internet?”. A partir disso, conversamos sobre audiodescrição.

→ **2. Análise das TIC.** Apresentamos o desafio de tornar imagens acessíveis, em que pequenos grupos, os estudantes selecionaram imagens (fotos do bairro – o Itaim Paulista, da escola, do território). Em um primeiro momento, os estudantes tentaram descrever a imagem com suas próprias palavras e, em um segundo momento utilizaram uma ferramenta de IA (no caso, o ChatGPT por ser a mais conhecida daqueles estudantes), para solicitar uma audiodescrição da mesma imagem. E, em um terceiro momento, os grupos compararam sua descrição com a descrição da IA. “A Inteligência Artificial foi precisa?”, “deixou passar detalhes?”, “usou linguagem adequada?”, “ela descreveu ou interpretou a imagem?”. Com estas perguntas, reforçamos que a IA apoia, mas o trabalho humano de curadoria e sensibilidade é insubstituível.

→ **3. Produção Educomunicativa.** Com base nas críticas surgidas no momento anterior, os grupos criaram versões finais da audiodescrição. Usaram a IA como assistente (para sugerir vocabulário, verificar detalhes que talvez tenham perdido), mas a decisão final e o tom da descrição foram daqueles seres humanos que ali ocupavam o lugar de estudantes. Uma observação que fizemos aos grupos foi que a descrição deve ser objetiva, seguir uma ordem lógica (do geral para o detalhe) e evitar interpretações pessoais que induzam o ouvinte (como adjetivos).

→ **4. Difusão.** Os grupos gravaram o áudio da descrição (usando o próprio Whatsapp) e publicaram no grupo da turma, sempre com o texto alternativo (#ParaTodosVerem) e a imagem.

Avaliação: Fizemos uma roda de conversa final para nos autoavaliarmos em relação a “o que aprendi sobre acessibilidade que eu não sabia?”, “como a IA me ajudou?”, “em que momentos ela falhou ou exigiu minha intervenção?”, “o que criei ajuda na construção de uma sociedade mais inclusiva?”.



Desta forma, enquanto mediador do processo de aprendizagem, pode observar a capacidade dos grupos de dialogar (empatia e colaboração), de analisar criticamente aquela ferramenta de IA (pensamento crítico) e de aplicar os conceitos de audiodescrição de forma ética (responsabilidade e participação).

4.13. Emergências climáticas nos 4 cantos da cidade: Educomunicação Socioambiental em Rede¹³⁹

O GT “Emergências Climáticas nos 4 Cantos da Cidade – Conectando Saberes” nasceu em 2025 como uma experiência de Educomunicação Socioambiental nas escolas públicas da cidade de São Paulo, sob a coordenação das autoras deste trabalho. O grupo surgiu a partir do curso Educom & Clima, promovido pela Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA/USP) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME-SP), dentro do projeto de pesquisa da FAPESP intitulado “Como a Educomunicação pode ampliar e qualificar as práticas de educação climática na Educação Básica no Brasil?”, coordenado por Ismar de Oliveira Soares e Thaís Brianezi. A proposta busca integrar educadores e estudantes de diferentes territórios para construir coletivamente soluções frente aos desafios climáticos vividos nas periferias urbanas. A Educomunicação aparece como um caminho de diálogo e ação, unindo educação, comunicação e meio ambiente para fortalecer o protagonismo juvenil, o pensamento crítico e a consciência ecológica. O GT foi formado por professoras e professores que, mesmo após o término do curso, decidiram continuar em rede, compartilhando ideias, materiais e projetos. Hoje, reúne mais de 30 escolas municipais e duas estaduais, conectadas pelo compromisso de transformar a realidade local por meio da comunicação, da arte e da educação ambiental.

Modalidade organizativa da experiência: Projeto de um Grupo de Trabalho em rede colaborativa – integração de ações educacionais entre escolas públicas de diferentes regiões da cidade.

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Reconhecer e valorizar diferentes manifestações artísticas e culturais, relacionando-as às experiências pessoais, coletivas e ambientais; Investigar, por meio de diferentes linguagens

¹³⁹ **Daniely Silva Duarte.** Mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP). Graduada em Arte e Mídia (UFCG). É professora de Arte na SME/SP e uma das coordenadoras do Grupo de Trabalho Emergências Climáticas nos 4 cantos da cidade. **Patrícia Fernandes Dias Torres.** É graduada em Pedagogia e especializada em Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia e Direitos Humanos. POED na RME/SP e uma das coordenadoras do Grupo de Trabalho Emergências Climáticas nos 4 cantos da cidade.



e mídias, situações socioambientais locais, propondo soluções colaborativas e sustentáveis; Identificar problemas ambientais e propor ações de cuidado e preservação em sua comunidade escolar.

Outras orientações pedagógicas em diálogo: A experiência dialoga com as orientações da Educação Ambiental, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Direitos Humanos, promovendo o respeito à diversidade, à justiça socioambiental e à valorização das epistemologias do Sul. Também se articula à Instrução Normativa SME nº 45/2020, que institui a Política de Educação Ambiental na rede municipal de ensino, e à Orientação Pedagógica de Arte, que reconhece a arte como espaço de expressão comunicativa e construção de sentido.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Matriz de Saberes: A experiência se relaciona principalmente com os seguintes ODS: ODS 4 – Educação de qualidade; ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis; ODS 13 – Ação contra a mudança global do clima; ODS 16 – Paz, justiça e instituições eficazes. Da Matriz dos Saberes, foram mobilizados os eixos: Empatia e Colaboração – pela atuação em rede entre escolas; Responsabilidade e Participação – na criação de campanhas e projetos locais; Pensamento Crítico e Criatividade – na produção de mídias e ações artísticas; Autoconhecimento e Expressividade – nas práticas de protagonismo juvenil.

Desenvolvimento do projeto: O GT Emergências Climáticas nos 4 Cantos da Cidade foi idealizado durante o curso Educom & Clima, realizado no SESC Consolação. O curso incentivou que professores desenvolvessem planos de ação educacionais sobre temas climáticos. A partir de uma atividade de intercâmbio entre duas escolas – EMEF Águas de Março (Zona Leste) e EMEF Humberto Dantas (Zona Norte) – nasceu o desejo de ampliar o diálogo e envolver mais territórios. O GT busca funcionar como um laboratório de práticas educacionais, conectando escolas por meio de encontros virtuais e presenciais, produção de materiais didáticos, campanhas e produtos midiáticos elaborados com os estudantes. Entre as ações, pretendemos realizar: levantamento de dados sobre problemas climáticos e socioambientais nos bairros das escolas; produção de *podcasts*, vídeos e reportagens escolares sobre temas ambientais; criação de campanhas artísticas e comunicativas de sensibilização; exposições, mostras e feiras ambientais, com a participação da comunidade; e troca de experiências entre escolas, formando uma rede de apoio e aprendizagem mútua.



As linguagens da arte e da comunicação são o coração dessas ações. Por meio da criação de cartazes, murais, performances, vídeos e *podcasts*, os estudantes expressam suas percepções sobre o clima, o território e a cidade. Assim, a arte se torna instrumento de reflexão, pertencimento e transformação social.

Avaliação: A avaliação do GT é processual e formativa. Cada escola realiza registros de suas ações, relatos de experiência e devolutivas coletivas em encontros on-line ou presenciais. Professores e estudantes devem analisar juntos o impacto das atividades, observando mudanças nas atitudes, na consciência ambiental e na participação nas decisões escolares. Entre os principais resultados pretendidos estão: maior engajamento dos estudantes em projetos ambientais e artísticos; fortalecimento da identidade escolar e comunitária; ampliação do uso pedagógico das mídias digitais; valorização da voz e da autoria dos jovens nas decisões e ações da escola; e formação de redes interdisciplinares de educadores, fortalecendo a cultura colaborativa na SME. O grupo mantém registro coletivo das práticas, com produções divulgadas em redes sociais e plataformas digitais das escolas e propomos divulgar também junto à ABPEducom.

O GT Emergências Climáticas nos 4 Cantos da Cidade mostra que a Educomunicação — é uma práxis e um paradigma que busca a transformação social por meio de projetos de intervenção. Ao integrar comunicação, arte e meio ambiente, as escolas paulistanas buscam construir um caminho coletivo de esperança, resistência e transformação. Essa experiência comprova que, quando a escola escuta as vozes dos estudantes e valoriza seus saberes, surgem soluções criativas e colaborativas para os desafios climáticos e sociais da cidade. Assim, o GT se consolida como um espaço de formação contínua, produção de conhecimento e cidadania ecológica, inspirando novas práticas e fortalecendo a rede municipal em sua caminhada por uma educação crítica, participativa e sustentável.





CAPÍTULO 5



COMO FAZER EDUCOMUNICAÇÃO NA MINHA ESCOLA?



Capítulo 5 – Como fazer Educomunicação na minha escola?

5.1. Mapeando oportunidades para a Educomunicação

Assim como a Educomunicação paulistana teve início a partir de um desafio, reduzir casos de violência escolar, você também pode partir de um problema concreto que observa em sua unidade educacional ou na comunidade da qual faz parte, como:

- Dificuldade de aprendizagem;
- Falta de entendimento ou entrosamento entre as pessoas;
- Circulação de boatos e de *fake news* que amedrontam ou confundem as pessoas;
- Aumento de casos de *bullying* ou de *cyberbullying*;
- Pesquisas feitas por estudantes em fontes pouco adequadas ou nada confiáveis;
- Falta de engajamento ou de mobilização para temas urgentes da comunidade.

Antes de propor projetos, no entanto, é interessante buscar entender melhor o contexto em que ele será implementado, isto é, o que está além do que vemos e sentimos sobre as situações desafiadoras ou cotidianas que vivenciamos. Isso é o que chamamos de **avaliação diagnóstica** ou simplesmente **diagnóstico**. Em vez de simplesmente reconhecer um problema ou uma demanda, propomos um mergulho para compreender melhor a forma de pensar e os hábitos culturais das pessoas, bem como as estruturas, potencialidades e limitações de um lugar. Para isso, é interessante estabelecer alguns procedimentos que podem ajudar a entender melhor o contexto que desejamos transformar, como:

- **Realização de conversas em grupo:** propor questões para serem debatidas e respondidas em grupo pode ser bastante interessante para aprofundar a reflexão coletiva sobre problemas e desafios. É comum que, em ocasiões como essas, as pessoas queiram fazer uma “chuva de ideias” para resolver um problema, em vez de pensar sobre o desafio



em si: suas causas, nuances e impactos que provocam. Quando propomos uma conversa em grupo, num momento de diagnóstico de uma situação, a ideia não é somente discutir soluções, mas aprofundar o entendimento do problema e como as pessoas o enxergam. A pessoa que irá mediar esse processo, pode tranquilizar os ânimos, deixando claro que este momento é de exploração de uma situação, fundamental para que - num segundo momento - seja possível pensar em soluções que dialoguem com o que foi levantado na conversa. Busque sistematizar as contribuições e os comentários do grupo. Alguém específico pode ficar com esse papel. Essa sistematização deve ser retomada na hora de propor um projeto.

→ **Realização de dinâmicas de grupo:** diferentemente da conversa em grupo, cujo objetivo é mapear o que as pessoas dizem sobre algo, as dinâmicas pretendem observar como as pessoas se comportam e atuam umas com as outras em propostas de atividades práticas. Trata-se de um método para entender como os(as) sujeitos(as) se relacionam e se comunicam, podendo ajudar na elaboração de estratégias educacionais que permitam a reconstrução de relações, por exemplo. É importante que a pessoa que propõe a dinâmica tome nota sobre a conduta individual dos(as) participantes ao observá-los(as) em interação.

→ **Realização de conversas individuais:** ideal quando queremos explorar diferentes pontos de vista sem querer que um se influencie pelo outro. Também é um procedimento indicado quando queremos compreender como pensam as pessoas envolvidas em uma situação mais delicada, como um caso de bullying, por exemplo, sem expô-las a conversas mais amplas, que podem agravar o constrangimento e a hostilidade no grupo. Aqui também é importante registrar pontos importantes da conversa ou considerações gerais do que você ouviu, posteriormente à escuta.

→ **Aplicação de formulários:** ideal para mapear pensamentos, hábitos e sentimentos de um grande número de pessoas, a partir de perguntas abertas (em que quem responde escreve livremente uma resposta) ou perguntas fechadas (com alternativas delimitadas por



quem cria o instrumento). A vantagem é que as respostas já vêm organizadas e sistematizadas, mas é uma forma mais impessoal de levantar informações.

→ **Consulta a documentos ou outras referências:** ideal para compreender a história de um grupo de pessoas ou de um território, a partir de registros produzidos ao longo de um período. Permite compreender transformações ao longo do tempo e identificar aspectos relevantes na biografia de pessoas, por exemplo.

5.2. Alguns instrumentos de mapeamento

Para ajudar a organizar as informações coletadas, a partir dos procedimentos listados acima, apresentamos três instrumentos. Eles podem ainda integrar o próprio processo de mapeamento com as pessoas envolvidas em um problema ou no contexto em que desejamos implementar alguma prática de Educomunicação.

5.2.1. Mapa de empatia

→ **Para que serve?** Para sistematizar pensamentos, hábitos e sentimentos de pessoas. A partir disso, é possível chegar às necessidades que enfrentam, isso ajuda a pensar em projetos que possam corresponder às demandas.

Nome:		Idade:	
o que PENSA E SENTE? o que OUVE? o que VÊ? o que FALA E FAZ?			
quais são as DORES?		quais são as NECESSIDADES?	



→ **Como funciona?** Observe que, no centro do mapa, há a cabeça de um boneco que remete a diferentes ações. Devemos começar preenchendo as impressões que temos (ou tivemos, a partir de um procedimento de diagnóstico) sobre uma pessoa ou um grupo, acerca do que pensam, sentem, ouvem, veem, falam e fazem. Depois disso, que tal arriscar algumas sugestões sobre as questões relatadas (o que você entende ser os maiores desafios da pessoa ou do grupo) e suas necessidades (o que ela precisa para ultrapassar estes desafios)?

5.2.2. Mapa de contexto

→ **Para que serve:** para compreender a conjuntura de um cenário no qual desejamos intervir. Ajuda a mapear tanto as pessoas que serão as beneficiárias de um projeto quanto as estruturas que podem apoiar ou dificultar as estratégias idealizadas, bem como o contexto mais amplo, que pode oferecer oportunidades ou dificuldades à realização da ideia.

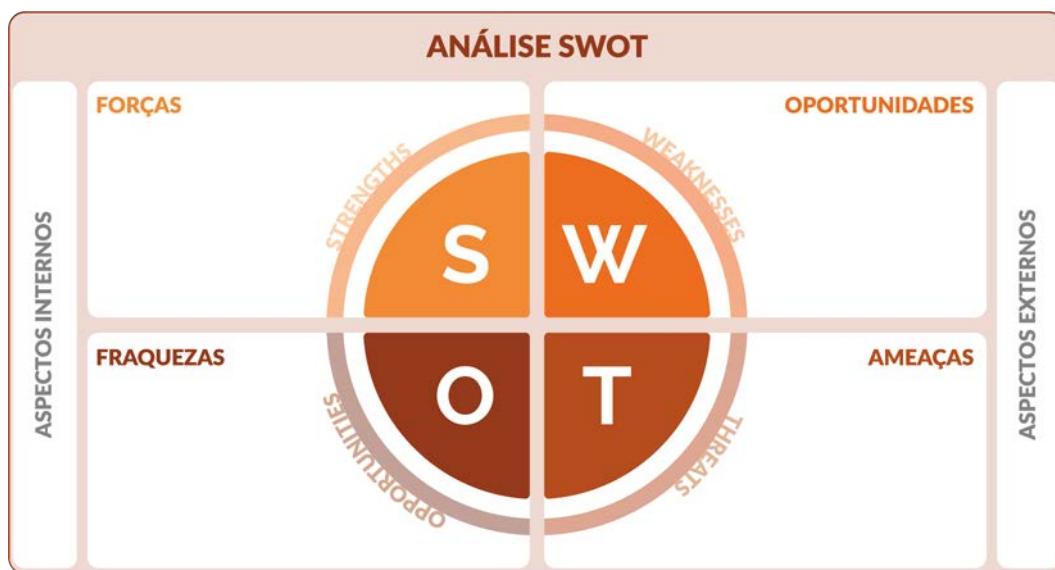


→ **Como funciona:** a intenção é que possamos listar características - do micro ao macro - que envolvem o contexto no qual desejamos intervir, começando pelo que está mais próximo (o público) até o que está mais distante (o contexto político, econômico e social). A partir disso, conseguimos enxergar melhor possíveis problemas a considerar na hora de idealizar uma intervenção, bem como as potencialidades, que podem indicar aspectos relevantes, que poderão integrar o projeto.



5.2.3. Análise SWOT (ou FOFA, na versão em português)

→ **Para que serve:** para listar Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (por isso FOFA) a uma ideia ou projeto, em fase de construção ou em andamento. Ajuda a reconhecer aspectos favoráveis e desfavoráveis para planejar com mais segurança ou mudar o rumo de uma ação, de modo a superar desafios.



SWOT (FOFA) devem ser preenchidos coletivamente e em tópicos, entendendo que as forças e fraquezas referem-se a aspectos internos, ou seja, referentes ao lugar de pertencimento, como escola ou comunidade, às próprias pessoas e às estruturas de apoio conhecidas. Já as oportunidades e as ameaças referem-se a agentes externos (leis, diretrizes, fatores externos à escola ou à comunidade) que podem ajudar ou prejudicar o projeto.

5.3. Sua vez de realizar um mapeamento diagnóstico!

Agora é a sua vez de aplicar um ou mais desses instrumentos para compreender melhor o seu contexto ou o problema que você identificou. Após a aplicação, busque responder as questões do quadro a seguir. Isso será fundamental para, na sequência, idealizarmos um projeto de Educomunicação que contribua para solucionar essa questão.



Sintetizando o problema:

- Qual foi o problema identificado por você ou o contexto mapeado?
- Que procedimento e/ou instrumento para compreender a situação você implementou?
- O que você aprendeu mais profundamente sobre o problema ou contexto nesse processo?

5.3.1. Na prática: planejando o projeto de Educomunicação

Depois de mergulhar no contexto ou no problema identificado, chegou a hora de pensar na proposta educacional que contribuirá para potencializar a comunicação das pessoas envolvidas. Para isso, vamos dar o primeiro passo, pensando no que desejamos que seja transformado.

1º passo: Onde queremos chegar

Depois do mapeamento diagnóstico, é possível ter mais clareza dos desafios que temos e o que desejamos transformar na realidade. O primeiro passo é, portanto, evidenciar isso. Afinal, qual é o problema que identificamos e que situação representaria a transformação do problema?

Pensando na transformação:

Defina o problema ou contexto

↳ Observe o exemplo:

“Estudantes realizam trabalhos de pesquisa somente a partir de redes sociais como o TikTok ou vídeos no YouTube. No processo de diagnóstico, percebi que acham fontes confiáveis de informação, como sites de notícias, muito chatas.”

Escreva o que precisa ser transformado

↳ Observe o exemplo:

“Estudantes devem realizar pesquisas de modo a diversificar suas fontes de informação, interessando-se por fontes especializadas fora das redes sociais.”

2º passo: Definindo a ação

Agora que você compreendeu a transformação que pode acontecer, chegou o momento de pensar no que será feito para que isso ocorra. Vamos definir o projeto propriamente dito, ou seja, a ação que irá envolver os estudantes e outros atores da comunidade em um processo em que deverão exercer o protagonismo e a dialogicidade, de modo inclusivo e horizontal.



O que será feito?

► Explique o projeto de Educomunicação:

↳ Observe o exemplo:

“Vamos criar uma agência de checagem de informações científicas, em que estudantes irão, primeiramente, identificar informações onde desejarem sobre temas como vacina, alimentos cancerígenos e a propagação de doenças virais. Num segundo momento, irão buscar mais informações sobre o assunto em fontes especializadas e comparar as abordagens. Por fim, vão elaborar postagens para o Instagram contando se as informações identificadas inicialmente são confiáveis ou não e explicando o porquê.”

Lembre-se de relacionar a sua proposta aos objetivos e às competências da Educomunicação. A pergunta a ter em mente para ser respondida aqui é a seguinte: De que forma sua proposta promove a educação de qualidade, a liberdade de expressão, o direito à comunicação e à participação de estudantes?

3º passo: Alinhando objetivos e competências de Educomunicação ao projeto

Preencha, no quadro a seguir, os objetivos e as competências da Educomunicação às quais você entende que sua proposta atende. Na sequência, faça um esforço para explicar como a sua ideia corresponde a eles.

Por que minha proposta é educucomunicativa?

► Objetivos contemplados

- ☐ Educação de qualidade
- ☐ Liberdade de expressão
- ☐ Direito à comunicação
- ☐ Participação social

► Competências pretendidas

- ☐ Autoexpressão responsável
- ☐ Leitura crítica da mídia
- ☐ Compromisso com os direitos humanos
- ☐ Trabalho coletivo e cooperativo
- ☐ Transformação social no território
- ☐ Uso crítico das TIC



De que forma os objetivos serão atingidos no projeto que proponho?

Observe o exemplo:

→ **Educação de qualidade:** estudantes irão desenvolver um projeto em conjunto, de forma coletiva e colaborativa, exercendo protagonismo e buscando agir em torno de um problema real.

→ **Liberdade de expressão:** estudantes irão expressar suas opiniões sobre as informações levantadas no processo de investigação e também, ao final, quando devem elaborar uma postagem que dê significado ao que aprenderam.

→ **Direito à comunicação:** estudantes irão utilizar recursos digitais para consolidar sua expressão e publicarão mensagens nas redes sociais.

→ **Participação social:** por meio do processo de investigação de informações e da criação de postagens, contribuirão para a difusão de informações confiáveis nas redes sociais.

Como as competências pretendidas serão desenvolvidas?

Observe o exemplo:

→ **Autoexpressão responsável:** estudantes irão criar postagens após um exercício de checagem de informações.

→ **Leitura crítica da mídia:** estudantes irão analisar a confiabilidade das fontes de informação.

→ **Compromisso com os direitos humanos:** irão fomentar a circulação de informações confiáveis.

→ **Trabalho coletivo e cooperativo:** estudantes farão checagem e criarão postagem em grupos, dialogando sobre descobertas e decisões de forma democrática.

→ **Transformação social no território:** o uso fortalecedor e cidadão das redes ao difundir mensagens de utilidade pública.

→ **Uso crítico das TIC:** estudantes irão utilizar buscadores para analisar informações e usarão as redes sociais para difundir informação de interesse público. difusão de informações confiáveis nas redes sociais.



Depois de visualizar de que forma a proposta responde aos desafios mapeados, a partir de objetivos e de competências educacionais, é preciso detalhar mais a ideia.

4º passo: Detalhando a sequência didática

Como iniciaremos o processo sensibilizando estudantes para o problema em questão? De que forma conduzir a aprendizagem ao longo do tempo reservado para a atividade? Como concluir a proposta pedagógica? Para isso, é preciso definir quantas aulas ou encontros serão necessários para a realização do projeto e os materiais necessários ao seu desenvolvimento.

Busque listar referências (como títulos de vídeos e textos e seus respectivos links, caso haja) e materiais específicos (livro, caderno, projetor, notebook, caixa de som, etc.). Tudo isso serve para que você entenda o que precisa para concretizar sua proposta.

Vamos explicitar o passo a passo da atividade, seus tempos e recursos necessários. Observe o modelo a seguir:

Etapas de Aprendizagem		
Início	Desenvolvimento	Conclusão
→ Defina a atividade que dará início ao projeto, com uma introdução ou uma sensibilização da turma para a principal questão que mobiliza o projeto. Observe o exemplo: Vamos começar o projeto de agência de checagem, introduzindo o tema da desinformação e a importância de combatê-la a partir do vídeo “Vaza, Fake News”, do Projeto Henfilmes, que integra o Programa Imprensa Jovem. A partir do vídeo, vamos dialogar sobre os riscos da desinformação e das fake news para a sociedade de como devemos nos posicionar de forma crítica diante desse tipo de conteúdo.	→ (Defina como será o projeto propriamente dito, descrevendo as principais atividades que irá envolver. Observe o exemplo: Nesta etapa, quem participar vai aprender a verificar informação, a partir dos posts para redes sociais sobre Fake News, produzidos por estudantes no contexto do projeto Imprensa Jovem On-line: Estudante Mediador dos ODS e também do material “Protocolos para avaliar a informação”, do site do EducaMídia. Na sequência, o grupo será desafiado a encontrar informações no TikTok sobre o tema “mudanças climáticas”. Depois disso, vamos conversar sobre as descobertas e, por fim, o grupo vai buscar informações sobre o mesmo tema em fontes especializadas.	→ Defina como será o fechamento da atividade. Observe o exemplo: Estudantes compartilham seus achados das fontes especializadas e comparam estas abordagens com os conteúdos localizados no TikTok. Na sequência, produzem cartazes para as redes sociais, a partir de templates da plataforma Canva, desmentindo as informações falsas ou complementando informações que entenderam ser superficiais, incompletas ou imprecisas. Por fim, compartilham suas produções na página da rede social criada para o projeto, com apoio docente.



Duração e periodicidade	Materiais necessários
→ Defina os tempos do projeto e se ele se repete ou não. Observe o exemplo: As etapas do projeto de agência de checagem (início, desenvolvimento e conclusão) acontecerão em quatro aulas de Ciências, de 50 minutos cada, sendo as duas primeiras para introdução e o desenvolvimento e as duas últimas para a conclusão, com a elaboração dos cartazes). A periodicidade do projeto é de quatro vezes ao ano, no encerramento de cada bimestre letivo.	→ Defina os recursos necessários para a realização das atividades previstas para o projeto. Observe o exemplo: ✎ 4 computadores com conexão à Internet; ✎ Projetor e caixa de som (para a exibição de vídeos); ✎ 4 estojos de canetinhas; ✎ 4 caixas de lápis de cor; ✎ Um bloco de folhas de sulfite.



EducomNaPrática

Henfilmes¹⁴⁰

Escola: EMEF Henrique de Souza Filho

Educadores responsáveis: Bruno Ferreira e Marcelo Guerra

Ano de criação: 2016 | **Faixa etária envolvida:** 6 a 15 anos

Focado na produção audiovisual, o projeto Henfilmes colabora não apenas para a apropriação das tecnologias audiovisuais, como também para a leitura crítica dos(as) estudantes que dele participam. Os entendimentos vão desde o processo de produção midiática, as intencionalidades que permeiam os conteúdos audiovisuais até sobre o tipo de produção que poderia alcançar a comunidade escolar, no sentido de promover debates, diálogos e reflexões. “Utilizando a câmera do celular ou qualquer outro aparelho que capta imagens em vídeo, o estudante pode escrever histórias relacionadas ao cotidiano que vivem, do bairro, da escola”, afirma Bruno Ferreira, professor que criou o projeto em 2016.

Para que essas produções sejam realizadas, propõe-se o estudo da linguagem audiovisual. Dessa forma, temas como fotografia, planos, ângulos, gêneros do cinema permitem que a expertise para o audiovisual e diversas outras competências sejam desenvolvidas. Algo interessante destacado pelo educador Bruno

¹⁴⁰ Canal no YouTube: <https://youtube.com/@henfilmes843?feature=shared>. Acesso em 23 set. 2025.



é a qualificação do projeto ao longo dos anos. Ele explica que, no seu início, em 2016, a prioridade era a produção de histórias frequentes sobre o cotidiano dos estudantes. Mas essa perspectiva foi mudando: “Com o passar do tempo e com os cursos oferecidos pela Secretaria [Municipal de Educação de São Paulo], fui compreendendo a necessidade de trabalhar também a linguagem, entender como funcionava a estrutura para poder gravar um vídeo. Começamos a recorrer a outros recursos, por exemplo, como construir um roteiro, estudar movimentos de câmera, planos, ângulos, a importância do áudio, da sonorização”, afirma o docente.

Um marco importante no projeto foi o interesse estudantil por ampliar seu repertório acerca das fake news, uma vez que eles mesmos começaram a notar a interferência dessa questão na política e na opinião pública. A partir disso, começaram a produzir conteúdos sobre desinformação, além de se responsabilizarem ainda mais pelas informações que o próprio projeto produzia nas redes, especialmente porque o canal passou a ter grande visibilidade, com vídeos que ultrapassaram cinco milhões de visualizações.

Outro importante impacto do projeto junto da comunidade escolar diz respeito à apropriação da linguagem audiovisual, que se refletiu nas propostas de Trabalhos de Conclusão Autorais (TCAs) da escola. “De 2016 em diante, a escola passou a ter muitas produções de TCA em audiovisual, seja documentário ou dramatização. Os estudantes começaram a perceber a potência que isso tinha”, explica Bruno.



Fica a dica!

A produção de curta-metragens é uma boa estratégia educacional. O resultado de um processo de investigação de um tema não precisa ser expressado apenas por meio de narrativas jornalísticas, como notícias, reportagens ou entrevistas. É possível criar encenações que traduzem o entendimento de estudantes. Além disso, as histórias de ficção criadas podem se conectar melhor ao público com o qual deseja-se comunicar, gerando mais proximidade e adesão à ideia. É fundamental, neste processo, refletir sobre as especificidades do seu público pretendido, para escolher, de forma intencional, o formato de seu conteúdo de mídia.



5.4. Avaliação do processo educ comunicativo

Como analisar o andamento e verificar se o projeto atingiu os objetivos e as competências educ comunicativas com os quais se comprometeu? No quadro a seguir listamos alguns resultados previstos para cada uma das competências que os projetos de Educomunicação podem contemplar. O uso desse instrumento é bastante versátil:

→ Você pode usá-los como um check-list de avaliação docente para verificar as habilidades desenvolvidas por estudantes, individualmente ou em grupo, com relação a cada competência de Educomunicação;

→ Cada item pode ser discutido em grupo, marcado e justificado, individualmente num processo de autoavaliação, ou em grupo com todo mundo junto.

Para cada resultado esperado, sugerimos três níveis de correspondência: 1. atendeu plenamente; 2. atendeu parcialmente; 3. não atendeu. Todos devem ser marcados, de acordo com a percepção docente e/ou do grupo. Há ainda a possibilidade de o resultado não ser esperado para a atividade específica ou o projeto proposto.

Por exemplo, um dos resultados listados para o objetivo de transformação social é: “Estudantes atuam no sentido de suprir alguma necessidade ou lacuna informacional da comunidade”. O projeto não precisa, necessariamente, ter o compromisso de produzir informações acerca de um tema pouco disponível à comunidade. Em casos como esse, deve-se marcar “não se aplica”.

É importante lembrar ainda que os resultados de aprendizagem listados podem fazer parte de outros que você já esteja trabalhando com a turma em outros contextos. A proposta da Educomunicação é transversal e os saberes e atitudes que mobiliza podem já estar previstos em outros âmbitos do currículo. Nesse caso, basta reconhecer que o mesmo resultado está previsto em outras propostas.



Competências	Resultados de aprendizagem esperados	Atendido plenamente	Atendido parcialmente	Não atendeu	Não se aplica
Autoexpressão responsável	Estudantes recorrem a fontes de informação confiáveis para produzir conteúdos.				
	Estudantes refletem sobre suas escolhas técnicas, estéticas e narrativas no processo autoral.				
	Estudantes constroem uma narrativa a partir de princípios éticos e com respeito aos direitos humanos e aos direitos autorais.				
	Estudantes contemplam a diversidade étnico-racial e de gênero no conteúdo criado.				
Leitura crítica da mídia e da informação	Estudantes escolhem informações para suas produções de forma crítica.				
	Estudantes avaliam a confiabilidade e/ou adequação das informações encontradas.				
	Estudantes refletem sobre diversidade, viéses e representações presentes em conteúdos de mídia, incluindo os gerados por inteligência artificial.				
	Estudantes reconhecem os propósitos e a intencionalidade de diferentes gêneros midiáticos.				
	Estudantes refletem sobre a autoria e a credibilidade de conteúdos midiáticos que acessam.				
	Estudantes refletem sobre técnicas, contexto, audiência e interpretações sociais dos conteúdos midiáticos que acessam.				
	Estudantes atuam de modo a respeitar e contemplar a diversidade étnico-racial.				



Compromisso com os direitos humanos	Estudantes atuam de modo sustentável e ambientalmente responsável.				
	Estudantes atuam de modo a respeitar e contemplar a diversidade de gênero.				
	Estudantes integram pessoas deficientes e/ou abordam temáticas relacionadas à inclusão.				
Transformação social no território	Estudantes atuam de forma propositiva, deixando algum legado à comunidade.				
	Estudantes ocupam espaços comunitários e/ou realizam ações educomunicativas com o apoio direto de pessoas do entorno da escola.				
	Estudantes atuam no sentido de suprir alguma necessidade ou lacuna informacional da comunidade.				
	Estudantes usam mídias para engajar pessoas em torno de um problema real.				
Trabalho coletivo cooperativo	Estudantes concretizam um projeto idealizado e realizado em grupo, do começo ao fim.				
	Estudantes cooperam entre si, ajudando-se mutuamente nas atividades do projeto.				
	Estudantes aprendem a negociar de forma respeitosa e a tomar decisões de forma democrática.				



Uso crítico das tecnologias da informação e comunicação	Estudantes apropriam-se de recursos digitais e tecnológicos refletindo sobre suas escolhas técnicas.				
	Estudantes usam ferramentas digitais e tecnológicas de forma ética e para aprender e exercer a cidadania.				
	Estudantes usam recursos digitais e tecnológicos com equilíbrio, de modo a preservar sua saúde física e mental.				
	Estudantes problematizam os recursos digitais e tecnológicos usados, reconhecendo suas contradições.				
	Estudantes são propositivos quanto a aspectos estruturais dos recursos digitais que usam no contexto dos projetos de Educomunicação.				



Fica a dica!

O programa Boas Práticas Escolares é produzido pela TV Cultura, em parceria com a Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, tendo como foco apresentar ações, atividades e projetos escolares vinculados ao Currículo da Cidade e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O programa exibido semanalmente aos domingos, também fica disponível na íntegra na Educateca e no canal da SME no Youtube. A qualidade de projetos de Educomunicação apresentados e a importância do Programa Imprensa Jovem na SME/SP incentivaram a criação do quadro Imprensa Jovem148, abrindo espaço no programa, a partir de março de 2024, para conteúdos produzidos por estudantes para estudantes.





EducomNaPrática

PodcêCast – O Podcast do Darcy¹⁴¹

Escola: EMEFM Darcy Ribeiro

Educadora responsável: Fernanda Marques Nogueira Sena

Ano de criação: 2024 | **Faixa etária envolvida:** 15 a 17 anos

A ideia do projeto Podcê Cast teve início a partir da participação da educadora Fernanda Marques Nogueira Sena e uma turma de estudantes em uma formação sobre Educomunicação. A proposta foi apresentada aos estudantes que, inicialmente (quando ainda não haviam vivenciado nenhuma prática educacional), apresentavam certa dificuldade em aderir à ideia proposta. No entanto, após o encontro realizado sobre o tema, o grupo animou-se e decidiu colocar em prática os conhecimentos adquiridos.

O projeto ainda está em fase inicial de desenvolvimento, mas já conta com um primeiro episódio disponibilizado no canal sobre Educomunicação da SME/SP, onde são disponibilizados programas intitulados PodConversar, do qual o projeto fez parte. O maior desafio, daqui em diante, será vencer a timidez dos e das estudantes e performar processos democráticos para a escolha de temas para discussão.

A notícia do projeto se espalhou pela escola e estudantes de outras turmas também demonstraram interesse em participar. Por isso, o grupo inicial tende a aumentar e, com isso, a preparação para o próximo episódio segue a todo o vapor.



Fica a dica!

A produção radiofônica não precisa estar, necessariamente, ligada à veiculação online dos conteúdos, seja em formato de podcast ou de videocast, quando a gravação do programa também é exibida por meio de vídeo. Pode-se, por exemplo, restringir a programação de rádio apenas à transmissão nos horários do intervalo entre as aulas ou enquanto um espaço para compartilhamento de músicas e de notícias, seja no horário de entrada ou de saída de estudantes. Um dos primeiros projetos educacionais da RME/SP ficou conhecido como Rádio Poste. A iniciativa consistia em transmitir a programação radiofônica, gravada com antecedência, nos momentos de entrada e de saída da escola, por meio de um alto-falante instalado num poste conectado ao portão da unidade escolar. Outra possibilidade, ainda, pode ser a de organizar uma programação comunitária, por meio da instalação de alto-falantes espalhados em diversos pontos do entorno da escola, a fim de garantir que os conteúdos sejam disponibilizados a toda a comunidade. Nesse caso, é altamente recomendável a participação ativa de integrantes da comunidade em todo o projeto, desde a produção de pautas até dos conteúdos propriamente.

¹⁴¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@Educomunicacao SME>.





PALAVRAS FINAIS

Palavras finais

Chegamos ao final deste percurso, que mais do que um ponto de chegada, se apresenta como um convite à contínua reflexão e à ação. As páginas desta orientação pedagógica buscaram apresentar a Educomunicação como um paradigma que posiciona o diálogo, a expressão e a escuta no centro do ato pedagógico.

Em um mundo hiperconectado, a apropriação crítica e criativa das linguagens midiáticas é fundamental para o exercício pleno da cidadania. Fomentando práticas educacionais, estamos instrumentalizando nossos estudantes para que sejam mais do que consumidores de informação: queremos que sejam produtores de conhecimento, autores de suas próprias narrativas e agentes de transformação em seus territórios. É o Currículo da Cidade também presente na Educomunicação!

O convite se estende para que cada educador e educadora, em sua realidade, abra espaços para a escuta sensível, fomente a autoria, valorize as múltiplas vozes e transforme a Unidade Educacional em um polo pulsante de comunicação. Que os projetos aqui sugeridos sirvam como inspiração para a criação de muitos outros, nascidos dos interesses e das necessidades dos nossos bebês, crianças, jovens e adultos.

Ao fazer isso, estamos fortalecendo os pilares da Educação Integral, que reconhece os sujeitos em todas as suas dimensões; promovendo uma Educação Inclusiva de fato, na qual cada voz importa e tem o direito de ser ouvida; e materializando a Matriz de Saberes, que mobiliza a empatia, a colaboração, o pensamento crítico e a responsabilidade.

Que estas orientações inspirem projetos inovadores e fortaleçam o papel do educador como mediador de diálogos e curador de experiências significativas. Juntos, educadoras, educadores e estudantes, seguimos na construção de uma educação pública paulistana que comunica, que dialoga e que transforma.





REFERÊNCIAS

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Educomunicação**. Projeto Novas Palavras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/educomunicacao>. Acesso em 28 ago. 2024.

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em Educomunicação**. Campina Grande: EDUFPG, 2024. Disponível em: <https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/229>. Acesso em 13 ago. 2025

BRASIL. **Lei 13.146**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 18 set. 2024.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 18 set. 2024.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Estratégia Brasileira de Educação Midiática**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/10/estrategia-brasileira-de-educacao-midiatica-apresenta-as-politicas-publicas-voltadas-para-a-populacao>. Acesso em 28 ago. 2025.

BRIANEZI, Thaís; LIMA, Carlos; OLIVEIRA, Ednéia; GATTÁS, Carmen. A Educomunicação socioambiental na Rede Municipal de Educação de São Paulo: histórico e análise a partir das perspectivas socioambiental, territorial e democrática. **Comunicação & Educação**, v. 28, n. 2, p. 196–211, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v28i2p196-211>. Acesso em: 26 set. 2025.

CABRAL, Raquel & Gehre, Thiago. **Guia Agenda 2030**: Integrando ODS, Educação e Sociedade. São Paulo: Lucas Fúrio Melara: Raquel Cabral, 2020. Disponível em https://www.guiaagenda2030.org/_files/ugd/9d6116_6a17e1773a19464684cab3197d92d349.pdf. Acesso em 18 set. 2024.



CAMACHO, Alessandra Conceição Leite Funchal. A Educomunicação na educação em saúde para cuidadores com demência”, **Revista Científica de Enfermagem**, 2022. Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/712/711>. Acesso em 18 set. 2024.

CAMPOS, Alessandra et al. Construindo a Educomunicação: relatos de experiências do Projeto Educom.rádio. **Imaginário**, v. 11, n. 11, p. 217-237, 2005. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-666X2005000200010&script=sci_arttext. Acesso em 01 ago. 2025.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Trad. de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

EVARISTO, Conceição. A **Escrevivência** e seus subtextos. In: Duarte, Constancia Lima; Nunes, Isabella Rosado (Orgs.) **Escrevivência: a escrita de nós**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte. 2020, p. 27-46.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In. Duarte, Constancia Lima; Nunes, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 48-54.

FERREIRA, Bruno. **Jornalismo e educação: competências necessárias à prática educacional**. Curitiba: Appris, 2022.

FIUZA, Patricia Jantsch; MARTINI, Rafael Gué & SARTORI, Ademilde (Orgs). **Educomunicação em tempos de pandemia: práticas e desafios**. São Paulo: ABPEducom, 2021, p. 78-86. Disponível em <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/view/33/24/1215-3>. Acesso em 18 set. 2024.

FREINET, Célestin. **Para uma Escola do Povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 70. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie (ed.). **Jornalismo, fake news e desinformação. Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo.** Paris: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.UNESCO.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em 29 jul. 2025.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación.** Ediciones de la Torre, 2010.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 27.

LIMA, Carlos Alberto Mendes de. Nas Ondas do Rádio – Uma década de Educomunicação na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. In: SOARES et. al., **Educomunicação e alfabetização midiática: conceitos, práticas e interlocuções.** Disponível em <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/download/13/17/561-1?inline=1>. Acesso em 05 ago. 2025

PAPERT, S. **Mindstorms: children, computers and powerful ideas.** Brighton: The Harvester Press, 1980.

PRANDINI, Paola. **A cor na voz: identidade étnico-racial, Educomunicação e histórias de vida.**Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

PRANDINI. Paola. **Conexão Atlântica: branquitude, colonialidades e Educomunicação na África do Sul, no Brasil e em Moçambique.** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2024.



PROSPERO, Daniele. **Educomunicação e políticas públicas: os desafios e as contribuições para o Programa Mais Educação**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-30012014-105832/>. Acesso em: 18 set. 2024.

SANTOS, Isabel Pereira dos. Imprensa Jovem On-line: Uma Contribuição para a Cultura em Rede na Educação Municipal de São Paulo. In: SOARES, Ismar de Oliveira, VIANA, Claudemir Edson, XAVIER, Jurema Brasil (org.) **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: ABPEducom. 2017, pág 95-105. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/download/1/1/26-1?inline=1>. Acesso em 01 ago. 2025.

SÃO PAULO. **Decreto nº 46.211**, de 15 de agosto de 2005. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-46211-de-15-de-agosto-de-2005>. Acesso em 18 set. 2024

SÃO PAULO. **Lei nº 13.941**, de 28 de dezembro de 2004. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-13941-de-28-de-dezembro-de-2004>. Acesso em 18 set. 2024.

SÃO PAULO. **Lei nº 18.159**, de 24 de julho de 2024, disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-18159-de-24-de-julho-de-2024>. Acesso em 18 set. 2024.

SÃO PAULO. **Portaria da Secretaria Municipal de Educação nº 7.849, de 01 de dezembro de 2016**. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-de-educacao-sme-7849-de-01-de-dezembro-de-2016>. Acesso em 18 set. 2024.

SÃO PAULO. **Portaria da Secretaria Municipal de Educação nº 7.849**, de 01 de dezembro de 2016. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-de-educacao-sme-7849-de-01-de-dezembro-de-2016> . Acesso em 18 set. 2024.



SÃO PAULO. **Portaria nº 8083**, de 21 de dezembro de 2005. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-gabinete-do-prefeito-8083-de-22-de-dezembro-de-2005> . Acesso em 18 set. 2024

SÃO PAULO. **Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: Tecnologias para Aprendizagem**. São Paulo: SME/COPED, 2017.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria dos Centros Educacionais Integrados e da Educação Integral. **Programa São Paulo Integral: construir novos caminhos pedagógicos**. São Paulo: SME/COCEU, 2016. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/34852.pdf>. Acesso em 05 ago. 2025.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal da Educação. **Instrução Normativa nº 25**, de 29 de agosto de 2024. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/instrucao-normativa-secretaria-municipal-de-educacao-sme-25-de-29-de-agosto-de-2024>. Acesso em 18 set. 2024.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal da Educação. **Portaria nº 5792**, de 14 dezembro de 2009. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-da-educacao-5792-de-15-de-dezembro-de-2009>. Acesso em 18 set. 2024.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal da Educação. **Portaria nº 7.464**, de 3 de Dezembro de 2015. Institui o Programa “São Paulo Integral”. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-de-educacao-7464-de-4-de-dezembro-de-2015>. Acesso em 18 set. 2024.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal da Educação. **Portaria nº 7.849**, de 01 de dezembro de 2016. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-de-educacao-sme-7849-de-01-de-dezembro-de-2016> . Acesso em 18 set.



SÃO PAULO. Secretaria Municipal da Educação. **Portaria nº 7.991**, de 13 de dezembro de 2016. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-de-educacao-7991-de-14-de-dezembro-de-2016>. Acesso em 18 set. 2024

SCARCELLA, Clayton Ferreira dos Santos; SILVA, Ciro Miguel Labrada. Cidadania digital e EJA: análise qualitativa da ausência de educação midiática em contextos periféricos. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 30, n. 1, p. 91–107, 2025. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v30i1p91-107. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/233146>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SCARCELLA, Clayton Ferreira dos Santos; YANAZE, Leandro Key Higuchi. Estratégias educacionais para a neurodiversidade: Revisão de evidências sobre a inclusão de estudantes com distúrbios de comunicação. In: SCARCELLA, Clayton Ferreira dos Santos et al. (org). **Tecnologias assistivas, metodologias e práticas universais para uma escola inclusiva**. Itapiranga: Schreiben, 2025. 138 p. Disponível em: https://www.editoraschreiben.com/_files/ugd/e7cd6e_14d7a56c6co84a87add7dbab61a4aeoa.pdf. Acesso em 15 ago. 2025.

SCARCELLA, Clayton Ferreira dos Santos; YANAZE, Leandro Key Higuchi. Inclusão de estudantes com distúrbios de comunicação: revisão integrativa de literatura das produções científicas dos últimos 10 anos. **Distúrbios da Comunicação**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. e70332, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2025v37i2e70332>. Acesso em: 07 set. 2025.

SILVA, Mauricio Virgulino da. Educom é amor e luta, mas que amor e que luta? **Revista Unifreire**, v.6, n. 6, dez, 2018, p.105-117. Disponível em: https://www.paulofreire.org/download/pdf/Revista_Unifreire_28_12_2018.pdf. Acesso em 18 set. 2024.

SILVA, Mauricio Virgulino. **Cartas a Teodora**: confluências para uma artEducomunicação decolonial. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2023.



SILVA, Mauricio Virgulino; VIANA, Claudemir Edson. Expressão comunicativa por meio da Arte: construindo e refletindo sobre uma área de intervenção da Educomunicação. **Comunicação & Educação**, v.24, n.1, jan./jun. 2019, p. 07-19. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i1p7-19> . Acesso em 18 set. 2024.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Vídeo - Módulo 7**: Arte, Educação e Educomunicação para quê?. Disponível em https://youtu.be/ncxD2M-7GGmk?si=l1_l8-I_8r9KTpHJ. Acesso em 28 ago. 2024.

VIEIRA, Vera de Fátima. Educomunicação pela cidadania das mulheres. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 21, n. 1, p. 61-71, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v21i1p61-71>. Acesso em: 26 set. 2025.

WILSON, C; GRIZZLE, A; TUAZON, R; AKYEMPONG, K; CHEUNG, C. **Alfabetização Midiática e Informacional: currículo para a formação de professores**. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013, 194 p. Disponível em: <https://unesdoc.UNESCO.org/ark:/48223/pf0000220418?posInSet=1&queryId=31fe27a7-fa02-4cae-afe7-5e708e19c472>. Acesso em 28.06.2025.







Cooperação:

